

ESTELLE LAURE

ESSA
LUZ
TÃO
♥ BRILHANTE

SERÁ QUE A MELHOR COISA PODE
ACONTECER NO PIOR MOMENTO?





- ESSA - - LUZ - - TÃO - ♥ BRILHANTE

“Essa luz tão brilhante é um divertido, poético e generoso lembrete de que a vida pode – e vai – nos surpreender.” – Jennifer E. Smith, autora de *A probabilidade estatística do amor à primeira vista* e *A geografia de nós dois*

“O frescor da voz de Lucille, em primeira pessoa, transborda de metáforas, capturando poeticamente seu horizonte emocional de força, fúria, paixão desenfreada e total entrega, no limite da exaustão.” – Shelf Awareness

“O livro de Estelle Laure abrange todo o espectro das emoções humanas e deixa nítida a capacidade da autora de transformar sentimentos pesados em uma linda narrativa.” – *Horn Book*

“Mais do que uma história de amor, este livro é poético e possui uma abordagem promissora da solidão e da conexão entre duas pessoas.” – Laura Ruby, autora de *Bone Gap*

“A narrativa é delicada, mas há nela uma constante aspereza. É um livro dolorosamente esperançoso.” – *Kirkus Reviews*

“Lutando contra causas impossíveis, Lucille é uma heroína profundamente humana, mas forte como aço.” – BNTEENblog

“Estelle Laure escreve com força e lirismo. Sua escrita brota de seu coração com honestidade.” – A. M. Jenkins, *Repossessed*



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ESTELLE LAURE

- ESSA -
- LUZ -
- ♥ TÃO -
BRILHANTE



Título original: *This Raging Light*
Copyright © 2015 por Estelle Laure
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Literária Riff.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Ban

preparo de originais: Juliana Souza

revisão: Flávia Midori e Rebeca Bolite

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Sharismar Rodriguez

adaptação de capa: Duat Design

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L41e

Laure, Estelle

Essa luz tão brilhante [recurso eletrônico]/ Estelle Laure; tradução de Ana Ban. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: *This raging light*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-602-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ban, Ana. II. Título.

16-33929

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para meus filhos, Lilu Sophia e Bodhi Lux, que amam
com todo o coração.

Dia 14

A mamãe tinha que ter voltado para casa ontem, depois de duas semanas de férias. Catorze dias. Ela disse que precisava dar um tempo de tudo (leia-se: nós) e que retornaria antes do primeiro dia de aula. Eu meio que sabia que ela não ia aparecer, por causa do que recebi pelo correio ontem, mas mesmo assim passei a noite toda esperando, torcendo, para que fosse só paranoia minha, para que a minha intuição quase infalível tivesse se estrepado. A porta não rangeu, o assoalho não estalou, e fiquei observando o sol nascer contra a parede, todo o meu ser ciente da verdade: nós estamos sozinhas, Wrenny e eu, pelo menos por enquanto. Wren e Lucille. Lucille e Wren. Vou fazer tudo o que for necessário. Ninguém vai nos separar. Isso significa manter as coisas na máxima normalidade possível. Fingir. Porque as coisas não podiam estar mais longe da normalidade.

O normal foi embora com o papai.

Eu estava com um tipo de sensação flutuante esquisita quando penteei o cabelo de Wren e fiz tranças que, segundo ela, ficaram muito apertadas, preparei o café da manhã, o almoço para nós duas, escolhi as roupas dela, peguei sua mochila e levei-a para o primeiro dia de aula do quarto ano, cumprimentando todos os vizinhos ao mesmo tempo que eu tentava me desviar de qualquer pessoa que tivesse coragem de perguntar onde diabo estava minha mãe. Mas fiz tudo errado, sabe? Fora de ordem.

Eu devia ter preparado o café e me arrumado primeiro. Wren devia ter se vestido depois, e não antes do café da manhã, porque ela faz muita bagunça quando come. Desde hoje de manhã, ela não gosta de atum (“Parece vômito”), que era a comida preferida dela ontem, e só fiquei sabendo disso quando a marmita com o almoço já estava fechada e a gente devia estar saindo de casa. Lavei as pilhas de roupa suja, dobrei as minhas peças, pendurei as da mamãe, coloquei as de Wren com cuidado nas gavetas da cômoda dela, mas acontece que nenhuma das roupas dela está servindo. Como foi que ela cresceu tanto assim em apenas duas semanas? Talvez porque estes catorze dias duraram uma eternidade.

A mamãe é que fazia todas essas coisas sem que ninguém se desse conta. Agora eu me dou conta. Reparo que ela *não está*. Reparo que ela *não faz*. Minha vontade é cutucar Wren, descobrir por que ela não pergunta onde a mamãe está no primeiro dia de aula, por que a mamãe não está aqui. Será que ela sabia, lá no fundo, que isto ia acontecer de

qualquer jeito, que a noite em que a polícia apareceu foi o começo e que esta é a única conclusão necessária e inevitável?

Às vezes, a gente simplesmente sabe.

Mas, bom, eu fiz tudo que a mamãe teria feito. Pelo menos, tentei. Mas o universo sabe muito bem que estou brincando, fingindo seguir um manual que eu gostaria de ter. Mesmo assim, quando eu dei um beijo de despedida no topo da cabeça escuro e macio de Wren, ela entrou saltitante na escola. Isso deve valer alguma coisa.

Faz calor esta manhã. O verão ainda não sabe que está acabando, e eu caminho com rapidez pelas nove quadras que separam as duas escolas. Quando entro pelas portas do colégio do ensino médio, estou toda suada.

E agora estou aqui. Na sala de aula. A música que Wren ficou cantando a caminho da escola, um popzinho qualquer, martela uma dor de cabeça persistente e chata em mim. Chego um pouco atrasada à aula de inglês, mas isso acontece com quase todo mundo no primeiro dia. Logo todos nós saberemos exatamente onde devemos estar, e quando e onde temos que nos sentar. Vamos ser cordeirinhos bonzinhos.

Eden está aqui, sempre chega na hora, cedo o suficiente para reivindicar a carteira em que prefere se sentar. Tem o braço apoiado no encosto de uma cadeira vazia ao lado dela, até me ver. Inglês é a única matéria que cursamos juntas este ano, e isso é muito chato. É a primeira vez que isso acontece. Prefiro quando a gente pode passar o dia todo juntas. Pelo menos meu armário fica ao lado do dela.

Ela é muito legal, mas do jeito dela. Não é aquele tipo de pessoa que diz: “Vem aqui falar comigo.” É do tipo que observa, espera e enxerga muita coisa; faz a linha pensativa. Seu cabelo volumoso e flamejante praticamente transborda pelas costas da cadeira. Está vestindo a armadura em forma de jaqueta de couro, coisa que qualquer um ia achar meio exagerado para um dia de setembro em Cherryville, estado de Nova Jersey. Só que o ar-condicionado desta escola é tão potente que sentimos um frio de sala de cinema, então na verdade até eu gostaria de ter um casaco, e de ter colocado algum agasalho na mochila de Wren também, mas tenho certeza de que na escola de ensino fundamental não fica tão congelante assim. Acho que a diretoria do ensino médio decidiu que nos deixar morrendo de frio pode ajudar a conter nossos hormônios descontrolados ou algo assim.

Estão errados.

O Sr. Liebowitz olha feio para mim quando eu me sento. Interrompi o discurso mal-humorado padrão dele sobre o ano, sobre como ele não vai aceitar nossa falta de disciplina, sobre o fato de que estarmos no último ano do ensino médio não significa que podemos agir feito idiotas e sair ilesos. Ou talvez ele esteja olhando para mim daquele jeito porque também sabe do papai. As pessoas fazem comentários ao meu redor, mas é como se Eden abafasse todo o barulho com a jaqueta de couro dela. Enquanto eu tiver Eden, tudo ficará bem. De qualquer modo, eu nunca falo com outras pessoas.

Digby pode ser o irmão gêmeo dela, mas é comigo que ela divide o cérebro.

Já Liebowitz pode rosnar e andar de um lado para outro quanto quiser que não vai adiantar nada. Todo mundo sabe que ele é um banana, que mal consegue esperar para chegar em casa à noite e vestir o cardigã e os chinelos confortáveis para poder cuidar das plantas com atenção superespetacular e tocar Frank Sinatra ou algo assim para elas. Ele sempre começa o ano todo rígido. E quem pode julgar? O ensino médio é um hospício. Precisava ter barras nas janelas e seguranças do lado de fora. Mas nunca fariam isso aqui.

Eden dá um chute no meu pé e me traz de volta ao presente, então retribuo o chute e fico me perguntando se brincar com o pé da minha melhor amiga se qualifica como mau comportamento.

– Jantar – diz ela, sem emitir som.

– Wren – respondo, também sem som. Dou de ombros.

Meus olhos contam o que aconteceu com a mamãe sem que eu tenha essa intenção.

Ela balança a cabeça.

– Vaca – sussurra.

Dou de ombros de novo, tento não encará-la.

– Pode levar a Wren. A minha mãe é capaz de alimentar o mundo todo.

Faço que sim com a cabeça.

– Digby vai estar lá. – Ela chuta o meu pé mais uma vez.

Faço o meu corpo inteiro ficar estático. Olho fixo para Liebowitz enquanto os lábios finos e esbranquiçados dele formam palavras.

– Bom, ele mora na sua casa – comento. Patético.

– Mocinhas – diz Liebowitz, cantarolando. – Este é só o primeiro dia. Não me obriguem a separar vocês duas.

Boa sorte em tentar nos separar, é o que tenho vontade de dizer. Boa sorte mesmo. Vá dar comida para os seus peixes e regar as suas plantas. Vá vestir seu cardigã e seus chinelos, e vê se me deixa em paz.

Quando Wrenny e eu terminamos de subir a ladeira até a casa de Eden no Corolla antiquíssimo da mamãe, Digby e o pai dele, John, estão no quintal jogando basquete, e a minha vontade é de entrar na casa o mais rápido possível, senão é capaz de eu ficar ali o dia todo, só olhando fixamente para ele. Sinto um tipo de arrepio ou algo assim quando vejo pai e filho jogando bola. Sério, tenho vontade de cobrir os olhos de Wren com a mão para ela não enxergar tudo que está perdendo.

E isso me lembra uma coisa.

– Wren!

– O que foi? – Ela está limpando o nariz na blusa, com um livro no colo, e está um pouco suja, com o cabelo ensebado e embaraçado apesar do meu esforço hoje de manhã. A certa altura as tranças se soltaram e ela ficou selvagem de novo.

– Sabe essa coisa de a mamãe não estar em casa?

Ela para. Fica tensa.

– Sei – responde.

– Bom, a gente não quer que ninguém saiba, certo? Nem Janie nem Eden nem Digby nem John.

– Mas ela está de férias, colocando a cabeça no lugar. Ela vai voltar.

– Certo, vai, sim – digo. – Mas, mesmo assim, a gente não pode contar pra ninguém, porque talvez as pessoas não entendam. Podem ter uma ideia errada.

– Tipo achar que ela abandonou a gente pra sempre?

Tem muito mais coisa acontecendo dentro da cabecinha de Wrenny do que eu um dia vou saber.

– Talvez, ou pelo menos que ela vai demorar mais do que deveria. – Estico a mão para a maçaneta da porta porque não consigo olhar para ela. – Alguém pode pensar isso.

– Mas ela não abandonou a gente – diz. – Ela é a mamãe.

– Claro que não abandonou. – Mentira.

– Então, quem se incomoda com o que os outros vão pensar?

– Wren, só estou pedindo pra não falar nada, certo?

– Certo.

– Algumas coisas ficam só entre a gente. – Abro a porta, então me inclino e tento limpar a blusa dela com o polegar, inutilmente. – Como o fato de a mamãe estar de férias. Combinado?

– Eu disse que tudo bem, tá? – Ela sai do carro e fica esperando, olhando para mim como se eu fosse a pessoa mais irritante do planeta. – Ei, Lu?

– O quê? – respondo, e me preparo para o que vem a seguir.

– A sua mãe é tão gorda que saiu de casa de salto alto e voltou de chinelo de dedo.

Eu poderia dizer a ela que detesto essa nova obsessão dela por piadas de “mãe”, mas não estou a fim de me estender, por isso meio que dou risada para a gente poder seguir em frente. Quero entrar logo, também por causa da outra coisa. Por “outra” quero dizer aquilo que me faz suar só de ficar parada ali. E com “coisa” me refiro a Digby, que conheço desde os 7 anos, mas que ultimamente vem me fazendo agir como uma idiota completamente tonta. Pergunte qual é o meu nome quando eu estiver na presença dele e é possível que eu não consiga responder. Provavelmente eu só diria: “LLLLL... llllllu...”, e você ia ter que enxugar a baba escorrendo pelo meu queixo.

Eu sei. Não é uma imagem bonita.

Mas falando sério... Alto, suado e *sem* camisa, mostrando todos os músculos assim na minha cara. Ele não brilha exatamente, pelo fato de ser mais branco do que branco e porque, depois de um verão inteiro ao ar livre, o máximo de cor que conseguiu está nas sardas cobrindo sua pele. Mas só de ver o cabelo dele colado na testa, o corpo tão comprido e esbelto, ele driblando o pai para fazer a bola entrar na cesta, minha vontade é sair do carro, me ajoelhar na entrada da casa e dizer *Senhor, tenha piedade, aleluia!*,

escrever sonetos, pintá-lo num quadro e idolatrar aquela curvinha onde o pescoço dele se encontra com o ombro que é simplesmente muito, muito perfeita.

Ele é lindo.

E é por isso que, quando ele diz oi para mim, eu mal ergo um dedinho em resposta. Há dois problemas principais aqui. Sem contar com o fato de que ele é irmão gêmeo de Eden e de que isso é esquisito demais, em vários sentidos.

Primeiro: ele tem a mesma namorada desde o início dos tempos. Eles são grudados, ela usa a jaqueta dele e a certidão de casamento dos dois já está praticamente assinada. Anjos abençoam a porcaria da união deles. E segundo: se eu tivesse uma chance com ele, se ele algum dia me beijasse ou algo assim, eu ia morrer de implosão. Sei que pareço uma menina de 12 anos me derretendo por algum ator famoso, e não a futura mulher extremamente dona de si mesma que sou na verdade, mas algo nele me faz perder a cabeça, algo no jeito como ele se move, na pessoa dele: isso acaba comigo. Então, espero que ele nunca me beije. Isso seria um desastre completo. Ninguém precisa me ver desmoronar desse jeito. Muito menos ele.

Na verdade, muito menos eu.

Janie, a mãe de Eden, fez almôndegas. Ela não sabe cozinhar só para quatro pessoas, ou seis, porque é banqueteira e organiza festas, então a geladeira está sempre cheia de restos de coisas que acabam sendo servidas como aperitivos. Quando ela cozinha, faz sempre em grande quantidade. Dá para sentir pelo cheiro na casa que as almôndegas passaram o dia todo fervendo no molho. A essência dos bolinhos penetrou em tudo.

Fico observando Eden e Janie por um minuto. Duas ruivas trabalhando juntas na pia na cozinha nova, grande e arejada, de costas para nós. Tudo é supercertinho aqui nessa casa dos sonhos, exatamente do jeito que eles queriam, então a cozinha, de algum jeito, parece ser uma extensão de Janie. Eden e a mãe são muito parecidas, só que Janie se veste melhor do que Eden, que está com a roupa de balé que sempre usa fora da escola, como se recolocasse uma pele necessária. Janie bate o quadril no de Eden. Eden retribui. O equivalente a chutes de quadril. Eden gosta de trocar chutes de todos os tipos. Elas estão cortando as verduras para a salada, as duas ágeis e eficientes. Dou um abraço em Wren e a puxo para perto bem quando Beaver Cleaver, o poodle, pula em cima dela e Janie nos vê.

– Olá, meninas – cumprimenta ela.

– Oi, Janie – responde Wren, que imediatamente desaba no chão com BC.

Eu aceno.

– O cheiro está delicioso – diz Wren, embaixo da bola de pelos branca. – É molho de vodca?

Janie dá um sorriso.

– Molho de vodca? Isso é um pouco complicado de fazer, não?

– Vi a receita num programa de culinária do canal Food Network – responde Wren, e se levanta de um pulo. – E também é servido no restaurante Gino’s. O de lá é bem gostoso.

– Bom... — Janie aponta para o armário na sala de jantar e eu começo a pegar os pratos – ... isso é impressionante, Wren. Não, não é molho de vodka. É só o bom e velho molho de tomate, mas espero que você goste.

– Ah, sim – responde. – Eu vou gostar. Faz semanas que a gente só come pizza congelada.

– Isso não é verdade – me defendo. Ela exagerou muito.

– É, sim. Tudo que Lucille faz vem de uma caixa.

Tinha muita pizza no nosso freezer.

– Mas e a sua mãe? – pergunta Janie. – Ela é boa na cozinha.

– Ela não está aqui – responde Wren, e então olha para mim dando de ombros, como quem diz “O que você quer que eu fale?”. – Porque ela está de férias – completa a menina.

– Ah, certo – diz Janie, e seu rosto se contrai.

– Que tal assistir a um pouco de TV antes do jantar? – sugere Eden, e se enfia entre Janie e Wren.

– Dez minutos – finaliza Janie, e volta para a cozinha um pouco relutante. – Terminem de colocar a mesa, meninas.

Receber ordens me dá uma sensação boa.

– Sabe – começa Eden –, tem algo muito errado e machista no fato de nós estarmos aqui cozinhando e agindo feito gado domesticado enquanto os rapazes estão lá fora jogando basquete.

– Ah, pelo amor de Deus, Eden – esbraveja Janie, enquanto coloca o molho na travessa grande de salada. – Eu adoro cozinhar.

– Vossa Alteza Real poderia pelo menos colocar a mesa. – Copos tilintam.

– Achei que seria bom que ele passasse um tempo a sós com o pai.

– É, seria bom ele colocar a mesa. Fazer algo além de exibir as habilidades de neandertal dele. Você está incentivando e perpetuando o privilégio masculino, sabia?

– Eden, estou fazendo um jantar pra minha família, o que é uma alegria pra mim. – Ela solta um suspiro bem alto. – Eu não devia precisar explicar isso. E não é crime nenhum deixar os dois jogarem de vez em quando.

– Sim, mas quando é que *a gente* vai jogar, mãe? Esta é a minha pergunta.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Minha respiração fica esquisita. Como elas são idiotas, discutindo por causa disso. Elas não sabem. Elas não sabem.

– Lucille – chama Janie, por cima da cabeça de Eden –, pode me fazer o favor de chamar os rapazes? Diga a eles que o jantar está quase pronto.

Droga.

Como é que num dia uma pessoa é um componente de decoração na casa (uma mesa bacana, talvez) e no outro passa a ser os canos, a fundação, a viga central sem a qual toda a estrutura desaba? Como é que uma estrela que mal se nota se transforma no sol?

Como é que num dia Digby era o irmão reconhecidamente superfofo de Eden e no dia seguinte roubava o ar, causava calafrios e fazia todas as minhas entranhas se contorcerem? Será que são os hormônios? Uma falha na matriz? Resultado do desespero interno e da minha falta de desenvoltura?

Já tentei, um milhão de vezes, identificar o momento em que ele se tornou tão vital, mas não consegui. Só sei que os meus sentimentos idiotas e irritantes comprometeram completamente a minha capacidade de funcionar quando estou perto dele, que quero diminuir o espaço entre nós e me enrolar toda nele. Todo o meu ser iria evaporar, acho. É ridículo.

E é por isso que fico olhando fixo para o meu prato. Muito fixo. Vou comendo a minha almôndega (parece que só tenho apetite para uma) enquanto Eden e Digby ficam implicando um com o outro. Ninguém presta atenção a nada, e tenho medo de erguer os olhos porque Digby está bem na minha frente, do outro lado da mesa.

Wren suja todo o rosto de molho, que chega a respingar na parte da frente da blusa dela.

– Ai, minha nossa – diz ela a Janie. – Você é tipo um gênio da culinária.

Pelo canto do olho, vejo Janie ficar radiante.

– Pode vir aqui sempre que quiser – comenta ela. – Você é oficialmente minha convidada preferida. – Ela espeta no garfo alguns aspargos, sorri e diz: – Culinária. – Balança a cabeça. – Então, Lucille, por quanto tempo a sua mãe vai ficar fora?

Para sempre.

– Ela deve voltar nos próximos dias.

– Está tudo bem com ela? – *Desde que aconteceu*, é o que ela quer dizer. *Depois do que aconteceu*. Janie sempre parece muito intensa.

Wren vira a cabeça para mim e eu me desparaliso.

– Vocês estão bem, mesmo sozinhas em casa? – pressiona Janie.

– Ah, totalmente – respondo, e também me sirvo de um pouco de aspargos. – A mamãe vai voltar.

Até o movimento na mesa parece cessar.

– Claro que sim – afirma Janie. O garfo dela faz *tic-tic-tic* na beirada do prato. – Ela vai voltar, obviamente. – Ela dá uma garfada e mastiga. – Sabe, deixei alguns recados pra ela, só pra ver se está precisando de alguma ajuda. Ela não retornou os meus telefonemas. – Caiu direto na caixa postal. Sim, estou sabendo de tudo. – Ela deve estar aproveitando bastante o tempo longe. Acho que estava precisando. – Há algo no tom dela que não se reflete em seu rosto.

Eu me obrigo a olhar nos olhos dela. Assinto e dou um sorriso tímido. Quando me volto para o meu prato, aquelas coisas gelatinosas traidoras que vivem no meu rosto paramas de Digby, e o frio na barriga que só sinto numa montanha-russa toma conta de mim. Ele baixa os olhos, enrola o espaguete no garfo e fica prestando muita atenção na mãe e no que ela está dizendo agora sobre o casamento em que vai trabalhar no fim de semana.

Eu me endireito na cadeira e chuto Eden por baixo da mesa. Desta vez foi para machucar.

Ele sabe sobre a minha mãe.

Digby sabe.

– Todas as coisas perversas começam na inocência – diz Eden.

Janie chamou Wren para fazer algum tipo de biscoito, então, depois do jantar, nós estamos no quarto de Eden e ela está se alongando e se contorcendo de um jeito que me deixa pouco à vontade, porque são coisas que um corpo humano não devia fazer. Além disso, os pés dela são nojentos, e preciso desviar o olhar quando ela aproxima um deles do meu rosto, não de propósito, mas porque está no meio de algum tipo de contorcionismo maluco.

– Que doentio – digo para um calo, uma unha quebrada roxa, uma pele solta sangrenta.

– Hemingway – completa ela, e seu pé fica se balançando.

– Sério, você precisa tomar alguma providência em relação a isto. Parece inflamado.

– Bobagem – comenta ela. – Está escutando o que eu estou dizendo?

– Hemingway – respondo, me perguntando como é que isso algum dia vai me ajudar na vida.

– Ninguém tem a *intenção* de ser um imbecil, muito menos maldoso.

– Nem assassinos em série?

– Aposto que nem eles. Distúrbios de personalidade atrapalham a minha teoria, mas a gente precisa lembrar que até eles foram bebezinhos fofos um dia, há muito tempo. Eles não têm culpa de terem ficado com a pior parte do genoma humano. Tenha compaixão – pede ela.

– Você xingou a minha mãe de vaca.

– Era isso que eu estava explicando.

– Que a minha mãe é maldosa? – Às vezes eu só queria que ela falasse tudo logo, em vez de fazer eu me esforçar tanto.

– Não. Isso ela não é. Mas o comportamento dela, sim. E isso deriva da inocência...

– Mas ela continua sendo uma imbecil.

– E uma vaca.

– Legal – digo, como quem quer dizer que não é legal, até porque não é.

– Mas ainda assim tenho compaixão por ela. Não deve ser fácil. E agora tenho por você também – completa.

– Por mim. – Números começam a passar pela minha mente.

Fico olhando para o teto do quarto de Eden. “CUIDADO, GENTIL CAVALEIRO”, diz o pedaço de papel colado no alto. “NÃO EXISTE MONSTRO MAIOR DO QUE A RAZÃO.”

– Pode acreditar – diz ela, e aponta para cima com um dedo do pé bem feio.

– Preciso fazer xixi – comento.

– McCarthy – conclui ela enquanto levanto.

Deparo com Digby, que está passando pelo corredor na direção oposta, molhado, vestido com camiseta e short, e a cena parece estranhamente íntima. Há pouco tempo, ele estava nu.

Ele estende a mão para mim. A mão se afasta da lateral do corpo dele, onde estava pendurada, sem fazer nada. Agora está desperta e tocando. Traça o contorno do meu ombro, desce pelo meu braço, desliza pela minha mão. E então Digby se afasta. Continua caminhando. Nem chegou a olhar para mim.

Reparo em um retrato de família. Fico surpresa pelo fato de o terremoto dentro de mim não ter feito a parede de fotografias desabar. Minha pele queima. Todo o sangue do meu corpo está nos pontos em que ele tocou.

Uma guerra.

Uma luta mortal.

Quando entro feito um zumbi faminto no banheiro cheio de vapor, fico pensando que, às vezes, algo lento acontece rápido e você não consegue apreender bem o momento, independentemente de ter sido importante, de ter de fato acontecido ou de você ter inventado. É essa a minha sensação. Será que ele fez mesmo aquilo? Será que realmente tocou em mim daquele jeito? Será? Será que estava tomando liberdades? E, ai, droga, droga duas vezes, se é isso que acontece comigo por causa de um dedinho, então pode levar a sério o que eu disse antes a respeito de esperar que ele nunca me beije e multiplicar por mais ou menos um zilhão.

Agora tem uma cicatriz no meu braço, no lugar em que ele me tocou. Ela se forma na minha pele, em um tom de azul-clarinho, meio furta-cor, como quando as queimaduras começam a sarar. Com o aspecto de pele reconstituída depois de queimada, que é nova e ao mesmo tempo danificada para sempre.

Eu sou dramática.

Dar descarga. Lavar as mãos. Caminhar.

Eden.

– Qual é o seu problema? – pergunta enquanto faz carinho em BC, que se largou deitado no colo dela, arfando.

Olho feio para ela.

– Está chapada? Usou drogas quando saiu do quarto?

E se Digby estiver escutando de onde quer que esteja?

– Biscoitos! – Wren chama da cozinha. Ela parece feliz da vida.

Quando estamos reunidos ao redor da mesa, comendo biscoitos de aveia com gotas de chocolate (menos Eden, que jamais faria uma coisa dessas), Digby passa por nós, ainda sem olhar para mim. Não existe nenhuma conexão secreta. Ele pega a bola que está ao lado da porta, acena com a cabeça na direção da mesa e sai.

São quatro da manhã. Meu estômago está digerindo aquela única almôndega, muita água com gás e vários biscoitos. Obviamente, estou com dificuldade para dormir.

Na mão direita, seguro uma pilha de papéis dobrados com números dentro: conta de luz e de gás, seguro do carro. Contas bimestrais que chegaram na semana passada: água, saneamento. Também tem a conta do telefone. Essa precisa ser paga. Se a mamãe algum dia resolver telefonar, o aparelho tem que estar funcionando. Precisamos de comida, e Wrenny precisa de roupas novas, e eu também, aliás, mas digamos que isso possa ser esquecido por toda a eternidade.

Minha mão direita está tremendo muito.

Na mão esquerda (sim, na mão esquerda, senhorase senhores, meninos e meninas), tenho uma nota lisinha e reluzente de 100 dólares. É por isso que sei que ela ainda está viva. Recebi pelo correio ontem. É por isso que eu sei que minha mãe ainda caminha por algum lugar deste planeta. Ela não foi atingida na cabeça, não está com amnésia nem morta em alguma sarjeta por aí. Apenas não está com a gente. Cem dólares que chegaram em um envelope sem endereço do remetente, mas com carimbo do correio, por isso sei que veio da Califórnia. Ela deve estar lá com amigos que não encontrava havia muito tempo, talvez redescobrando o passado dela ou algo assim. Um bilhete: *Estou tentando. Amo vocês, mamãe*. Só isso. Ela escreveu só isso, pessoal.

O que essas palavras significam? Ela está tentando voltar para nós? Melhorar? Ou arrumar emprego? Talvez seja só um jeito de fazer com que a gente não mande o FBI atrás dela. Tática eficiente. Eu gostaria que as minhas últimas lembranças da mamãe fossem de alguém que eu reconhecesse, de alguém que tivesse um comportamento que eu conseguisse prever. Meio que dá vontade de abordá-la com as mãos na cintura e dizer que tentar não é suficiente, mocinha.

É, mãe. Eu também estou tentando.

Passo a nota pelo meu campo de visão, deixo roçar nos meus cílios. Houve um tempo em que uma nota de 100 dólares teria sido a coisa mais emocionante, a promessa de fazer a festa numa loja de brinquedos, algo para ser guardado para um momento de extravagância.

Agora, não. Agora faz parte de uma grande, enorme equação que tem como resultado a minha completa ruína. Sei que ela queria voltar. Ela não deixou o cartão do banco nem o talão de cheques nem nada. Teria deixado algo se achasse que ia embora para sempre. Ela não é má, ou pelo menos não foi desde o começo. Mesmo assim, minha mãe não está aqui

e não tenho o necessário para desempenhar o papel dela. Ela só me deixou o carro e esta casa.

E Wren.

Minha mão esquerda está fechada em punho.

Dia 27

Estou no parque. O dia está lindo, o sol brilha, os passarinhos cantam, uma brisa fresca sopra. É o tipo de dia que eu sempre desejo, um dos raros em que não está muito úmido nem muito frio. Apenas perfeito. Pena que estou toda agitada por dentro, com dificuldade de respirar.

Estamos quase sem comida. Revirei a casa toda em busca de cada centavo perdido. Procurei em potes, embaixo das almofadas do sofá, no fundo dos bolsos. Levei um saco de moedas de 25 centavos empoeiradas, de 10 centavos incrustadas e de 5 centavos meleçadas até uma máquina no supermercado e troquei tudo por notas de dólar, e não foram muitas. Quantos dias ainda tenho antes que eu precise ficar de joelhos na frente de alguma assistente social, implorando para que ela me deixe pelo menos ficar com a minha irmã?

Wren está no balanço, subindo bem alto, com uma amiga. Ela tem brincado na escola com esta menina, Melanie, e quero que ela se sinta normal, por isso estou aqui no parque, mesmo com tanta coisa para fazer. Melanie está com a cabeça coberta de trancinhas com contas nas pontas e vestindo coisas brilhantes de cima a baixo. É gostoso observar as duas ali, balançando com tanta tranquilidade em um dia tão bonito, apesar de eu pensar em *contas a pagar* cada vez que o balanço sobe e pensar em *dinheiro* cada vez que desce. Shane, a irmã de Melanie, está ao meu lado no banco. Não conheço muito gente na cidade e estou bem assim. Mas agora eu tenho que conhecer esta garota. Pelo menos um pouco. As duas são novas por aqui.

Shane me faz perguntas entre uma mensagem de texto e outra. Como ela recebe várias, fica bem ocupada, e ri bastante, diz “Ai, não, não acredito” enquanto lê. Ontem, ela puxou papo comigo. Tenho vontade de fazer perguntas para ela, mas não queria responder a nenhuma, por isso fico quieta, com as mãos no colo.

– Dez minutos! – grita ela para Melanie. – E não quero ter que falar duas vezes. – O telefone dela vibra. Ela confere e balança a cabeça. – Os garotos são idiotas, né? Sempre se jogam quando você não quer e saem correndo quando você quer.

Sorrio, assentindo. Claro que eles se jogam em cima dela. Ela é morena, exótica e cheia de confiança, mas acessível. Parece divertida.

– Você tem namorado? – pergunta.

– Não.

– Você é gay?

– Não!

– Homofóbica?

– Ai, meu Deus!

Ela faz graça e dá risadinhas.

– Trabalhando?

– Eu?

– Não, pô, os seus pais. Aquela é a sua irmã, certo?

– É.

– Então, a sua mãe está trabalhando?

– Não. – Por que eu respondi isso?

– Então, onde ela está?

Dou de ombros. Minha garganta fica maior do que o espaço disponível para ela.

– Você fica sozinha?

Ela diz isso como se fosse a coisa mais simples, e suas perguntas se sucedem tão rápido que não tenho tempo para pensar.

– Com ela? – continua.

Fico quieta. Apesar de eu saber que não responder é uma resposta, não vou dizer em voz alta. Não conheço esta garota, mas algo bem no fundo me diz: *confie nela*. Meu silêncio parece não fazer diferença para Shane, que olha para mim incisiva. É inútil. Já dá para perceber que ela é o tipo de pessoa que enxerga as coisas como elas são. É algo na estrutura da cabeça dela.

– Eu tinha uma amiga chamada Janine lá onde eu morava antes, em Hoboken. Ela passou uma eternidade tomando conta dos irmãos menores, e, como a família recebia auxílio da assistência social, Janine continuou recebendo os cheques quando a mãe foi embora. Deu certo por um tempo, mas foi difícil. – Ela faz uma pausa. – Você recebe auxílio da assistência social?

Acho que vou vomitar.

– Estou com fome, Lu! – grita Wren para mim. – Podemos ir à casa de Eden?

Não, não podemos ir lá.

– A minha mãe é enfermeira em Flemington – prossegue Shane, como se não tivesse escutado. – Foi por isso que viemos parar nesta porcaria de fim de mundo. Ela só trabalha três dias por semana, mas o horário é maluco. Quase sempre no fim de semana. – Ela aponta para Melanie. – Então tenho que cuidar desta sapequinha nesses dias, e nos outros vou trabalhar. Mas não é ruim. Ela é legal. – Shane pega um chiclete da bolsa e oferece um para mim. Eu aceito, e é gostoso. – Considerando a bagunça sem fim que ela faz, até que ela é fofa. – Ela encosta em mim com o ombro, de um jeito que normalmente me daria vontade de retribuir. Mas não faço isso.

– Então, você cuida dela quando a sua mãe está no trabalho? – experimento.

Shane sorri como se tivesse ganhado algo. E sei que é porque finalmente proferi uma frase completa. Ela chega mais perto.

– É, tem uns dias que é o maior saco, mas a gente precisa fazer o que é necessário.

– Fazer o que é necessário – repito, pensando em todas as coisas que tenho que fazer.

– Você é muito fechada, sabia? – afirma Shane. Ela me olha de cima a baixo. – Precisa se soltar. – Ela me examina com muita atenção. – Você consegue se sustentar com o dinheiro que tem?

Imediatamente, quase choro.

– Você pode arrumar um emprego – sugere ela. – Sabe o restaurante Fred’s? Estão precisando de um ajudante de garçom lá, tipo, agora.

Sim. Eu conheço o Fred’s. Todo mundo conhece. Ele aparece em todas as revistas importantes, então vem gente de todo lugar para comer lá. Fred supostamente é algum tipo de deus maluco da comida, sempre acompanhado por um séquito de gostosas peitudas. Nunca fui lá. É metade palco de arte performática, metade restaurante mexicano, uma loucura. Ou pelo menos isso é o que diz a lenda. Assustador.

– Ah – reage ela, e franze o nariz. – Estou vendo que o lugar não está à sua altura.

Não foi isso que eu quis dar a entender.

Ela faz um sinal para Melanie, que está do outro lado do parque, e a menina ignora completamente.

– Que pena – diz ela, e ergue os óculos escuros para conferir o telefone mais uma vez. – Ganhei 200 dólares ontem à noite.

Duzentos dólares paga a conta de luz. Em uma noite?

Wren chega saltitante e pega a minha mão.

– Vamos emboooooora... – choraminga. – Estou com fome.

– Quer alimentar esta aí? Precisa de um emprego. – diz Shane, e se levanta. – Tire a bunda deste balanço, Mel. A gente precisa ir embora! – Ela faz uma bola de chiclete e a estoura olhando para mim. – Quando você descer do salto, vá até o restaurante. Acho que se for logo ele contrata você. A gente acabou de perder uma pessoa. Ela jogou o avental no chão e foi embora. Não aguentou a pressão.

– Eu não...

– Eu sei do seu pai – cochicha, para Wren não escutar. – Ele é louco, né?

Sinto que o meu rosto muda de cor.

Wren me solta e corre ao encontro de Melanie.

– Tudo bem. – Shane dá tapinhas no meu ombro. – Todo mundo é louco, gata. A gente aprende isso depois de um tempo. Só muda o tipo de loucura e o fato de a pessoa querer ou não se entregar. A decisão em relação a isso é da própria pessoa. O resto não está sob seu controle.

– Olhe o que a Melanie me ensinou – diz Wrenny, e ela e Melanie fazem um negócio de pular e dar tapas no próprio traseiro que me deixa surpresa pela complexidade e pelo

ritmo, considerando que são duas meninas de 9 anos.

– Que legal! – reajo, tentando não deixar transparecer que o meu coração começou a bater todo descompassado quando Shane mencionou o meu pai.

Nós batemos palmas, e eu pego a mochila de Wrenny que está ao lado do banco. Passo a mão pelo celular silencioso que logo vai ficar desligado e na minha última nota de 10 dólares.

– Você acha mesmo que me contratariam no Fred’s?

– Assim é que se fala – responde Shane. – Me passa o seu número de telefone.

Confiança. O que isso quer dizer, aliás? Você entrega a faca para uma pessoa quando confia nela. Isso eu sei que é verdade. Estou agitada e preocupada, mas Shane pode me ajudar a colocar comida na geladeira, manter as luzes acesas, pagar a TV a cabo para a Wren poder assistir aos programas de culinária dela, para nós duas continuarmos juntas.

A minha mão podia estar tremendo, mas eu tinha que entregar a faca àquela garota desconhecida, mesmo sabendo como podia ser afiada.

Digby tem uma faca na mão.

Eden tem outra.

E agora Shane.

É um monte de facas.

Sinto as lâminas roçarem na minha garganta e fico torcendo para que as mãos que seguram as facas sejam firmes.

Então...

Com os meus últimos 10 dólares, eu compro:

250 gramas de presunto

Um pacote de pão branco (o único tipo que consigo fazer Wren comer)

Duas Cocas (não me julgue)

Alface americana (eu sei, não tem valor nutricional nenhum)

Uma maçã (fuji, o único tipo que eu gosto, sempre saborosa)

Comemos nossos sanduíches ao ar livre porque o clima está bom demais para ficarmos trancadas em casa. Bebemos o refrigerante e, enquanto Wren fala e canta, me lembro de quando Eden e Digby moravam ao lado e a gente dividia a mesma varanda porque nossas casas eram geminadas. Quando éramos menores, Eden e eu deixávamos coisas uma para a outra ao lado da cerquinha branca que dividia nossa varanda no meio. Se Eden esquecesse os sapatos na minha casa, eu só os colocava ali e, quando olhava de novo, não estavam

mais lá. Naquela época em que eu tinha tempo para ler, Eden deixava livros para mim com post-its colados nas páginas de que ela gostava.

Eden e Digby moravam do lado bonito e funcional, enquanto eu estava presa à parte desnivelada e bagunçada do mundo. Porque, vamos admitir, nós até éramos uma família quando a mamãe e o papai estavam presentes, mas nunca fomos como *eles*. Nunca achei que isso fosse mudar. Eu ainda não entendia que tudo sempre muda. É uma lei do universo. Queria que alguém tivesse me dito isso desde o começo. Não prestava muita atenção no fato de que eles estavam lá. Eram como uma peça fixa da estrutura. Achava que ficariam ali para sempre.

Mas eles seguiram em frente enquanto a gente escorregou para trás.

Daí chegou a Sra. Albertson com os bobes e seu interminável copo de limonada, que está na mão dela enquanto fica largada na cadeira de balanço que ocupa o lugar onde antes ficava a espreguiçadeira de Eden, encostada na parede de tijolos. Ela acena com a cabeça para nós.

– Oi, meninas.

Acenamos de volta, mas continuamos comendo. Estamos com fome.

– Como vão?

– Estamos bem. – Wrenny enfia o resto do sanduíche na boca. – Quer ver o que eu aprendi no parque?

Ela começa a fazer os passos de dança. Neste momento, parecem mais uma perversão do que uma coisa maravilhosa e impressionante. Será que ela precisa mesmo rebolar tanto?

– Mmmm – murmura a Sra. Albertson, com um ar de condenação contido entre as rugas.

Preciso varrer a varanda.

– Como vai a sua mãe? – pergunta.

– Ela está bem – respondo. O sanduíche fica grande demais para a minha boca, então recusa-se a descer quando tento engolir o que consegui morder. – Ocupada.

Wren se apoia no fundo da varanda, totalmente imóvel.

– Faz tempo que não a vejo por aqui.

– Ah, ela está trabalhando muito. Arrumou um emprego de enfermeira em Flemington, e os horários variam bastante. – As palavras simplesmente saíram.

– Ah. – A Sra. Albertson dá um gole na limonada e parece confusa. – Eu não sabia que ela era enfermeira.

– É, sim – confirmo. – Era antes de ter Wren. Ela se esforçou muito para conseguir que atualizassem o registro dela em Nova Jersey e tal, mas agora conseguiu. Estou muito orgulhosa. Ela anda muito cansada de tanto trabalhar por nossa causa.– Exagerei. *Baixe a bola*. Eu nunca falo tanto assim. Ela vai ficar desconfiada.

Wren batuca com os dedos na cerquinha e cantarola alto.

– Bom, diga a ela que mandei um oi – pede a Sra. Albertson.

– Pode deixar. – Eu nunca digo isso. – E a senhora, como vai? – Meu coração está disparado, e a minha vontade é apenas entrar em casa, mas não quero que pareça que estou fugindo.

– Ah, estou bem. Ainda fico me perguntando por que diabo comprei esta casa. Quando Geoffrey faleceu e meus cinco filhos saíram de casa, pareceu lógico que eu devia me mudar para um lugar um pouco menor. Mas as minhas pernas só vão piorar, sabe? – Ela esfrega a mão na coxa. – Eu devia ter levado a escada em consideração. – Ela dá mais um gole na limonada. – Mas pelo menos agradeço por ainda poder ingerir açúcar. Não tenho diabetes. – Ela bate com os nós dos dedos na cerquinha e sorri.

– Acho que todos nós temos que agradecer pelas pequenas coisas. – Parece a coisa certa a se dizer.

A Sra. Albertson se inclina tanto para a frente que consigo enxergar os seios enrugados e moles que ela esconde dentro da camisa de botão.

– Sim, senhorita Lucille – concorda. – Acredito que isso é tudo que precisamos fazer na vida.

Empurro Wrenny pela porta de tela caindo aos pedaços, pela outra de madeira arranhada, e entramos na paz do nosso palácio em ruínas. Bom, acho que paz é um conceito discutível. Seria mais quietude do que paz. Um silêncio estranho toma conta de tudo. Wren quase nunca fica assim tão quieta.

Conforme andamos pela casa, percebo que:

- os azulejos precisam ser trocados e a tampa do vaso sanitário desencaixou;
- a maçaneta da porta do quarto dos fundos caiu, então, se essa porta fecha sem querer, só dá para abri-la com chave de fenda;
- tem alguma coisa errada com o aquecedor de água também. Só sai água quente quando a lava-louça está ligada, e isso não pode ser normal;
- outra noite, o suporte de toalha simplesmente caiu da parede quando fui tentar pendurar a toalha depois do banho de Wren. Preciso prendê-lo de novo.

Esta casa foi possuída por algum espírito mal-humorado que resolveu detonar tudo porque sabe que os meus pais foram embora.

Nós vamos para a cama da mamãe e eu ligo a TV no bom e velho Food Network, o canal de culinária. Graças a Deus, está passando o programa preferido da Wrenny. A famosa cozinheira Barefoot Contessa dá seu santo sorriso para nós. Ela prepara um assado enquanto Wren se aninha em mim.

A mamãe tinha falado que ia pintar um céu no quarto de Wrenny. Uma semana antes de ir embora, apareceu com uma centena de quadradinhos com amostras de cores e pediu que Wrenny escolhesse. Chegou a comprar tinta e tudo. Achei que estava melhor, mas daí ela tentou visitar o papai uma última vez, e, quando descobriu que ele tinha recebido alta e deixado instruções para que as informações sobre ele permanecessem confidenciais, que não fossem dadas nem para a esposa, tudo voltou a ser um inferno. Mamãe perdeu o controle completamente. Mas, durante um ou dois dias antes disso, ela parecia bem animada. Motivada a juntar os cacos ou algo assim. Achei que ela tinha voltado para nós.

Wren escolheu uma cor chamada “azul ideal”. Disse que queria um céu no quarto dela porque ele só tem uma janela pequena, e a mamãe falou que, se era o céu que ela queria, era o céu que iria ter.

As latas continuam fechadas abaixo das marcas de sapato na parede onde Wrenny sempre apoia os pés. Mas acho que agora o céu não importa mais, é como se a ideia nunca tivesse existido. Minha irmã não passa uma noite no próprio quarto desde que a mamãe foi embora. Isso vale para nós duas. Em vez disso, usamos o quarto da mamãe, já que lá tem uma cama em que nós duas cabemos e TV. Acho que no começo a gente queria deixar a cama quente para ela, mas agora está aquecida só para nós. Juntas. A porta do quarto de Wren passa a maior parte do tempo fechada, só é aberta quando minha irmã entra para pegar ou deixar algo. A gente prefere assim.

A noite cai. Wren não dorme.

Quando a mamãe a colocava na cama, ela cantava ou lia um livro até que Wren dormisse. Em algumas noites, quando eu ia dormir cedo, meu sono era embalado pelos sons de risada e música que elas faziam. Eu? Fico olhando para o teto com a mão nas costas de Wren. Ar entra. Ar sai. Vida.

A mamãe foi embora só com uma mala e uma pasta para notebook, disse que ia se recompor, que voltava logo e que a gente podia falar com ela pelo celular, mas, de todo modo, ela telefonaria todos os dias. Quando perguntamos para onde ia, ela respondeu que não sabia. Mas devia ter uma ideia, sim. Deixou algumas centenas de dólares e o freezer cheio de comida, avisou que as contas do mês já estavam pagas e saiu. Ela estava falando meio arrastado, com os olhos arregalados e embaçados. Mal nos abraçou antes de entrar no táxi em direção ao aeroporto.

Parecia que nem estávamos ali, que éramos fantasmas. Àquela altura ela era só uma casca. A mamãe que eu conhecia já tinha ido embora, e havia bastante tempo. Então esse adeus não foi tanto uma despedida, mas sim o ato de deixar partir o finzinho daquela coisa que já estava se apagando da memória.

Ela nunca telefonou.

Agora Wren está me abraçando pela cintura, quase inconsciente, com a cabeça apoiada no meu ombro. O cabelo dela cheira a cachorro molhado, não por ela ter de fato encostado em algum cachorro, mas porque (como descobri) as meninas pequenas ficam com esse

odor quando não lavam o cabelo e seus hormônios de pré-adolescente saem pela cabeça. Ela coloca o braço por cima da minha barriga, pega o controle remoto e aperta o botão para tirar o som da TV.

- A mamãe não é enfermeira – diz ela, com a voz abafada contra mim.
- Não é – concordo.
- Mas você disse que ela é.
- Eu sei, pequena Wrenny.
- Tudo bem.

Minha vontade é perguntar ao topo da cabeça da Wren o que vamos fazer. Como vai ser o nosso futuro agora? A única coisa que enxergo é um buraco negro, um espaço vazio onde faculdade, garotos e comida deveriam estar. Se eu não fizer algo, em breve a casa vai se desintegrar e desabar. Alguém vai descobrir que estamos sem um responsável, Wren e eu teremos que sair daqui, vão separar a gente, e o meu celular vai ser desligado. A mamãe não vai conseguir entrar em contato se acontecer alguma coisa. E, se ela voltar, estará com aquela expressão apática no rosto. Ela não vai se esforçar o suficiente para melhorar. Não vai lutar. E nós vamos nos perder no meio de listas e do esquecimento.

Notas de 100 dólares vindas de almas errantes não vão dar conta.

Wren está roncando. Faz um zilhão de anos que estou olhando fixo para o teto.

Meu telefone vibra embaixo do travesseiro. Nem por um instante penso que possa ser a mamãe. Só existe uma pessoa que me manda mensagem de texto a essa hora da noite.

TOC TOC, diz. Eden.

QUEM É? Eu consigo digitar por cima da cabeça de Wrenny.

ME ENCONTRA NO RIO

ME DÁ MEIA HORA

A gente tem um lugar. Você sobe um pouco pelo caminho de pedras e então atravessa, passando pelo vagão de trem antigo. A gente não sabe como o vagão foi parar no meio das árvores, entre as rochas. Sempre nos perguntamos por que ninguém além de nós vai até lá, já que é obviamente o lugar mais bacana da cidade. É perfeito para ficar observando o rio e conversar. A gente costumava passar horas com os pés na água nos dias quentes, rodeadas pelo verde e pelas sombras aconchegantes, na época em que resolvemos ser melhores amigas para sempre e compramos colares de ouro falso para simbolizar o acordo. A gente fez até um juramento de sangue. Eden foi a responsável pelo corte que demorou semanas para sarar. Meio parecido com quando ela furou as minhas orelhas, bem na pedra dela. Eu não devia permitir que ela segurasse objetos afiados perto de mim.

Muita coisa aconteceu naquele lugar.

Agora a gente se encontra à noite, no escuro, porque é o único momento que dá para ficarmos sozinhas. E antes que você me condene por deixar Wrenny em casa, leve em consideração que uma vez ela dormiu durante um terremoto na Disney e que nós moramos no lugar provavelmente mais seguro do mundo. Mas, bom, tanto faz. Pode me chamar de irresponsável.

Eden está parecendo um farol. Empoleirada em cima da pedra preferida dela, com polainas e o moletom de capuz preto, é como se ela estivesse brilhando no escuro, coisa que não faz muito sentido, levando em conta as roupas que está usando. Acho que é a pele dela, pálida de uma forma inacreditável.

Dou nela um abraço mais demorado do que deveria. É diferente de quando nos encontramos na escola, ou até na casa dela. Aqui estamos só nós duas, sem testemunhas. Gosto de pensar que as coisas sobre as quais a gente conversa aqui estão seguras, que as palavras escorrem da nossa boca para a terra e fazem crescer árvores que guardam segredos nas folhas.

– Estou com medo – digo enquanto me sento.

– Eu sei. – Ela abraça os joelhos e deixa a cabeça pender para o lado; parece uma ágil fadinha do bosque.

– A Sra. Albertson está fazendo perguntas e a casa está caindo aos pedaços, e não sei o que está acontecendo com Wrenny nem consigo mais enxergar o futuro quando procuro na minha mente.

Ela ajeita o cabelo atrás da orelha.

– Pelo menos você não tem que pagar aluguel nem financiamento. Abençoada seja a sua tia Jan. – Ela faz o sinal da cruz. – Que Deus a tenha, claro.

– Ainda tem os impostos – acrescento. – A conta chegou hoje.

– Você precisa de ajuda, Lu – diz. – Não vai conseguir arcar com isso sozinha. – Ela tira um cigarro do bolso. Diz que todas as bailarinas fumam. Para controlar o peso. Eu gosto do cheiro, do jeito como quase chega aos meus pulmões também. De algum modo, não é tão horrível nela como é nos outros. Talvez seja porque o resto dela cheira a madressilva. Tudo se junta de um jeito agradável, como uma barra de chocolate muito complexa. Ela dá uma longa tragada. Cinzas. – Bom, acho que só faltam nove meses para você fazer 18 anos, né?

Sei que a intenção dela é me reconfortar, mas esse período é uma eternidade para segurar as pontas. E esta é a primeira vez que alguém diz que é realmente possível que a mamãe não volte. Mas o que vai acontecer quando eu completar 18 anos? À batida da meia-noite no meu aniversário, será que tudo vai se resolver por mágica? Talvez eu consiga a guarda de Wren, mas e depois? E pelo resto da vida?

– Não deixe a minha mãe descobrir – sugere. – Ela vai fazer justamente a coisa errada. Anda perguntando muito, e não é boba. – Eden tira uma coisa do bolso e coloca uma nota na minha mão. Uma fada do bosque sem rodeios. – Acho que você deve passar um tempo

longe da minha casa. Seja discreta. Talvez assim ela se esqueça de se envolver. Enquanto isso, faça compras no supermercado e me deixe pensar. Nós vamos dar um jeito.

– Nós – repito, e olho para o dinheiro na palma da minha mão. É suficiente para pagar o almoço nos próximos dois dias. Um dinheiro que eu gostaria de devolver, mas não vou ter como. Culpa. Vergonha. Alegria. Muita coisa junta.

– Claro que é “nós”. – Eden sorri. – Você é minha amiga para sempre, sempre, sempre, sempre, sempre, sempre.

Dou uma risadinha. Ela me fez sorrir. Parece que há muito tempo não faço isso. Coisa de séculos.

Enfio o dinheiro no bolso e volto a olhar para ela com atenção.

– Você acha que a minha mãe ama a gente? – pergunto.

Eden me observa durante um tempão, escolhendo as palavras com muito cuidado.

– Não importa se ela ama ou não vocês. – Ela enfia os longos dedos dentro das mangas, deixando só as pontinhas para fora.

– Sério? – digo.

– “Todo sentimento tem uma ação equivalente ou é inútil.”

– Você que inventou isso?

– Claro que não. Virginia Woolf.

– Ah.

– Sabe o que eu acho, minha pequena Lulu? – Eden puxa o zíper do casaco para cima e para baixo como se estivesse esperando que a resposta saísse do peito dela caso fizesse isso por um número determinado de vezes. Sei quanto ela quer ter respostas para mim. – Que a sua mãe ama você. Ela deve amar tanto que chora todos os dias e deve estar superarrependida. – Ela olha através de mim para o outro lado e depois volta a falar. – Mas se ela não aparecer, se ela não puder... por qualquer razão perturbadora que a obrigue a ficar longe, mesmo sabendo tudo por que você está passando, tudo que você vai ter que aguentar sem ela, então me diga, doce senhorita Lu... Que porra de diferença isso faz?

Em nome da ação, Eden e eu assumimos uma postura pragmática. Ela tirou uma caneta e o caderninho de anotações dela do bolso e nós fizemos uma lista.

Primeiro passo: responder à mensagem de Shane e ir à entrevista de emprego no restaurante Fred’s amanhã, apesar de lá ser muito, muito assustador.

Segundo passo: se eu for contratada, Eden vai tomar conta de Wrenny dois dias por semana na minha casa, para que eu possa trabalhar. Ela vai dizer que está tendo aulas extras de balé. Quatrocentos dólares por semana devem bastar. Não totalmente, mas vão fazer uma grande diferença.

Terceiro passo: pagar as contas, uma de cada vez, em ordem de importância.

Estranhamente, celular e TV a cabo estão no topo da lista. Bom, depois da conta de luz.

Quarto passo: ir à escola e garantir que Wrenny vá à escola e faça a lição de casa para ninguém desconfiar.

Quinto passo: sorrir um pouco.

Eden escreve isto, faz uma carinha sorridente torta, arranca a página do caderninho e joga a lista na minha mão.

– É um começo – afirma, e olha para mim de lado.

– O que foi?

– Nada.

– Sério, o que foi?

– Só estou tentando imaginar você com o shortinho curto do uniforme do Fred's.

– Cala a boca – digo.

– Acho que lá não pode usar macacão.

– Ai, meu Deus.

– Dizer “ai, meu Deus” também não pode.

– Ai, meu Deus!

– Você vai precisar dar um trato no visual.

– Cala a boca.

– E expandir o seu vocabulário – continua ela. – “Cala a boca” e “Ai, meu Deus” não vão colar. Para você treinar: “Olá, que tipo de taco o senhor quer? O duro ou o macio?” – Ela diz “duro” de um jeito nojento. Inclina os peitos para a frente e sacode.

– Eca! – exclamo, e a gente ri bastante. Então penso em voz alta: – Nunca vão me contratar.

– Ah, vão, sim. Você tem seu valor... Ele só está escondido sob várias camadas. – Ela balança a perna na frente do meu rosto, do jeito que sempre faz. – Você. Vai. Ter. Que. Se. Livrar. Delas. – Começa a falar sério. – Apenas finja que é louca por teatro e que sua entrevista vai ser uma peça da escola ou algo assim.

Que ideia mais sem noção. Nem a força de mil super-heróis seria capaz de me convencer a subir em um palco.

– Mas, bom, você não tem mais 8 anos – completa, a malícia brilhando em seus olhos no escuro da noite. – Compre um brilho labial, pelo amor de Deus.

Dia 28

– Então, o que eu disse? – Eden me testa.

Estacionamos na frente do restaurante Fred's, bem nos limites da cidade, dentro do carro da mamãe. Estou aqui para a minha entrevista, tentando dar uma olhada lá dentro pelas janelas espelhadas retangulares do local, mas não consigo. Eden está mordendo o polegar, e isso significa que está preocupada.

– Você me disse para ser corajosa – repito, para que saiba que registrei as instruções dela.

– Certo. – Eden age como se eu só precisasse disso. – “Seja ousada e forças poderosas virão para ajudá-la.” – Ela me olha de lado. – Essa frase é das boas, sabe? Você devia decorá-la.

– Tá. Mas não quero que você fique decepcionada se eu não conseguir.

– Pare com isso. Vai dar tudo certo. Você está ótima. – Ela pega minha camisa e puxa para baixo na frente. Eu coloco o tecido para cima de novo. – Precisa mostrar um pouco o corpo. Só um pouquinho. Um decotinho.

– Tudo bem. – Puxo a camisa um pouco para baixo.

– Você está parecendo a mamãe – diz Wrenny.

– Peguei essa blusa no guarda-roupa dela.

– Não é por isso – continua Wren, e me sinto estranha.

– Tudo bem, garotinha – diz Eden, e dá ré no carro antes mesmo de eu terminar de descer. – Vamos nos divertir um pouco.

– Oba! – comemora Wren.

– E vamos dançar. Ah, vamos, sim.

– Oba! – repete Wren.

– Mande uma mensagem quando terminar que eu volto para buscar você.

Faço que sim com a cabeça.

Elas se afastam com a música tocando alto.

Pelo visto não sou sexy o suficiente.

– Que diabo é isto?

Fred parece um cientista maluco, não um dono de restaurante. Cabelo grisalho, óculos de armação de tartaruga, short, meias puxadas até os joelhos e tamancos. Não sei o que

exatamente eu estava esperando depois de tanta fofoca a respeito dele e de suas excentricidades, mas com certeza não era isto. Isto é algo completamente diferente.

Shane, usando o shortinho curto e a camiseta regata do uniforme, que, aliás, caem superbem nela, dá um tapa no ombro dele.

– Beth pediu demissão, lembra? Esta é minha amiga Lucille. Contrate logo esta garota e fique quieto. Ela está aqui para salvar o seu pescoço.

– Hmmm. É por causa do Jimi Hendrix o seu nome?

Fico impressionada. Ninguém faz essa associação. Assinto.

Ele aponta um dedo magricela para mim.

– Que roupa é esta que ela está usando, Rach? Você por acaso acha que esta garota parece uma de nós?

– Fala sério, Freddie. Ela é bonitinha, apesar da roupa sem graça. – Isto foi dito pelo ser humano que talvez seja o mais lindo que eu já vi na vida. Cabelo louro platinado, corpo que faz meu eu nada gay querer chorar e olhos tão grandes que daria para mergulhar neles. – Rachel – diz ela com uma voz muito suave, e pega minha mão. Um aperto delicado. – Prazer em conhecê-la – cumprimenta a Marilyn Monroe reencarnada.

– Ela fala? – pergunta Fred.

Ele enxuga os dedos limpos e molhados no avental, então apoia as mãos na cintura, em estilo Peter Pan. Ele praticamente vibra, e tenho certeza de que me detesta. Eu sabia que não me encaixaria neste ambiente. Como foi que Eden conseguiu me convencer?

Duzentos dólares, penso. Pilhas de notas, penso.

Tento dar um sorriso.

– Ah, menina, pare com isto – sussurra Shane no meu ouvido. – Não fica nada bonito.

– Eu falo, sim – digo a Fred, e me forço a olhar nos olhos dele.

Ele dá um sorriso sacana.

– Bom, tudo bem, então, Tagarelinha, tenho uma pergunta para você. Está pronta para a guerra?

– Nós adoramos guerra – responde Shane. – Certo, garota?

De modo geral, sou uma pacifista, mas digo:

– Eu adoro guerra, com certeza.

– Que bom, porque este salão é uma zona de batalha, e quando eu digo “vá”, estamos disparando balas. Minha comida são as granadas que você lança. Puxe o pino, baby. Nós somos o esquadrão de operações especiais, sacou?

– Claro, claro, esquadrão de operações especiais.

Algumas garotas entraram e estão fazendo coisas atrás dele. Cortando limões, enchendo com mel umas garrafinhas de plástico, enrolando talheres em guardanapos. Escutam o discurso de Fred e ficam fazendo careta umas para as outras, mas também estão sorrindo, bem felizes. É um bom sinal. Mas Fred parece louco em vários aspectos e isso

me faz lembrar o que Shane disse. Que todos nós temos algum tipo de loucura. Acho que talvez eu goste do estilo específico de Fred.

– Está me escutando? – pergunta ele.

– Sim, estou.

– Aqui as coisas funcionam da seguinte maneira. – Ele anda de um lado para outro na minha frente, meio que executando um passo de sapateado. – Abro o restaurante às cinco e fecho às dez. Você é integrante da Força Especial do Freddie desde que chega aqui, às quatro, até terminar de passar pano no chão e essas merdas.

– Certo.

– É só não sacanear a minha comida nem a minha equipe que vai ficar tudo bem. Nós somos uma família, e vou cuidar de você, entendeu?

Ele faz uma pausa até eu responder que sim. Daí ele retoma o discurso.

– Muito bem. Preciso de você quatro noites por semana, de segunda a quinta. Se quiser trabalhar no fim de semana, vai ter que conquistar o seu lugar ou esperar alguém da equipe do fim de semana morrer.

Quatro noites. Eu disse à Eden que seriam duas, e ninguém vai acreditar que o balé vai até depois das dez. Mas não sei o que mais posso fazer. Preciso aceitar este trabalho, e tenho a sensação de que Fred não está muito a fim de negociar.

– Então, ficamos combinados – diz ele.

Estremeço. Estou contratada?

– Estou contratada? – pergunto.

– Você será a ajudante da Rachel, então vai servir as bebidas. Peça a Val para pegar o álcool para você e limpe a bagunça que os clientes fazem. Ofereça canudinhos e porções de *sour cream*. Recolha as contas pagas, faça tudo que for necessário. Garanta que todo mundo esteja feliz e bem cuidado. Nunca saia do salão sem tirar qualquer coisa de alguma mesa, e nunca volte sem levar nada com você. Aqui não se pode ficar parado. Não tem essa de se sentar para descansar. Vamos ver como você se sai. – Ele dá um meio sorriso e se vira para Shane, que está enchendo garrafinhas de ketchup no outro canto. – Mas ela não pode trabalhar assim. Dá para melhorar esta roupa?

– Peraí... Vou começar a trabalhar agora mesmo?

– Vou ver o que tem lá atrás – diz Shane, e me lança o tipo de piscadela que é ao mesmo tempo fofa e cheia de confiança, mas que também dá a entender que é para não discutir.

– Você tem o corpo bonito e um rosto bacana. – Ele se balança para perto de mim em cima do tamanco ridículo. – Meu esquadrão de operações especiais é formado por um bando de garotas fodonas com armas de taco. Somos atiradores de elite de burritos, bombardeiros de tamales. – Ele dá alguns socos no ar. – Somos uma família, mas gosto que cada integrante seja sexy, então descubra como se virar com o que tem e vai dar tudo certo.

– E descubra também como carregar uma bandeja com 14 copos cheios em cima. – Rachel se mete. De algum jeito, ela consegue deslizar sobre os saltos altos perigosíssimos em vez de andar com dificuldade. – Não se preocupe, vai ficar tudo bem. Nós todos passamos pelo primeiro dia.

– Certo – digo, pensando nos 200 dólares que terei no meu bolso se eu conseguir sobreviver a isto. – Me faça ficar gostosa para eu poder fazer parte do esquadrão de operações especiais e tal.

Uma garota de cabelo preto, franja reta e unhas vermelhas, coberta de tatuagens, também me incentiva. Val.

– Vamos lá, menina, vamos preencher a papelada para a sua admissão – pede ela. – Você consegue.

Ai, meu Deus, sussurra o peixe fora d'água que está entrando em pânico na minha mente. *Espero que sim.*

Cala. A. Boca.

Estou suando. Na verdade, nunca tinha suado tanto em toda a minha vida. Passo a língua nos lábios e sinto um gosto salgado. Eu devia estar cansada, mas, em vez disso, estou formigando até as pontas dos dedos, desperta. Parece que, quando vesti o short preto de Shane e os sapatos de salto alto de Rachel, algo aconteceu. Os sapatos fizeram o meu quadril sacudir para a frente e para trás quando eu andava (bom, quase corria) pelo salão do restaurante, e quando olhei no espelho e vi meu rosto maquiado (o delineador preto, o batom vermelho), percebi que Eden tinha razão: eu só precisava fingir ser outra pessoa, uma pessoa corajosa.

Algo caiu no chão. Eu só conseguia pensar nas coisas que eu tinha que fazer, nas coisas de que as outras pessoas precisavam, e não havia espaço para mais nada no meu cérebro. Tudo foi espremido para fora e só tinha sobrado eu e este lugar pulsante, barulhento, explosivo. Cheguei a derrubar uma bandeja de copos d'água nas costas de alguém e achei que seria o meu fim ali, mas, quando dei uma olhada na cozinha, Fred estava rindo. Depois disso, foi moleza.

Também passei pano no chão. Limpei balcões, potes de mel e a parte de dentro das geladeiras. Guardei limões e garrafinhas de ketchup. Tem algo nisto que faz sentido para mim. Há um começo na noite. E também caos, correria e barulhos ruidosos. E daí a porta se fecha, e quando termino a lista de afazeres, quando todos os caixas são conferidos, há um fim. A cozinha está limpa. O salão, em paz. Todo mundo está exausto, mas feliz. É um arrefecimento. Ordem.

E tem mais uma coisa. Sou boa nisso.

E agora estou segurando dinheiro, muito dinheiro, nas mãos.

– Vá pedir a Val para trocar por notas de 20 para você – sugere Rachel.

– Ai, meu Deus, obrigada!

– Não me agradeça, querida. Você mereceu – elogia.

Ganhei mais de 100 dólares.

Val está rodeada de dinheiro. Conta notas de 20 e tira minha pilha de notas de 1, 5 e 10 dólares.

– Você foi bem. – Fred me dá um susto.

Ele tirou o avental, e sem isso não passa de um sujeito com jeitão de nerd, dentes estranhamente afiados e óculos sujos. O cabelo dele está penteado para trás e o rosto limpo. Mas ainda está usando meias e tamancos. Se você o visse caminhando pela rua, jamais imaginaria que é o comandante-chefe deste império bizarro.

– Obrigada – agradeço.

Há algo em Fred que me faz querer trabalhar bem para ele, e sinto como se eu tivesse acabado de tirar 10 em uma prova que eu achava que me deixaria abaixo da média.

– Acho que vamos ficar com você.

Meu corpo todo dói de alegria.

– Isso mesmo – diz Shane, e me abraça. – Eu disse, Freddie. Quando é que você vai aprender a me escutar?

Ele sorri e tira um cigarro do bolso.

– Val, você fecha tudo?

Mando uma mensagem para Eden dizendo que estou pronta e que ela pode me buscar e, quando saio procurando sinais do carro da mamãe, vejo Digby dentro do International cor de laranja dele, apelidado carinhosamente de Animal, e tudo em mim se liquidifica.

Lamento por antecipação, porque vou ter que arrancar a pele da minha melhor amiga por isso.

Estou morrendo de frio com esta roupa. Por que não me troquei? Minha vontade é sair correndo, mas sei que poderia parecer falta de educação, e está fazendo muito frio e não quero voltar para casa a pé. Então tento parecer normal quando me aproximo do carro.

Ele abre a porta do carona.

– Oi.

– Oi. – Entro, tentando não fazer o couro ranger.

– Eden me pediu pra buscar você. Wren caiu no sono, e ela não queria deixá-la sozinha.

Saímos após um ronco baixo do motor, e tento não olhar para as mãos dele.

– Belo short – diz ele, e escuto o sorriso em suas palavras.

– É que preciso me vestir assim.

– Nunca achei que você pudesse ser uma das garotas do Fred's.

– A necessidade é a mãe...

Ele se ajeita no assento.

– Ficou legal. Eu não quis dizer nada. O short fica bem em você, é isso que quero dizer. Você tem pernas bonitas.

Agora é a minha vez de me ajeitar no assento. Puxo as roupas na esperança de me cobrir um pouco mais, então descubro que o short não vai mais longe do que isto.

– Eu só quis dizer – continua ele – que você é tímida demais para trabalhar ali, e eu nunca tinha visto as suas pernas, e elas são bonitas.

– Tudo bem – digo. – Não precisa me dar explicações. – Silêncio. Silêncio. – E obrigada. E talvez eu não seja assim tão tímida. – Estou pensando na noite pela qual acabei de passar. – Talvez você é que seja tímido.

Ele parece refletir sobre a questão.

– Pode ser.

Paramos na frente da minha casa. Quase levo um susto, foi muito rápido.

– Você chama a Eden pra mim? – pede.

– Claro.

Saio do carro. Olho bem nos olhos dele, o verde limpo e doce que ele carrega consigo como se não fosse nada. Eu me forço a permanecer fixa neles, a tentar enxergar o que tem lá dentro. O reflexo da luz do poste, é isso que tem lá dentro. Estrelinhas brilhantes. É isso. Ele desvia o olhar primeiro.

– Boa noite, Lucille. – Ele fala como se eu estivesse parada do lado oposto ao que eu de fato estava.

– Valeu, Digby. – *Clique*. Ele simplesmente virou para o outro lado, tenho certeza de que foi porque não conseguia olhar para mim. – Vou chamar a Eden.

Eden está lendo sentada no chão com as pernas abertas como se fosse uma boneca quebrada. Wren apagou no sofá.

– E aí? – Ela me examina dos pés à cabeça, de trás do livro. Faulkner. – Caramba, você está bonita assim toda piranha.

– Você acha? Que bom, porque eu estava pensando em deixar de lado o All Star e o macacão, como você sugeriu, para usar isto todos os dias.

– Quanto você ganhou?

– Cento e oito dólares, para ser exata.

– Nada mau. Além do mais, esse é um número sagrado. Poderoso. Coisas boas estão por vir. – Ela fecha o livro. – O Digby está me esperando?

– Está, sim. – Tento olhar feio para ela. – Obrigada por avisar, aliás.

– Por que você precisa de aviso? – Ela está guardando o livro na bolsa, sem olhar para mim. – É só o Dig.

– E a Wren? – pergunto. – Ficou tudo bem com ela?

– Ah, ficou, sim. A gente dançou um pouco, fez lição de casa, assistiu a *Cake Boss*. Ele fez um bolo em forma de lagarto. – Eden boceja. – Não sei como ele faz aquilo; saía

fogo da boca dele, e, quando você comia o rabo, crescia outro. O cara é tipo um deus. – Ela me dá um abraço rápido, aperta os meus ombros. – Mas a Sra. Albertson deu uma passada aqui. Ela queria falar com a sua mãe.

Gelei.

– O que você disse a ela?

– Que ela está de férias.

– Ah.

– O que foi? – pergunta ela, já de muito longe. – Qual é o problema?

Muitas mentiras.

A noite que foi o fim de tudo

Na noite em que o papai foi embora, deixei a janela aberta porque estava chegando a época do ano em que nunca esfria, mas ele ainda não tinha tirado os aparelhos de ar-condicionado do porão. É uma das escolhas que hoje me fazem refletir. E se a janela estivesse fechada? E se o ar-condicionado estivesse ligado, fazendo barulho? Será que a mamãe estaria viva?

Confundi o papai com um porco.

Ouvi choramingsos e guinchos embaixo da minha janela, só que no começo eu não sabia que era o papai. Eu me sentei ereta, procurando a origem daquele barulho horrível e atorrentador, tentando entender como um porco tinha fugido de algum lugar e ido parar no meio da cidade. Daí o “animal” disse o nome da mamãe, não uma, mas repetidas vezes, um mantra guinchado.

– Lauralauralauralauralaura.

Estridente. Selvagem. Não podia ser um homem. Só que era o papai. Meu estômago me dizia que era. A saliva que encheu minha boca me dizia que era. Meu peito palpitante também.

– Fique quieto, querido – sibilou mamãe, da rua. – Entre.

Eu tremi dentro da camiseta que usava para dormir, dei passos curtos e rápidos até a janela e me inclinei para baixo, mas eles estavam perto demais da fachada para que eu conseguisse enxergar qualquer coisa. Fiquei olhando fixo para a rua tranquila, para os arbustos perfeitos do nosso vizinho Andrew logo ao lado, e escutei com atenção.

– Não posso, não posso – disse ele. – Não posso voltar lá pra dentro.

– São só... Tony, dê apenas cinco passos e entre em casa.

– Toda a minha vida é uma mentira. Sou um fracassado. Fracassei com isso, com tudo.

– Não fracassou. Quem se importa com um aumento idiota? Isso não é nada.

– Você fez com que eu me importasse com esta merda. A culpa é sua. – A voz dele ficou mais alta. – Foi você quem fez isso.

– O que eu fiz? O que foi que eu fiz contra você? – Ela parecia muito derrotada.

– Você queria filhos. Dei filhos a você. Você queria que eu parasse de viajar. Parei de tocar em turnês com a banda. Você queria que eu arrumasse um emprego de verdade. Consegui um. Você fez isso comigo. – Ele se afastou, então avistei os ombros grandes

dele, a camiseta da banda Bones Brigade gasta e caindo por cima do peito e da barriga dele, as mãos nos cabelos. – Olha pra mim. Olha pra mim. Não sou um homem. Eu fracassei. Não tenho nada pra exibir como um bom resultado. Eu tinha que estar surfando, vivendo de música, não fazendo esta porcaria que suga a minha alma. Não posso mais fazer isso.

– Fazer o quê?

A voz da mamãe estava tão sussurrada e engrolada que eu quase gritei para ela naquele momento, mas ele continuou falando:

– Nada disso. Fico péssimo de terno. Sou um fracassado. Você enxerga isso, né? Isso está me matando, todo este engodo de vida. Vocês estão me matando, vocês três. Não tenho carreira, não tenho casa própria, sou um nada, um nada. E você é uma vampira. – Agora a voz tinha ficado grave, de um jeito que eu nunca tinha escutado antes. – Você é demoníaca. Você e aquelas porras daquelas crianças tiraram tudo de mim. – Ele apontou para ela. – Você fez isso de propósito.

– Você não pode ir embora – disse minha mãe.

– Por que não? Você não me ama. Eu não amo você. De que adianta continuar?

– Eu amo tanto você que chego a ficar doente – argumentou ela, e eu soube que era verdade porque sua voz falhou. Ele balançou a cabeça. – Tony, vem pra dentro de casa. – Agora ela falava de forma tranquilizadora, como se estivesse falando com Wren sobre um joelho machucado. – Vem comigo, só isso. Eu preparo uma xícara de chá pra você.

– Chá? – Ele deu risada. – *Chá?* O que é isso? Você ficou maluca? Não quero chá. Quero a minha vida de volta. Quero o que você tirou de mim, porra.

– Tony... – finalizou mamãe.

Foi aí que ele a agarrou.

Os dois se embolaram, e eu apertei o nariz contra a tela, tentando enxergá-los, mas eles tinham desaparecido embaixo do telhado e eu só conseguia ver os carros estacionados ao longo da calçada. Tudo muito parado. Tudo ficou muito parado durante um segundo. Daí eles surgiram de novo no meu campo de visão, cambaleando; o papai arrastava a mamãe segurando-a pelo pescoço.

Os barulhos de porco, os choramingos e os guinchos voltaram. Ele ergueu os olhos. Não sei se estava procurando Deus ou estrelas, mas encontrou a mim. E eu juro, juro que ele não estava ali de corpo presente. Havia um monstro no lugar dele. O rosto do papai se contorcia, a pele dele parecia cinza e opaca à luz do poste. Mas os olhos dele, os olhos queimavam.

Dei meia-volta, me contorci para sair do lugar em que estava e descii a escada. Acho que fui voando. É a única explicação que tenho para a rapidez com que saí pela porta. E daí eu estava em cima dele, da mão gigantesca dele, puxando-a. Ele a soltou, apesar do monstro dentro dele, como se eu estivesse dando choque, como se a minha pele o

enfraquecesse. A mamãe caiu no chão, e agora ela também fazia barulhos animais. Ela vomitou um pouco enquanto tentava sorver o ar.

As pernas do papai cederam, e ele chorou como Wren fazia quando era mais nova. Pior do que isso, porque alguma coisa dentro dele tinha se desfeito, e percebi isso na hora. A polícia, a ambulância, tudo isso apareceu. Até alguns bombeiros voluntários. Não demorou muito para que a notícia se espalhasse. Afinal de contas, nós moramos a apenas alguns metros do Corpo de Bombeiros.

A mamãe tentou impedir que o levassem embora, apesar de o pescoço dela estar cheio de hematomas. Ela não quis registrar a ocorrência. Ele ficou chorando por muito tempo sob aquelas luzes piscantes, enquanto Irv e Linda, os policiais, tentavam entender o que de fato tinha acontecido. A certa altura, o papai começou a rir, parecendo uma hiena, e foi colocado dentro da viatura – tenho certeza absoluta de que o principal motivo para isso foi o fato de sua risada ter um som superdesagradável e de ninguém conseguir fazê-lo parar.

– Não o levem embora. É meu marido – mamãe ficava repetindo, mas explicaram que era necessário, pelo menos por aquela noite.

Ele acabou ficando sob vigilância contra suicídio no hospício (desculpe, *clínica de saúde mental*), e essa foi a última vez que eu o vi, agitado, urrando em uma viatura de polícia.

Pode acreditar, todo mundo saiu de suas casas depois que ele foi levado. Parecia uma porcaria de uma reunião da vizinhança. Andrew de robe de seda na varanda e até o Fumante duas casas mais para baixo. Em plena madrugada, fumando, fumando.

Ninguém disse nada sobre o que aconteceu. Não para nós. Só arrastaram os pés um pouco mais do que o normal. *Desculpem*, eu tinha vontade de dizer. Sinto muito por termos bagunçado seu subúrbio.

Amanhecia quando tudo finalmente se acalmou. Depois que a polícia foi embora levando o papai, a Linda e a mamãe ficaram conversando no espaço estreito entre as casas, em voz baixa demais, para que eu não escutasse. Passarinhos chilreavam alegremente.

A mamãe me pegou pela mão e não fez muito mais além de dar uma olhada nos vizinhos enquanto entrávamos em casa. Ela me levou escada acima, até o quarto de Wrenny. Minha irmã ainda estava dormindo, claro, e só acordaria dali a umas duas horas pelo menos, usando seus poderes fantásticos de dormir sem se incomodar nem um pouco com o que estava acontecendo. Cada uma de nós se acomodou em um dos lados dela, largadas no colchão de solteiro, apertadas contra o corpo dela, no cômodo que tinha sido o quarto de hóspedes em que dormia a tia Jan. A gente se olhou por cima da cabeça dela. Wren era uma âncora entre a gente, e nós nos segurávamos com força.

– Mãe.

– Lu.

– Você precisa ir ao hospital? – Mantive a voz firme. – Por causa do pescoço?

– Não, querida. Vamos dormir agora. Só faltam algumas horas para que eu possa buscar o seu pai. – Ela ajeitou uma mecha do cabelo de Wren atrás da orelha e tirou um pouco do suor do sono da testa dela. – Vamos descansar os olhos. Teremos muito a fazer quando acordarmos.

– Certo – respondi, querendo fazer muitas perguntas a respeito do que estava por vir e sobre o que tinha acontecido.

Será que ele estava bêbado? Drogado? Será que ela ia mesmo deixar o papai voltar para casa depois do que ele tinha feito a ela, depois do que dissera sobre nós? Eu já estava sentindo que nada seria como antes, já que meu pai colocou as mãos no pescoço da minha mãe e também disse que não a amava. Não existe forma de se recuperar disso, não é? Algumas coisas não podem ser desdidas, desfeitas.

– Vai ficar tudo bem com ele? – arrisquei, num sussurro.

– Claro que sim. Vai ficar tudo bem com todos nós.

Mamãe então sorriu para mim, ruguinhas apareceram nos cantos de sua boca, e ela passou o braço por cima de Wren para colocá-lo sobre mim.

– Ele é um homem bom, sabe? – disse ela.

Ela parecia tão desesperada para que aquilo fosse verdade que eu tive que me virar para o outro lado. Eu sabia que ela não estava sorrindo porque tudo ficaria bem. Ela estava sorrindo porque não ficaria, e porque não havia mais nada que ela pudesse fazer.

Dia 28 – continuação

O rosto de Wrenny tinha as marcas do sofá quando tirei o livro de cima do peito dela; estava com as bochechas coradas. Ela me abraça pela cintura e nós contamos os degraus escada acima. Ela nem abre os olhos. Não precisa. Esta é a casa dela, e seus pés conhecem o caminho. Minha irmã nunca morou em nenhum outro lugar.

– Um – digo.

– Dois. – Ela boceja.

Vamos até 13. Ela vira à esquerda.

– Aonde você vai, Wrenny?

– Para o quarto da mamãe.

– Acho que você devia dormir no seu quarto hoje.

Quer dizer, em algum momento isso precisa acontecer, certo?

Ela me olha como se eu tivesse depositado meu cérebro no pé da escada.

– Não gosto de lá.

– Você escovou os dentes?

– Escovei – responde ela, e me examina de cima a baixo. – Antes de eu dormir no sofá.

– Certo – digo, como se essa fosse a razão por que estamos indo para o quarto da mamãe mais uma vez, e não o fato de eu não ter energia para discutir.

– Você parece uma estrela do rock – comenta, agora sorrindo.

Pareço é uma piranha, penso.

– Obrigada – agradeço.

Ela passa a mão pelo meu braço.

– Grudento.

Faço a mesma coisa na bochecha dela.

– É, você também.

– E você está cheirando a burrito.

– Não pare com os elogios, queridinha.

– Mas está mesmo. E também de taco, talvez.

Wren vai direto para a cama da mamãe. Os lençóis estão embolados; com tanta correria, não deu tempo de arrumar. Ela se arrasta para debaixo das cobertas, fica me observando enquanto tiro a roupa e pego uma toalha. Impossível ir para a cama sem tomar

banho. Ouço um barulho bem parecido com o de velcro sendo descolado quando tiro o short curto e a camiseta. Eu me enrolo na toalha, mas logo me descubro, deixando meu corpo se refrescar um pouco.

– O que você está fazendo? – pergunta Wren. – Você está pelada.

– Não sei o que eu estou fazendo. – Volto a me cobrir. – Mas essa é uma ótima pergunta – resmungo, e sigo em direção ao banheiro.

– Você vai me abandonar?

Paro à porta. Tem algo na voz dela.

– Só vou tomar banho – respondo. – Não quero dormir com cheiro de comida mexicana.

– Posso ir junto?

– Quer vir ao banheiro comigo?

– Não sei. É que não quero ficar sozinha.

Mas eu quero.

– Fico sentada na privada – sugere.

– Não, Wren, fique aqui.

O relógio marca onze e meia. Ela vai estar acabada de manhã.

– Posso entrar com você.

– No chuveiro?

Wren faz que sim com a cabeça.

– Fique aqui. Durma.

Os olhos da menina se enchem de lágrimas. Seu maxilar trava.

– Acho que você pode ficar me esperando lá dentro.

Corro até o andar de baixo e ligo a lava-louça, daí tomo o banho mais curto de todos os tempos, tempo o bastante só para me ensaboar e enxaguar. Quando a água quente pinga em mim e eu sinto falta de um chuveiro com bastante pressão, daqueles de quando eu ia a shows com o papai, encosto o rosto contra o azulejo. Eu queria poder atravessar a parede, desaparecer dentro dela, me desintegrar e nunca mais voltar. Meus ombros tremem, meu rosto se contrai, mas não choro. Só faço mais força, até meu nariz doer, e fico achando que posso quebrá-lo sem querer.

Quando dou uma olhada em Wren, ela está dormindo no meio do vapor, a cabeça apoiada na pia, a boca aberta.

Estamos deitadas juntas na cama. Eu me enrolo ao redor dela. Ela apoia a cabeça no meu braço e eu a abraço bem forte.

Não sei dizer quem de nós tem mais medo de ficar sozinha.

Levo umas duas semanas para pegar o jeito. Levantar às cinco. Fazer dever de casa. Aprontar Wren e a mim mesma para a escola. Ela toma banho de banheira enquanto faço a minha lição ao lado dela e tento não molhar o papel. Levo-a para a escola um pouco cedo, daí vou para o meu colégio. Passo o dia da melhor maneira possível, busco Wren, corro para casa, arrumo o máximo de coisas que consigo na meia hora que tenho livre e daí corro para o trabalho. Preciso ganhar todo o dinheiro possível.

Peguei 100 dólares e comprei três shorts para mim, todos pretos, e algumas camisetas para combinar. Shane me deu um par de sapatos dela para eu não precisar comprar, e meus pés já não doem tanto. Trabalho das quatro até mais ou menos as onze, daí levo meus montinhos de dinheiro para casa. Enfileiro as contas em ordem de importância, busco ordens de pagamento em locais diferentes da cidade e vou pagando como posso. Já quitei contas de luz, gás e telefone. Antes tarde do que nunca, certo? Ainda assim, quando eu acabar de pagar uma leva, outras vão chegar. Ah, sim. Elas vão vir.

Agora já virou rotina. Quatro noites por semana, Eden me deixa no trabalho com o meu carro e depois, quando meu turno termina, Digby me busca e leva Eden para casa. Eden faz a lição de casa com Wren para que eu não precise me preocupar com isso, e, quando chego em casa, minha irmã fica sentada na privada enquanto tomo banho e converso com ela através da cortina do chuveiro, e então vamos para a cama juntas e ficamos abraçadas até cairmos no sono.

Não penso na mamãe, a não ser às vezes, quando acordo, quando meu celular começa a tocar e a vibrar para que eu acorde. É quando enxergo os olhos azuis dela, sem nenhuma luz, do jeito que estavam logo antes de ela ir embora. As barreiras que ergui contra eles são fracas. Então, paro um segundo. Respiro. Fito aqueles olhos e então os fecho. Primeiro porque ela nos abandonou e segundo porque ela não voltou. Fecho os olhos dela três vezes, até ficarem tão pequenos que não passem de pontinhos azuis sem sentido, e então os assopro para longe.

Dia 49

Eden está esperando na varanda quando chego em casa do trabalho na quinta-feira à noite. Eu me ajeito dentro da caminhonete de Digby, aperto a jaqueta em volta do corpo. Já disse para ela não fazer isso. Os vizinhos podem ver. Ela está fumando, mas não se levanta quando nos vê entrando na garagem, apenas dá mais uma tragada.

Digby resmunga.

– Você sabe que eu vou precisar trocar o tanque de oxigênio dela quando ela contrair enfisema.

– Pois é, ou eu.

– A gente pode se revezar – sugere ele.

– Você se preocupa com as coisas. – Dou uma cotovelada nele.

– É que sei lá... – Ele fica olhando para o volante. – Eu sempre vou cuidar dos meus assuntos. Eden é meu assunto.

– Vou lá ver por que o seu assunto não está se mexendo. – Saio do carro, como sempre, com a sensação de que está faltando algo, como se a sensação boa que sempre sinto não fosse suficiente. É porque quero beijá-lo, inalá-lo para dentro de mim, levá-lo comigo. Não quero me despedir. Nunca. Nenhuma sensação vai ser satisfatória. – Obrigada – digo.

– Pare de dizer isso.

– “Obrigada”?

– Ou melhor, diga dez vezes agora e nunca mais repita.

Fico rindo feito uma boba e saio do carro.

– Você está me devendo dez “obrigadas” – diz ele, com tanta seriedade que eu quase paro ao lado do carro e faço o que pede, mas o canto da boca dele se curva para cima e eu me afasto.

– Tagarela – fala Eden.

Percebo que minhas bochechas estão doendo de tanto sorrir e forço meu rosto a relaxar. Aff! Qual é o meu problema?

– No começo eu achava a sua obsessão fofa, mas não é melhor a gente encarar a realidade? – lança sem rodeios. – Ele tem namorada.

A janela do lado do carona está aberta, e quero mandar Eden ficar quieta, mas dá para ver que ela está de mau humor. Não falo nada, mas se o zíper do meu moletom de capuz fosse até o topo da cabeça, eu o fecharia até tapar a minha cara.

– Tem algo errado? – pergunto.

Ela amassa o cigarro e abana com a mão para espantar o último restinho de fumaça.

– Quer a boa ou a má notícia primeiro?

– A má.

Meu estômago é uma pedra. O que será agora?

Começo a arrancar mato do nosso pedacinho de grama para me distrair.

– Não posso mais fazer isso por você – diz Eden. – Ficar de babá da Wren.

Eu tinha conseguido quase todo o dinheiro para pagar a conta da TV a cabo, para Wrenny poder continuar assistindo aos programas de culinária dela. Não consigo imaginar sua vida sem eles.

– Estou ficando para trás no balé.

Claro que sim. Eu nem tinha pensado nisso. Ela disse que só podia fazer isso duas noites por semana. Eu me aproveitei da boa vontade dela.

– Quero ajudar você, mas não estou indo a aulas o suficiente. Quero que a gente siga com aquele plano feito à margem do rio, mas não posso cumprir minha palavra e fazer o que quero da vida ao mesmo tempo. – Ela chuta a cadeira embaixo de si. – Não quero decepcionar você, Lu. – Os lábios dela estão meio que tremendo. Não é bom sinal. – E a única coisa em que consigo pensar é que, se estou assim tão cansada, você então... E Wren é o máximo. Não tem como dizer que não é...

Largo o mato, subo os degraus da varanda e me sento no banco ao lado dela.

– Tudo bem. Só vou ter que dar um jeito.

Que escolha eu tenho?

Eu entendo. Madame Renée é apavorante. Nas poucas vezes em que a vi, fiquei me perguntando como ela consegue fazer o coque tão puxado a ponto de as sobrancelhas praticamente encostarem no couro cabeludo. Eu também não iria querer contrariá-la. E, para ser sincera, eu não tinha pensado que as aulas de dança de Eden seriam afetadas por minha causa. Esse é o problema em deixar as pessoas ajudarem. Sempre sai caro para alguém.

Meu cérebro está repassando possibilidades, mas não sai nenhuma resposta. Não tenho mais ninguém. Nunca achei que Eden abandonaria o barco e não consigo pensar numa alternativa. Em vez disso, estou imaginando Wren e eu caminhando pelas ruas da cidade com cobertores de lã puídos, pedindo esmola. Estamos com o rosto e as unhas sujos, tremendo de frio. Como esta fantasia se passa em algum momento do século XVII, tenho sotaque inglês.

Digby buzina.

Eden mostra o dedo do meio para ele.

– Aguenta um pouco aí! – grita ela.

Está tarde para tanto barulho, e vejo daqui a fumaça que o Fumante solta.

Eden passa a falar mais baixo.

– Minha mãe vai receber um telefonema de Madame Renée a qualquer momento. Não sei por que... não sei por que achei que isso daria certo. Eu queria ser a sua heroína, e achei que a sua mãe ia voltar. – Ela coloca as mãos nos meus ombros e nós ficamos lá com a testa encostada. – Que tipo de pessoa não volta?

– Não sei. Que tipo de pessoa vai embora para começo de conversa?

Eden puxa as pontas do meu cabelo.

– Existem muitas maneiras de ir embora.

Ir embora é fácil, penso. Mais fácil do que ficar.

– Lu, acho que está na hora de contar isso para alguém. A situação está ficando séria agora.

– Ela não pode contar. – Digby saiu do carro. – Então, se vocês duas pararem de se agarrar, será que a gente pode pensar de maneira racional por um segundo?

Eden deixa as mãos caírem ao lado do corpo. Eu recuo.

– Talvez o sistema não seja tão ruim assim – sugere Eden.

– Deve ser legal na terra dos pôneis e dos arco-íris – diz Digby. – Lá as fadas e os duendes com certeza são uma gracinha.

– Cala a boca – esbraveja Eden.

– Não, falando sério, quando você e o último unicórnio retornarem à terra, me avise.

– As pessoas são boas – afirma ela. – Às vezes.

– Não – discorda Digby. – As pessoas têm boas *intenções*. São duas coisas completamente diferentes. Quando alguém chegar aqui, sabe o que vai ver? Duas meninas abandonadas, um pai internado, uma menina trabalhando quase nua para pagar as contas, sem querer ofender, Lucille, a casa caindo aos pedaços... – Ele olha para mim.

– Não me ofendi – digo.

– Nenhum assistente social vai deixar as coisas como estão. – Ele se apoia na cerquinha da varanda. Muito perto de mim. – Por isso, ela não pode contar para ninguém.

– Mesmo levando em conta que ela faz 18 anos em junho? – pergunta Eden.

Digby olha feio para ela.

Ela se vira para mim.

– Lu, você já pensou em entrar em contato com o seu pai?

Não sei como dizer que não sei onde ele está, que eu não poderia entrar em contato com ele, mesmo se quisesse.

– Eu cuido da Wren – determina Digby, e depois fica olhando para o meu rosto por um minuto. – A temporada de basquete ainda não começou. Posso tomar conta dela.

Eu quase desabo.

– Mas a sua mãe...

– Eu saio com a Elaine quase todas as noites. – Tento impedir que isso doa em mim. – E ela está se preparando pra algum tipo de grande debate que vai acontecer, então não temos tido tempo. Vou contar pra ela. Ela vai me dar cobertura, e minha mãe nunca vai perceber a diferença. Vai ficar tudo bem.

– Mas você é mesmo um amor... – Eden dá um sorriso torto.

– Claro, Eden! – Ele tira o boné. Volta a colocá-lo. – Você quer que eu fique aqui sem fazer nada enquanto Lucille e Wren podem ser jogadas na rua? Acha que alguém vai dar uma chance pra ela? Vai que separam as duas, ou então as mandam para um abrigo de jovens abandonados? Eu posso ajudar. Então, deixe que eu ajude e não pegue no meu pé.

– Certo. – Eden assente e senta o traseiro ossudo sobre os calcanhares. – Você só vai ganhar mais um pouco de tempo, Lu, como ele disse. É algo provisório, então ainda tem que pensar em alguma coisa. Algo permanente, já que sua mãe não vai voltar.

Minhas pernas à mostra começam a ficar arrepiadas.

– E isso nos leva à boa notícia – anuncia Eden.

Ela abre a porta de supetão.

– Mas como enrola! – reclama Digby.

– Venha até a cozinha.

Nós passamos em fila por Wren, que está adormecida. Digby se abaixa um pouco quando passamos pela porta. Todos os armários estão abertos. Cheios de todo tipo de alimento, como arroz, sopa instantânea, alimentos enlatados, pacotes e mais pacotes de macarrão. Caixas de cereais estão enfileiradas na prateleira de cima. Granola, aveia, de tudo um pouco.

– Caramba! Obrigada – agradeço.

– Por quê? – dizem eles em uníssono. São bem gêmeos mesmo.

– Vocês que fizeram isso, certo?

– Não! – Mais uma vez em uníssono.

– Quem foi, então?

– Apenas aceite, Lu – sugere Eden. – Cavalo dado. Dentes. – Olha para Digby. – Certo?

– Esta é a boa notícia? – pergunta Digby. – Eden, reflita por um minuto. Pense no que isso significa.

– Significa que os armários estão cheios. E tchã-rã! Não é só isso. – Eden abre a porta da geladeira. – Veja.

A geladeira também está cheia. Quer dizer, completamente abarrotada. E o freezer também. Verduras, frutas, iogurte, *sour cream*, queijo, tortillas, sorvete, empanados de frango, carne e peixe, ovos, suco e até um pouco de água com gás. Eu nunca, jamais na minha vida tinha visto algo assim.

– Muito bom, né? – pergunta Eden.

– Vocês não estão percebendo? – questiona Digby. – Isso significa que alguém sabe. Uma pessoa que não quer que você saiba que ela sabe. É esquisito.

– Pare de ser tão pessimista, Dig – comenta Eden. – Ela precisa disso. É como se tivesse uma fada madrinha ou algo assim.

– Já estava assim quando você chegou aqui hoje? – pergunto.

– Sim.

– Isso quer dizer que alguém fez isso em plena luz do dia – reflete Digby. – E que alguém sabe quanto tempo você ficaria fora, que você estaria com Wren, que precisava se apressar para abastecer sua cozinha. Ou seja, que alguém anda observando. Com atenção.

– Verdade... – conclui Eden, parecendo menos animada.

– É – lamenta Digby. – É preocupante.

– Preciso começar a trancar a porta – digo. Ninguém tem esse costume onde moramos.

Digby se apoia no balcão. Ele está sempre apoiado em alguma coisa.

– Acho que esta não é exatamente uma ação hostil. É generosidade kamikaze, com certeza.

Estou com calor. Quero que todo mundo vá embora. Preciso pensar e não consigo, não aqui olhando para toda essa comida, e não com esses dois ruivos magricelas diante de mim.

– Pelo menos você não precisa se preocupar com alimentação durante um tempo – diz Eden. – Apesar de ter muito carboidrato por aqui. – Ela dá impulso e se acomoda em cima do balcão. – Certo, então, tem mais uma notícia que não é tão boa assim.

– Sério? – pergunto. – Alguma parede caiu?

– Não. Wren chegou em casa com um bilhete. A Sra. LaRouche, professora dela, quer conversar com a sua mãe.

Tudo em mim se contrai.

– A Sra. LaRouche era a melhor – comenta Digby. – Vocês se lembram do que ela fazia pra gente ficar quieto?

– Bum bum bi dum bum... – cantarola Eden.

– Bum bum – completo, sem emoção.

– Não deve ser nada de mais – diz Eden. – Só que...

– Vai ser um pouco difícil fazer aparecer uma mãe inexistente.

– Exato.

Levo as mãos ao rosto. Conto até três. Abaixo as mãos. Não, continua tudo aqui, ainda neste planeta, nesta vida.

O rosto de Eden se contrai.

– Lu.

– Sim?

– Seu nariz está sangrando. – Digby pega uma toalha de papel da nova pilha mais do que enorme que surgiu magicamente em meu balcão. Do tipo caro.

– Também tem lenço de papel – diz Eden e aponta para a sala. – E pasta de dente, enxaguante bucal, cotonete...

– Para!

Não aguento mais. Então não consigo respirar, e não é por causa do sangue que está pingando em cima dos meus lábios. Tudo está acontecendo ao mesmo tempo. Não sou capaz de encontrar sentido em nada disso e quero rir igual ao papai naquele dia. Está tudo borbulhando logo abaixo da superfície e, se eu deixar como está, nunca vai parar. Quando Digby enfia o papel no meu nariz, pego-o da mão dele e lhe dou um tapa. Meu peito sobe e desce, para cima e para baixo.

Eden fica olhando para mim e diz:

– Cara...

Vou até o sofá da sala enquanto seguro o papel no nariz, então vejo sombras em cima de mim e quero que eles vão embora, preciso que saiam para que eu consiga pensar. Há números, muitos números, sapateando na minha cabeça, e minha mãe, e os olhos dela são muito grandes e muito azuis e muito vazios e estão focados em mim e no meu shortinho curto, nos meus sapatos sexy e na minha maquiagem, e o papai que ninguém sabe onde está, e a melhor amiga que na verdade parece apavorada, e todo o resto do mundo com sua vida perfeita e simples, e eu desmoronando e não estando presente para Wren o tempo todo, e algum bom samaritano que sabe da minha situação, e um amor, um amor que está parado bem na minha frente oferecendo ajuda e está tão fora de alcance, e estou muito sozinha e preciso que eles vão embora.

– Vai ficar tudo bem – diz Digby. Ele se aproxima da minha mão e me afasto dele com um gesto brusco. – Vai dar tudo certo.

– Vão para casa – peço, e minha voz é dura.

Eu nunca tinha ouvido minha voz naquele tom.

E parece que os gêmeos também não, porque, pela reação, parecia que eu tinha acabado de dar um soco neles.

Limpo o sangue do nariz, querendo que o fluxo pare. Vou pisando firme até a pia, jogo água no rosto, lavo as mãos, tento tirar o sangue de baixo das minhas unhas. Tenho certeza de que a água faz o meu rímel escorrer, mas neste momento estou irritada demais para me incomodar com isso e não quero olhar no espelho, porque não sei quem vou encontrar olhando de volta para mim. O espelho acabaria se quebrando logo em seguida. Só para o caso de a coisa de sete anos de azar ser real, não vou arriscar. Não estou assim tão desesperada.

Bem-vindo à minha vida.

A pior piada de todos os tempos.

Eles estão olhando para mim como se não soubessem bem o que fazer. Eu me aproximo de Wrenny no sofá e coloco o braço embaixo do dela, fazendo com que acorde.

– Hora do banho? – pergunta.

– É, sim – respondo com a voz bem baixa para ela não perceber que estou chateada. – Hora de tomar banho.

Começo a subir a escada. Faltam 12 degraus. Não olho para trás, mas ouço a porta se fechar atrás de mim, o Animal arrancar. Fico brava por eles terem ido embora, mas eu teria feito picadinho dos dois se tivessem tentado ficar.

Chego com Wren ao andar de cima, a coloco apoiada contra a parede do banheiro e então, volto para baixo, fecho as persianas, apago as luzes e tranco a porta.

Dia 50

Vou até a biblioteca pública para acessar o e-mail da mamãe e mandar uma mensagem para a Sra. LaRouche, já que uma das coisas que ela levou foi o laptop do papai. A bibliotecária não tira os olhos do livro dela, só me entrega a lista para assinar e me dispensa com um aceno, com as unhas muito compridas.

– O livro é bom? – pergunto.

– Ah, sim – diz ela, e aponta com a cabeça para a sala dos computadores. – O livro é bom.

Digito a senha da mamãe. Tonylaura3110. Provavelmente não é a melhor senha do mundo, mas meus pais se conheceram em um show do papai no Dia das Bruxas. E daí magicamente a mamãe acabou tendo Wren exatamente naquele dia, sei lá quantos anos depois. 3110. Dia 31 de outubro. Se você conhece esse simples conjunto de fatores, pode entrar em praticamente tudo o que os Bennett têm de particular. Quer dizer, isso se você também souber o número da conta bancária deles.

Mamãe tem 551 mensagens novas. Não existe nenhum indício de que ela tenha acessado esta conta de e-mail desde que foi embora. Algumas mensagens parecem importantes, por isso examino os assuntos rapidamente. A maioria delas é bobeira. Uma liquidação na Gap. Descontos especiais para uma viagem às Bahamas.

Entro em ação. Fingindo ser a mamãe, explico à Sra. LaRouche que trabalho durante o dia e por isso vou mandar Lucille para conversar com ela sobre Wren, depois da aula, e que ela pode se sentir à vontade para transmitir qualquer informação necessária.

Fico esperando.

Leio algumas notícias na internet, e isso faz com que eu me sinta um pouco culpada, levando em conta que tenho um monte de lição de casa para fazer e que uma senhora muito bonita segurando várias bolsas está esperando para usar o computador. Quem se importa? Eu ainda tenho meia hora. Nesse meio-tempo, acesso um site de fofocas e descubro que o carinha do próximo filme de zumbi/lobisomem/terror transou com uma garota durante as filmagens enquanto a mulher grávida dele o esperava em casa, e ele deu uma entrevista para dizer ao mundo que está arrependido. Há não muito tempo, eu sabia todas as notícias de celebridades. Agora, não sei nada. Ultimamente, tenho considerado tudo bobagem, mas essas fofocas parecem bem legais neste momento, devo dizer.

Quando meu tempo está terminando e eu estou prestes a dar a vez para a senhora com todas as bolsas, um e-mail novo chega.

A Sra. LaRouche concordou em conversar com Lucille. Vai ser um prazer vê-la depois de tanto tempo, diz ela. Que tal hoje à tarde?

Minha vontade é ligar para Eden e contar para ela, perguntar o que devo fazer, como devo lidar com a situação, mas sei que não posso. Algo ruim aconteceu ontem à noite quando fiz Eden ir embora, mas não sei muito bem o quê.

A sala de aula não mudou praticamente nada desde que eu cursava o quarto ano. Os pôsteres com capas de livros são diferentes, mas ainda sinto cheiro de suco de maçã e adolescência iminente. Wren está me esperando no pátio com Shane e Melanie, e escuto as crianças gritando lá fora.

A Sra. LaRouche é uma gracinha atrás da mesa dela, com os óculos na ponta do nariz, tão na pontinha que nem sei como eles não caem de lá. O queixo não identificável dela se tornou ainda menos identificável, e ela usa um corte de cabelo – que saiu da moda, tipo, 30 anos atrás.

– Ah. – Ela sai de trás da mesa e me dá um abraço ossudo. – Lucille Bennett. Faz um tempinho, não é? – Ela é do estado da Geórgia, e nunca perdeu o sotaque. Os dentes dela estão mais amarelos do que eu me lembrava. Parece que envelhecer é um saco. – Sente-se, por favor.

Eu me sento.

– Acho que você sempre vai ter 9 anos para mim. – Ela me examina da cabeça aos pés, o que só acho aceitável porque no passado ela foi minha professora. – Você está se tornando uma linda mulher. – *Ela disse “mulher” para mim. Que nojo.* – Como tem passado, querida?

– Muito bem – balbucio. – Estou no último ano e tal.

– Último ano? – Balança a cabeça. O cabelo dela não se mexe. – O que acontece com o tempo? Tem grandes planos para a faculdade?

Não tenho nenhum plano para a faculdade.

– Estou pensando em ficar um ano sem estudar – digo.

Um silêncio constrangedor se instala, como se ela estivesse esperando que eu me explicasse, coisa que não vou fazer.

– Então, está acontecendo algo com a Wren? – Não quero ser grosseira, mas esta sala de aula me dá arrepios.

– Ah, sim. – A Sra. LaRouche fica olhando para os papéis que tem nas mãos. – Claro. Uma pena que a sua mãe não tenha podido vir hoje. Acredito que o assunto a tratar seja muito importante.

Vou me segurar, independentemente do que ela disser. Sou forte.

– É, o horário dela está todo diferente. É uma confusão. Vida de enfermeira. – O lance da enfermagem continua rendendo mentiras.

– Muito bem, ela disse que não tem problema se eu falar tudo para você, então vamos conversar.

– Certo.

– Deixe-me começar dizendo que a sua irmã é uma criança notável.

– Eu sei.

– O desenvolvimento dela é melhor do que o dos colegas de classe em várias áreas. Ciências, por exemplo, e matemática.

– Ah.

– Ela também tem habilidades verbais excelentes. Você sabia que Wren atualmente lê no nível do nono ano?

Eu devia começar a ler em voz alta para ela nas minhas noites de folga. Eu devia fazer muitas coisas.

– Para ser muito honesta – prossegue ela –, se dependesse só de mim, ela poderia pular de série. Parece que ela não se sente nem um pouco desafiada pelo conteúdo das aulas, simplesmente faz todas as lições com muita facilidade.

– Mas isso é bom, não é? – pergunto.

– Ah, bem. – A Sra. LaRouche tira os óculos e deixa que fiquem pendurados na correntinha que usa no pescoço. Ela olha fixamente para mim. – Sim, tudo isso é bom, mas tenho algumas preocupações.

– Certo – digo.

– Wren parece extremamente ansiosa, em especial nos últimos tempos. – Ela me entrega um papel.

Fico com dor no estômago.

– Ultimamente, ela tem pedido para se sentar longe das outras crianças. Reclama que o barulho a atrapalha. – Aponta para uma carteira no canto. – É ali que ela gosta de passar o tempo. Ela leva a situação numa boa, mas está se isolando. Só estou preocupada que Wren desapareça dentro do próprio mundo, sem se relacionar com os outros alunos, e eu gostaria de disponibilizar nossos serviços de aconselhamento psicológico para ela, se achar uma boa ideia.

– Por que exatamente? – Respiro. Inspiro. Expiro. Inspiro. Expiro. – Que vantagem isso traria?

– Houve muitas mudanças na vida de Wren nos últimos meses – diz a professora com toda a gentileza, e solta um suspiro. – Eu realmente preferiria conversar com a sua mãe a respeito de tudo isso. Deve estar sendo difícil para vocês três.

– Está tudo bem com a gente – comento, então penso no que uma mulher adulta gostaria de escutar. – Estamos passando por um período de adaptação.

– É, bom, eu gostaria de lhe mostrar uma coisa. – Ela me entrega um pedaço de papel com a letra de Wren cobrindo toda a superfície, a caneta rosa, as letras cheias de voltinhas, os coraçõezinhos em cima dos is.

– Quer que eu leia?

– Por favor – pede. – Pode ler com calma.

O texto diz:

Minha heroína

Minha heroína é a Barefoot Contessa. A Contessa assa bolos e é redonda. A Contessa sempre convida pessoas para jantar e a gente nunca tem nenhum convidado além de Eden e Digby. A Contessa mora em uma casa bonita e a nossa casa não é bonita. Ela tem uma voz suave e aposto que o abraço dela é como uma torta. Aposto que ela me diria que sou bonita, apesar de eu não ser, e ela nunca iria embora, jamais.

Pouso o papel. A Sra. LaRouche se senta na minha frente.

– Vocês conversam sobre o que ocorreu em casa no último verão?

Faço que não com a cabeça.

– Acho que os acontecimentos afetaram Wren muito mais do que ela está disposta a reconhecer, e estou preocupada que a questão, caso não seja tratada abertamente, comece a consumi-la. Ela precisa de um lugar para se expressar sem medo das consequências.

Assinto.

– A esta altura, eu recomendaria terapia familiar. Há pessoas especializadas maravilhosas aqui mesmo na nossa cidade. – Ela me entrega um pedaço de papel com alguns nomes. – Mas, se vocês preferirem não seguir esse caminho, talvez seja bom Wren saber que tem um lugar seguro onde pode conversar sobre seus sentimentos. Com frequência, uma criança inteligente como Wren, de maneira inconsciente, assume toda a culpa e a tristeza associadas a uma situação como a de vocês. – Ela estende a mão fria e toca na minha. – Pode haver um pouco de depressão, é claro.

– Ela parece feliz.

– Pode até chegar a usar drogas, ficar violenta, ter distúrbios alimentares...

– Certo! – digo, com mais ímpeto do que é a minha intenção. – Certo – repito, em tom mais suave. – Vou dizer à minha mãe para assinar os papéis para que Wren possa conversar com alguém. Vamos cuidar disso.

Quero sair dali. Quero correr para o parquinho e apertar Wren bem forte porque ela vê tudo, está vendo demais, e não posso fazer isso parar ou impedir que aconteça ou ajudá-la. Quero dar uma pausa em tudo para Wren, fazer uma mágica para que ela fique inconsciente como a Bela Adormecida e acordá-la com um beijo na bochecha depois que eu consertar tudo.

– Ela parece ter se apegado um pouco a Melanie St. James. Você a conhece?
– Sim – respondo. – Elas brincaram juntas no parque algumas vezes.
– Bom, a sua mãe poderia incentivar Wren a aprofundar essa amizade. Isso pode ajudar. Nunca se sabe.

Faço que sim com a cabeça.

– E você, querida? – Ela aperta a minha mão e percebo que fazia um tempão que ela a estava segurando.

Minha boca começa a tremer. Espero que ela não me pergunte diretamente como estou.

– É, deve ser difícil para todas vocês, principalmente com a sua mãe trabalhando tanto, tendo que fazer tudo sozinha.

Rá. Rá!

– Fiquei feliz por saber que Wren não presenciou nada – comenta. – Mas você estava lá, não é? Você viu o que ele fez com ela?

Meu eu interior idiota e fraco se encolheu até se reduzir a nada, escalou esta carteira minúscula e está apegado à Sra. LaRouche como se ela fosse a única coisa boa da Terra. Solto a minha mão da dela. Não vou chorar na frente desta mulher.

Faço menção de me retirar.

– Nós vamos cuidar de Wren, Sra. LaRouche. Ela não vai lhe dar trabalho.

– Ela não me dá trabalho nenhum, querida – diz ela, de forma gentil. – Ela só está passando por algo difícil. Acontece com todo mundo uma ou duas vezes na vida. – A professora também se levanta, pousa a mão no vestido de estampa étnica. – Só quero que ela fique bem, que se desenvolva. Desejo isso para vocês duas.

– Obrigada – digo com sinceridade. Também quero que a gente fique bem.

– Sinto muito se você está triste, querida – lamenta quando chego à porta. – É mesmo uma pena. Você foi uma criança muito alegre.

Depois disso, preciso de um tempo para pensar, e Shane se oferece para levar Melanie e Wren para tomar sorvete porque é sexta e ela não precisa trabalhar. Nenhuma de nós precisa.

Não ando de bicicleta há muito tempo. Sigo pelo acostamento e pedalo com a maior velocidade possível até meus músculos queimarem e meus pulmões se abrirem e lutarem para funcionar. O terreno é plano e ultrapasso alguns corredores, mas logo já superei todo mundo, as pedras, a cidade, e estou seguindo pela trilha, suando, observando o verde que passa apressado.

Pensando. Se eu falsificar a assinatura da mamãe nos papéis, vão fazer todo tipo de pergunta a Wren, e alguém pode deduzir tudo que está acontecendo. Seria mais um risco. Se eu não assinar, a Sra. LaRouche vai ficar cada vez mais desconfiada de que a gente possa estar em perigo, de todo jeito. Pelo visto, não tenho como vencer por aqui.

Desço da bicicleta e a estaciono ao lado de uma árvore. Entro um pouco na floresta e encontro um lugar para me deitar. Só estou aqui há mais ou menos um minuto quando uma coisa enorme voa vigorosamente em círculos, mergulha e arranca um galho da árvore logo acima de mim. O barulhão que se ouve é de madeira quebrando, parecendo um tiro de revólver, fazendo o ar explodir. Tudo acontece tão rápido que eu quase não registro que é uma águia-careca, uma coisa pré-histórica e violenta. Uma coisa enorme.

Enquanto observo a ave se afastar voando, fico me perguntando o que aquilo significa. Se os presságios existem, como Eden disse, o que poderia significar isso que acabei de presenciar? E depois a solidão, brutal e implacável, faz meus punhos se fecharem e minhas unhas cavarem a terra. Estou tão solitária que até as pessoas na China devem estar sentindo as reverberações. Fico lá deitada, olhando para o lugar onde antes havia um galho, danificado e bege na direção de seu braço quebrado.

Volto para casa pedalando devagar e, quando chego, assino os papéis.

Dia 53

Estou na minha terceira xícara de café quando entro pelas portas do colégio numa segunda-feira de manhã, e isso não serve para nada além de acabar com os meus nervos. Argh, inglês. Argh, pensar. Argh, andar. E aí, que saco, espero que eu não precise falar com ninguém. Faço uma pausa no meu armário, seguro o copo de papel de café entre os dentes e começo a enfiar os livros todos na minha mochila. Ninguém fala comigo. Eden não está por aqui. Só vejo Shane, que me dá um tapinha no ombro quando passa com as amigas. Não sei realmente definir nossa amizade, mas é legal saber que ela está aqui. De qualquer modo, não tenho nada a dizer. Minha mente está vazia. Não estou pensando em contas nem em Wren nem em roupa para lavar nem nos meus pais inúteis. Sinceramente, vida dura idiota, não estou nem aí.

Esse estado deplorável é a única coisa que explica como Digby chega de fininho até mim sem que eu perceba, já que ultimamente fico sempre de olho nele. Não o via desde que praticamente o expulsei da minha casa. Eden também não. Ela deve estar fazendo de propósito, já que o armário dela é bem ao lado do meu.

– Oi – chama Digby daquele jeito dele, como se não soubesse muito bem como fazer as palavras saírem da boca. – Você está aqui.

– Oi – respondo. – É, estou.

Ele fica hesitante, perto, mas não tanto. O corredor vai esvaziando à medida que todo mundo entra nas salas de aula.

– Eu estava pensando... – diz ele, e enfia o dedo embaixo da alça da mochila.

– Bom, então somos dois – retruco.

– Ah. – Ele arrasta os pés no chão. – É, aposto que sim.

– Então, o que você estava pensando?

– Não. – Ele sorri, e percebo que ele não sorri com muita frequência. – Quer dizer, eu estava pensando que, se hoje não for dia de prova nem nada, talvez você queira cair fora daqui.

Sinto muitas coisas ao mesmo tempo. A urgência de sair correndo. A urgência de pular em cima dele para ver se ele me segura ou se me deixa cair. Óbvio que estou mentalmente instável devido à exaustão.

– Quando foi a última vez que você matou aula? – pergunta ele.

– Sexta-feira.

– Sério? – Ele fica tenso. – É, não vi você por aqui.
– Mas, antes disso, nunca. – Forço uma tossida. – Andei muito doente, com febre e tosse por causa de uma gripe.
Ele puxa a minha camiseta entre o polegar e o indicador.
– Vem comigo.
O sinal toca.
– Para onde?
– Hum... – murmura. – Você vai ter que confiar em mim.
– Confiar – repito.
– Você consegue.
– O quê?
– Confiar em mim.
– Ah.
– Então, vamos.
Fico parada.
– Agora ou nunca – diz Digby.
Ele tira as chaves do bolso e faz um barulhinho com elas, acordando os meus pés.

Caminhamos lado a lado e saímos pela frente da escola. Não vemos Shane nem Eden nem (graças a Deus) Elaine nem professor nenhum. O universo é temporariamente meu amigo.

Tenho vontade de perguntar a Digby sobre Elaine, de perguntar a ele por que está me levando para sair, se é porque ele está com muita pena de mim por causa do shortinho curto e dos saltos altos ou se é o jeito dele de pedir uma trégua.

Não pergunto.

Vou caminhando e pensando em como seria legal dar a mão para ele.

Ah, você dos olhos mais verdes e mais claros... Ah, o detentor das sardas perfeitas.

Você vai fazer de mim ração de verme.

Vamos para a Filadélfia.

Ele tem um plano. Fala que, se formos espertos, conseguiremos visitar o Salão da Independência e o Sino da Liberdade e ainda ter tempo para encaixar um sanduíche de filé com queijo antes de a aula de Wrenny terminar. Ele diz “Wrenny” do mesmo jeito que eu, e, por um breve instante, temos uma coisa nossa.

Fecho os olhos no banco do carona enquanto ele fala e deixo o vento fresco de outubro soprar no meu rosto. Digby está ao meu lado, me levando para algum lugar, e, apesar de eu achar apenas esquisito o jeito como a minha manhã está se desenrolando, quando tento pensar em algum lugar onde eu preferiria estar neste momento, absolutamente nenhum me vem à cabeça. Contra toda a razão, caio no sono.

Quando acordo, estamos em um estacionamento vertical, e o cheiro é de óleo e lixo. Digby está me observando.

Espero que eu não tenha dormido com a boca aberta ou algo assim.

– Ah, que bom – diz ele. – Eu estava preocupado que a sua soneca estragasse nosso cronograma.

– Você podia ter me acordado.

Digby dá de ombros e diz:

– Então vamos lá. Vamos aprender coisas. A visita guiada começa às nove e meia.

Nossa guia é anciã. O nome dela é Mirtes, e, pensando bem, quando foi a última vez que você conheceu alguém chamada Mirtes? A gente entra arrastando os pés em uma sala onde ela pergunta às pessoas de onde vieram. Suíça, duas famílias da Alemanha que não se conhecem, mas que começam a conversar, dizem “*ja, ja*” e trocam apertos de mão cheios de vigor e compromisso. Tem um rapaz sozinho que diz ser da Colômbia. Uma turma do quinto ano do centro da cidade. Todo mundo acha bonitinho. Mirtes espera com paciência e então exhibe um vídeo sobre a Declaração da Independência. Digby presta atenção em tudo, tudinho, enquanto tento não prestar atenção demais nele.

Quero fazer um teste. Se eu encostar o meu cotovelo no dele, será que vai sair um raio de eletricidade do meu rosto ou algo assim?

Mirtes nos conduz da sala escura para o Salão da Independência e ficamos caminhando por lá.

– Imaginem este salão cheio de homens defendendo suas causas, argumentando. É verão e não há ar-condicionado. Eles passam semanas aqui.

Mirtes, a Apaixonada. Mirtes, a Sábida.

Gosto do Sino da Liberdade, da rachadura nele, de todas as histórias sobre o que ele significa e o que representa. Digby, meu Digby, abre a porta para mim, me guia através de uma enxurrada de pessoas. Da mesma forma como faz na quadra. Ele se esgueira de um jeito bem masculino. É gracioso, igual a Eden. Não esbarra nas pessoas, como eu faço. Ele navega. Mira.

– Não tem muita coisa para fazer no Sino da Liberdade, né? – pergunta ele depois de termos ficado lado a lado na frente do sino durante uns cinco minutos, em silêncio.

– Tirar foto? – sugiro.

Os turistas fazem fila na frente do sino, do lado que tem a rachadura, mas Digby vai para o outro lado, onde está vazio.

– Ninguém saberia – digo.

– Que é o Sino da Liberdade?

– Isso. Quer dizer, tirando a rachadura, o que tem de especial nele? É só um sino bobo.

– Só porque não dá para ver a rachadura, não significa que não está lá.

– Olha – comento, sorrindo ironicamente feito um palhaço distorcido, tenho certeza –, isso foi profundo pra cacete, Digby Jones.

– Bom, eu sou profundo. – Ele deixa a cabeça cair para o lado, e a franja pende em cima da testa. Sou o Sino da Liberdade. *Blém. Crack. Blém.* – Tire a foto.

Faço o que pede. Ele fica parecendo um bobo. Nem um milésimo da essência dele aparece. Detectei uma falha: ele não é fotogênico. Fico animadíssima.

– Agora, você – diz ele.

– Ah, não.

Eu me recuso até ele colocar as mãos nos meus ombros e eu me sentir fisicamente incapaz de lutar contra ele.

– Olhe um pouco para o lado – propõe. Sinto meu rosto corar e aliso a parte da frente da minha saia. Mais uma coisa que roubei do armário da mamãe. – Sorria.

Sorrio. Estou pensando nele, pensando no fato de que agora vou ter uma foto que ele vai ter tirado, e mesmo que eu saia horrível vou saber que estávamos juntos quando aconteceu. Provas só para mim.

– Tem alguma coisa no seu maxilar. – Ele me entrega o celular. – A curva da sua orelha.

– Orelha?

– Ela é perigosa. – Ele ri, mas não de um jeito engraçado.

Não sei o que fazer a respeito disso, então guardo o celular no bolso.

– Com licença, senhor. – Ele se dirige a um guarda que é igualzinho a um ator cujo nome não consigo lembrar. – Onde encontro o melhor sanduíche de filé com queijo da Filadélfia?

O sujeito aponta.

– Naquela direção, a seis quarteirões. Vai valer a pena. E se estiver a fim pode ir até lá em uma carruagem puxada a cavalo. Muito romântico.

– Ah, não – diz Digby. – Não, obrigado. Nós não... Isto aqui não é...

– Tudo bem, cara – diz o fulano com cara de ator. – Calma. Não quis insinuar nada. Foi só uma sugestão. Vá a pé mesmo. Assim também funciona.

Enquanto caminhamos os seis quarteirões, Digby me conta que a paisagem urbana é uma das coisas de que ele mais gosta, que acha história americana o máximo e que gostaria de saber mais a respeito, mas que não curte reencenar batalhas nem nada do tipo, ele não é tão fanático assim. O celular dele faz um barulho, ele o tira do bolso e manda uma mensagem enquanto caminha. Elaine, aposto.

Estou tentando me concentrar no presente, mas só consigo pensar em como ele ficou sem jeito quando o fulano com cara de ator achou que a gente era um casal. Eu lembro que Digby é uma boa pessoa, uma pessoa boa de verdade. O tipo de cara que vê uma garota aflita e tem vontade de fazer algo legal para ela e a leva para um passeio de um dia longe dos problemas. Ele é nerd o suficiente para achar que o Salão da Independência e o Sino

da Liberdade são boas distrações, não tão arriscadas quanto uma sala de cinema escura ou algo assim.

Registrou isso, cérebro traiçoeiro? Ele tem namorada. Alguém que ele ama. Alguém que não é você. Será que pode enfiar isso na sua massa cinzenta? Eu me afasto um pouco para aumentar a distância entre ele e os meus pensamentos.

Então por que ele disse que a minha orelha é perigosa?

– Este aqui é o de verdade – comenta ele enquanto o rapaz prepara os nossos sanduíches de filé com queijo.

O rapaz em questão é cheio de tatuagens, tem vários dentes faltando, está picando pimentas e cebolas, arrasta pedaços de algo semelhante a carne pela grelha quente. Como será a vida dele? O que tem em casa quando chega? Cerveja? Uma esposa amorosa? Um marido amoroso? Cabeças no congelador?

– Lucille – chama a mulher atrás do balcão com a voz rouca. Também faltam alguns dentes na boca dela.

Pego nossos sanduíches e Digby pega as Cocas. Vamos para fora porque é hora do almoço e não tem lugar para nos sentarmos.

– Aqui. – Digby aponta para um degrau na frente de um prédio residencial. Nós nos acomodamos ali. – Gosto da Filadélfia – comenta.

– Por causa daquilo? – Aponto para o prédio abandonado do outro lado da rua. Dois velhos estão por ali, bebendo cerveja de latas escondidas em saquinhos de papel. Provavelmente vou ficar assim em breve.

– Não – responde, e dá uma mordida no sanduíche. Gordura e pimentões escorrem da embalagem amarela. – Por causa daquilo.

Um sujeito passa montado em uma motocicleta zunindo. Está usando quase nenhuma roupa, e se empina com os pés no assento. Ele ultrapassa um sinal vermelho a toda velocidade com um sorriso no rosto.

– Isso é loucura – reajo.

– Filadélfia.

Comemos um pouco e ele olha para mim de lado.

– Sabe no que eu estava pensando?

– No quê?

Este sanduíche é bom, bom de verdade. Ainda melhor porque foi Digby que o comprou para mim, e a Coca está descendo com a quantidade exata de bolhinhas.

– Nas pinturas que você fazia quando éramos pequenos.

Limpo um pouco do molho que respingou. Essa era a última coisa que eu estava esperando.

– O que têm elas?

– Eu só estava me perguntando se você ainda faz, se ainda pinta.

Faço que não com a cabeça.

– Que pena. Eram boas. Quer dizer, eu me lembro de pensar que eram, na época. Você vivia coberta de tinta. Eu me lembro de a minha mãe dizer para a sua colocar macacão em você porque estava estragando todas as suas roupas.

Foi daí que os macacões surgiram. Eu tinha esquecido completamente. E as pinturas?

É surpreendente como conseguimos esquecer certas coisas, até sobre nós mesmos. Acho que não pego em um pincel desde que tinha 9 anos.

– Mas então... por que parou?

– Não sei bem. Só parei. Acho que fiquei grande.

Uma brisa sopra e, apesar de ser uma rua de cidade, tudo fica bem quieto.

– Está tudo bem com você? – finalmente pergunta.

– Tudo certo. – Coloco o sanduíche no colo.

– Quer dizer, depois da sua mãe, do seu pai e de tudo?

– Estou *bem*. – Falo tão alto que assusto a mim mesma. – Meu Deus, eu gostaria que todo mundo parasse de me perguntar isso. Se eu ficar mal, aviso a você.

– Certo, certo. – Ele amassa o papel amarelo. – Só estou tentando ser atencioso.

– Pode ficar com o resto do meu sanduíche se quiser.

Uma tentativa fraca de pedir trégua.

– Sou o tipo de cara que só come um sanduíche de filé com queijo, obrigado. – Ele balança a cabeça e mais uma vez o cabelo pende em cima de um olho. – Tenho uma surpresa pra você.

Acontece que está tendo um show em um café a apenas algumas quadras do Salão da Independência. Ele realmente tinha pensado em tudo. Então, no final das contas, ele me leva para a escuridão. Digby Jones está se revelando uma pessoa muito confusa.

As pessoas bebem cerveja e estão em pé pelo salão, algumas até dançam. A banda Jupiter's Green Daisy está tocando hoje, e ela é tão impactante que até fico com um nó na garganta. Papai adoraria aquilo ali. É como estar em casa. Eu tinha esquecido como era. A música carrega o peso de ser humano, leva essa carga embora para que você não precise pensar em nada, só tenha que escutar. A música conta todas as histórias que existem. Esta aqui não é exatamente do tipo dançante, é mais introspectiva, e eu curto isso. Não consigo evitar me mexer um pouco, e Digby está tão perto, logo atrás de mim, que sinto sua presença. Minha vontade é me inclinar para trás, para junto dele, mas me contenho. Então os dedos dele estão no meu braço de novo, tocando bem de leve, percorrendo minha pele devagar, e meus pulmões estão enormes, como nunca antes. Não quero que isso acabe nunca.

Toque minha pele para sempre.

Na minha versão perfeita de filme da vida, é aqui que ele me agarra, me vira na direção dele e me beija. Estamos ali na escuridão impenetrável, o som da bateria pulsa

dentro de nós, os lábios dele estão nos meus e ele respira sobre mim, bem quente. Não é como os tristes beijos babados que já troquei. Nem como os secos, tipo lixa.

A música para, a mão dele baixa e tudo entra em colapso. Digo a ele que volto logo e vou ao banheiro. Algo está caindo de baixo de mim. Será a Terra? Olho para meu reflexo no espelho imundo; eu vinha evitando espelhos há muito tempo.

Você está tão confusa, garota..., penso ao olhar para mim mesma.

Uma mulher com cabelo ruivo superlegal está retocando seu batom vermelho. Minha vontade é perguntar se a gente pode trocar de corpo. Quero correr de volta para o Digby, envolvê-lo pela cintura com as pernas, me jogar toda em cima dele. Quero perguntar por que ele está fazendo isso. Quero gritar que está acabando comigo, que precisa parar de tocar em mim se não me quer, que vou me afogar nele e que já estou me afogando. Eu me forço a olhar no espelho mais uma vez. Wren tem razão. Eu pareço a mamãe.

O caminho para casa é bem silencioso. A janela ao meu lado está com uma fresta aberta, e tem um CD tocando uma música que não reconheço. O borrão verde do lado de fora parece uma sopa enquanto avançamos rápido, mais rápido do que eu gostaria, de volta a Cherryville.

– Eu sei que você não quer conversar sobre... as coisas – começa ele. – E não tenho a menor intenção de aborrecer você.

Afasto o nariz do vidro e me viro para ele. Isso machuca os meus olhos. Ele me machuca inteira.

Digby dá uma olhada na minha direção e então volta a mirar a estrada.

– Mas – prossegue – você voltou a pensar na pessoa que invadiu a sua casa? Quer dizer, você não fica incomodada? Porque eu fico.

– Fico, sim – respondo. – Acho. – Uma mecha solta pendeu sobre a bochecha dele, e a minha vontade é de ajeitá-la. – Não foi mesmo você?

– Não.

– Jura?

– Olha pra mim – pede.

Eu olho. Eu olho. Eu olho.

– Não coloquei comida na sua casa – afirma. – Eu contaria pra você. Juro.

Fico com vontade de chorar de novo. Parece um reflexo dos infernos.

– Ei. – Ele coloca a mão na minha perna. – Desculpe. Eu não queria... Quer dizer, acho que tudo isso é demais. E eu teria... feito aquilo se tivesse tido a ideia. Mas não fui eu.

Engulo em seco. Preciso me controlar. Olho fixo para a mão dele.

– Tenho pensado que talvez existam coisas que simplesmente não podem ser explicadas – digo. – Que talvez, quando várias coisas ruins acontecem, coisas boas vêm logo em seguida.

- Como num passe de mágica? – Ele dá risada, joga a cabeça para trás, troca a marcha.
- Fala sério, Lucille.
- É como se fosse um equilíbrio – completo.
- Estou parecendo louca. A expressão dele me diz isso.
- Talvez – comenta ele, e, quando troca a marcha mais uma vez, as costas da mão dele roçam na minha. – Talvez você esteja certa.

Ele me deixa na frente da escola de Wren.

– Então, a gente viu uma mulher usando um selo postal como saia, presenciou um sujeito quase nu andando de moto, aprendeu um pouco de história, comeu algo maravilhoso e foi a um show, tudo em um dia só. – Ele se inclina na direção da janela e o motor da caminhonete ruge, como se estivesse cansado de ficar ali parado. – Nada mau.

– É – respondo. – Foi bom dar uma saída. – O rapaz da manutenção, o Sr. Bob, está na frente da escola podando os arbustos. Eu me lembro dele. É um cara legal. – Foi um dia bom.

– Às vezes, é difícil lembrar os dias bons – diz Digby.

– Você acha? Como pode? Família perfeita, notas perfeitas, condicionamento físico perfeito, namorada perfeita. – Coloco a mochila nas costas. – Rosto perfeito, corpo perfeito. – Ponho a mão na maçaneta para não ter que olhar para ele.

Mas escuto quando ele suspira.

– Então, a gente se vê daqui a uma hora? – pergunta.

– Como assim?

– Por causa da Wren.

– Ah, verdade. Eu preciso trabalhar.

– Então, vejo você daqui a pouco.

– Isso.

Saio do carro e, quando estou quase no pátio onde os pais e as babás ficam esperando as crianças, me viro para trás. Quero agradecer por aquele dia perfeito, não dez vezes, mas dez mil vezes. *Um dia perfeito com você era tudo de que eu precisava, e você me deu isso. Você disse que eu tenho orelhas perigosas. Você me pagou um sanduíche. Você perguntou se está tudo bem comigo. Você encostou no meu braço de novo, e durante três minutos eu pensei que você estivesse apaixonado por mim.*

Mas ele já tinha ido embora. Ainda assim, tenho uma foto em que estou olhando para ele, e uma dele olhando para mim. Duas fotos só para mim.

Estou perdida em uma bolha, tentando me lembrar de coisas específicas a respeito deste dia, coisas que sei que vou querer enxergar com clareza mais tarde, quando estiver deitada na cama sozinha. Memórias escapam, sabe, se a gente não achar um jeito de fazer com que

elas permaneçam. As escápulas dele aparentes por baixo da camisa, as mãos dele tremendo por um segundo quando ele tirou o dinheiro da carteira para pagar os sanduíches, ele prestando atenção em Mirtes e dizendo “Obrigado, senhora” quando ela nos levou ao Salão da Independência. A música, a sensação que ela causou. Os dedos dele, mais suaves do que eu imaginava.

– Como estão as coisas?

É meu vizinho do outro lado da rua, Andrew, com uma jaqueta com estampa *pied de poule*, as unhas limpas e os olhos brilhantes, segurando um guarda-chuva verde.

Olho para o alto. Só a menor possibilidade de chuva.

– Tudo bem. – Gosto de Andrew, por isso me esforço. – Está tudo bem.

– Que bom, que bom.

Ele bate o guarda-chuva no chão. É muito bonito. Firme e parece novo.

– Como está Amelia? – É a filha dele.

– Ah, está bem. Fazendo o de sempre. Piano hoje, lição de casa e dormindo cedo, acho. – Ele passa a mão pelo cabelo louro. Curva a boca ao redor das palavras entrecortadas, tudo de forma precisa. – Já estamos em pleno outono, e está na hora de retomar a rotina.

Começo a planejar uma rotina na cabeça, lembrando tudo que a Sra. LaRouche disse, lembrando tudo.

Andrew está me observando, por isso tento retomar nossa conversa.

– Gosto de escutar Amelia tocando piano. Ela toca muito bem. De verdade. – Mentira. Ela é só um pouco boa. Inclusive tem 8 anos de idade.

– Quando Amelia nasceu – diz Andrew, apenas em parte para mim –, não tínhamos certeza se ela seria soropositiva. A mãe dela era, e a gente levou mais ou menos um ano para confirmar. Ela também nasceu com traços de crack no sangue, então o piano ajuda a trabalhar o foco e a concentração dela.

– Vocês sabiam que havia a possibilidade de ela ser soropositiva e mesmo assim ficaram com ela?

Andrew nunca tinha me contado nada disso. Eu lembro quando ele e Edwin adotaram Amelia e a trouxeram para casa enrolada em um cobertor. Esse caso só serve para mostrar que a gente nunca sabe o que está acontecendo por trás da porta fechada de alguém.

– Claro. Queríamos uma alma para cuidar, então por que não cuidar de uma alma necessitada?

– Uau!

– Então eu disse a mim mesmo que quero que ela seja capaz de fazer alguma coisa bonita. Só uma. Seja o que for. Escolhi o piano porque deixa as mãos ocupadas e ela precisa ensaiar todos os dias, e é a única coisa que sei como dar a ela.

– Uma coisa bonita por dia.

- Exato. – Parece que ele quer falar mais, algo sobre mim, talvez, por isso cubro a cabeça com o capuz e digo: – Espero que tenham uma ótima tarde.
- Fazendo coisas bonitas – diz, e dá uma piscadela.
- Isso mesmo – concordo.

Dia 54

No dia seguinte, quando Wren e eu chegamos em casa, as folhas do quintal tinham sido varridas, as flores, regadas, os dois arbustos, podados. Dois vasos de crisântemos, um alaranjado, o outro amarelo, apareceram, um de cada lado da varanda. Eu devia me sentir agradecida, eu sei, mas estou tão irritada que mal consigo suportar. Eu me aproximo da casa como se o trajeto fosse um campo minado. Em algum lugar, Wrenny está saltitante, em êxtase.

Ela *ama* flores!

Ela *adora* grama!

E *Olha! Olha!* Alguém deixou uma cesta com empadões perto da porta!

Empadões?, penso. *Está de sacanagem?*

– Que simpático – digo, me esforçando muito para continuar firme. Pego a cesta. Meus olhos de laser miram a casa de Andrew. Seria a cara dele fazer isso, todo perfeitinho, tipo bom samaritano, reparando em mais do que deveria. Só pode ser ele. Mas se ele está andando por aí querendo fazer o bem, pondo e tirando flores e deixando comida na minha casa, alguém vai acabar reparando, e isso significa que é só questão de tempo até mais gente começar a fazer perguntas.

Estou prestes a marchar até o outro lado da rua quando avisto Andrew chegando em seu Volvo novo. Ele desce do carro e tira a sacola de uma loja cara de dentro dele. Está todo elegante, como se tivesse passado o dia em Nova York. E se isso aconteceu, não poderia ser o responsável pelas coisas em casa. Ele olha para mim e acena.

– Belo trabalho no quintal! – elogia, com aquela combinação de surpresa e alegria, como se fosse a coisa mais estranha do mundo o meu quintal estar bonito como o de todas as outras pessoas, mas tentando demonstrar apoio.

O cabelo dele está perfeitamente no lugar, apesar de ventar um pouco. Logo vai ficar frio de verdade.

Então, quem está fazendo isso?

Naquela noite, depois que Wren cai no sono, vou até o sótão. Geralmente fico longe dali. É um lugar bem desagradável. Depois que tia Jan morreu e mamãe ficou toda inchada com Wren na barriga, ela pegou tudo menos a mobília da casa e enfiou ali. Ela nunca disse nada a respeito, mas acho que não conseguiu jogar fora as coisas de tia Jan, nem doá-las.

Logo antes de ir embora, fez o mesmo com as coisas do papai. Todos os sinais dele desapareceram.

Agora, pensando bem, isso diz muito.

Quando eu era pequena, costumava subir no sótão sozinha de vez em quando, só para explorar os meus medos, acho. Eu ficava arrepiada, e às vezes gostava de sentir medo. Subia metade da escada e imaginava o que poderia estar à espreita. Um assassino psicopata? Uma mulher-fantasma louca, com cabelo preto desgrenhado e lábios finos e rachados? Ou aranhas? Bilhões de milhões de aranhas só esperando para pular em cima de mim e botar os ovos no meu rosto, chocando seus bebês por todos os lados.

Então eu acendia as luzes, olhava fixamente para as caixas – nada se arrastava em lugar nenhum, nenhuma ameaça. Só uma espécie de quietude vívida, grávida como a mamãe, cheia de algo indefinível. Ainda assim, eu nunca conseguia subir a escada toda. Estou me lembrando agora do que havia embaixo de algumas lonas, e quero ir até lá ver.

Demoro um minuto para me acostumar à falta de luz. Duas lâmpadas fluorescentes não funcionam mais. A única coisa que enxergo são contornos de caixas e muitos baixos e guitarras. Parece que, um de cada vez, dedos estão fazendo pressão sobre o meu peito, passando pelas minhas costelas, pela minha barriga. Estou fazendo algo que não devia fazer. Entrei no sarcófago.

Não lembro muita coisa de minha tia Jan. Nada, na verdade, porque eu nunca a conheci. Mamãe se mudou de Cherryville assim que teve idade suficiente e foi para a costa oeste. Ela diz que seguiu a música. Seus pais morreram em um incêndio, acho, algo trágico durante as férias no campo. Inalação de fumaça. Isso foi tudo que a mamãe disse sobre o acontecido. Ela ficava com os olhos vidrados. Até nos momentos mais tranquilos, estabelecia um limite em relação àquela história.

Mamãe tinha uma foto de tia Jan que ela deixava na prateleira do banheiro quando eu era bem pequena e a gente ainda morava na Califórnia. Quando estava grávida de Wren e tia Jan já tinha morrido, ela disse que o bebê e eu teríamos exatamente a mesma diferença de idade que ela e a irmã. Sete anos e três meses. A gente tem que se espantar com coincidências assim, não tem?

Estranho, balbuciou ela na época e acariciou a barriga gigantesca enquanto explicava.

Examino algumas caixas de roupas, alguns livros mofados, algumas telas que praticamente se dissolvem nas minhas mãos. Na verdade, há aranhas andando por ali, além de alguns insetos não identificáveis. Nada disso me assusta.

Encontro o que quero bem rápido. Carrego as caixas de plástico amarelo escada abaixo, apago as luzes e então me sento no chão para abri-las. Pincéis de todas as espessuras, centenas de tintas a óleo, lápis de todos os tipos, canetas e mais canetas e mais canetas.

Tiro as tintas dos compartimentos nas caixas, coloco tudo no chão, organizo por cor até ter um arco-íris ao meu redor. Minha pele queima, minha boca está um pouco seca.

Abro um tubo para testar. Primeiro sai óleo, mas depois uma cobrinha azul-brilhante se espalha pelas pontas dos meus dedos e eu as esfrego. Minhas mãos formigam.

Dia 61

Agora estou indo de carro para o trabalho, já que Eden não está mais tentando se esconder na minha casa. Faz semanas que não falo com ela. O braço que costumava me salvar na aula de inglês agora é um cotovelo e uma mão que protegem o rosto de Eden do meu, dizendo para que eu fique longe. Na maior parte das vezes me sento no fundo da sala, já que chego sempre em cima da hora, depois de deixar Wren na escola. Eden também me ignora durante o almoço, com o rosto enfiado em um livro que ela segura bem alto, de modo que só consigo enxergar as unhas pretas roídas e o cabelo ruivo irritado dela. Passei a ficar sozinha do lado de fora, na frente do prédio, olhando para um céu nada interessante enquanto como um sanduíche nada interessante. Isso nunca tinha acontecido antes. Nem mesmo uma vez. Meu peito é uma caverna, e todo o espaço que ela ocupava foi esvaziado. Minha personalidade também. Vazia. Não sei quem começou a coisa de não se falar mais e não sei como acabar com isso, então não faço nada a respeito. Em vez disso, suporto.

Mas Digby continua aparecendo à noite. Ele estaciona o Animal bem na frente de casa, em um lugar que a mãe dele poderia ver se passasse por ali. Parece não se incomodar, então não digo nada. E Elaine? Nunca pergunto sobre ela, mas acho que a garota sempre sabe onde ele está. Ele vai dar conta da mãe se for o caso, diz, e acredito que de fato consiga. Algo nele me traz confiança, apesar de eu saber que Janie Jones ficaria louca da vida se soubesse o que está acontecendo por aqui. A mulher iria estrangular minha mãe. Ela é o tipo de mãe que, pelos filhos, ergueria um carro por cima da cabeça, e sei que brigaria no mínimo com um guaxinim por mim.

– Querido, cheguei – digo a Digby quando chego do trabalho. Ele está deitado no sofá fazendo algo no celular. Eu me acomodo ao lado dele, ainda suada, fedida e cansada demais para me incomodar. – Onde está Wren?

– Ela caiu no sono vendo TV lá em cima.

– Sozinha?

– Fiquei sentado na escada para estar perto caso ela precisasse de mim, mas sim, sozinha.

– Que milagre. – E é mesmo. – Obrigada.

– Imagina. – Ele apruma o corpo. – Você deve estar cansada.

– Não. – Não quero que ele vá embora.

Mas fecho os olhos, não consigo evitar, só que não é de sono. É porque ele é gentil, generoso e me ajuda sem pedir nada em troca. Ele não pode ser de verdade. Até meu umbigo se sente agradecido. Até os meus joelhos se sentem agradecidos por tudo o que ele está fazendo.

Ele está olhando para mim. Sinto isso através das pálpebras. Abro os olhos e o encaro, me forçando a não desviar o olhar. Espero que ele não esteja me contemplando como se tentasse chegar à solução de uma equação matemática muito longa. Uma pontada de dor passa pelo rosto dele. Percebo quando atinge seus olhos, sua boca, ataca suas entranhas e faz seu estômago se revirar por baixo da camisa. Conheço essa dor da mesma forma que conheço o jeito como ele corre.

Fico esperando que ele se levante como sempre faz e comece a arrumar a mochila, mas nada disso acontece.

– Seu quintal está bonito – comenta.

– É o que ouvi dizer – respondo.

Toque em mim. Me beije. Eu sou sua. Sua.

Mas sei que ele não vai fazer nada disso. Ele jamais trairia.

Gosto dos tênis dele. Vans. Ele tem os pés grandes.

– Não aconteceu mais nada, certo? – pergunta. – Alguma revelação sobre quem está fazendo tudo isso?

– Será que a gente pode não conversar sobre isso? – Não quero falar de coisas tristes porque, se eu começar, vai vir tudo feito uma avalanche.

– Certo. – Ele enfia o celular no bolso. – Quer que eu vá embora?

Não. Quero que você fique aqui para sempre, seu tremendo idiota.

– Você não precisa ir?

– Tenho mais um tempinho.

Tiro os sapatos, pego um cobertor e coloco sobre colo, com as pernas cruzadas.

– Estou fedendo.

– Um pouco. Mas é um cheiro bom. Meio que me deixa com vontade de comer burritos deliciosos de todos os sabores. – Ele esfrega a barriga perfeita e sorri. – Então, sua noite foi boa?

– Ahã. – Faço que sim com a cabeça. – Você.

– O quê?

– Fale de você. Você sempre pergunta de mim e não fala nada sobre si mesmo. É totalmente injusto.

As bochechas dele coram, ficam vermelhas de novo. É fofo.

Ele dá de ombros.

– Isso não foi suficiente – digo. – Acho que você gosta de se esquivar. Então, fale de você.

– Até parece que você responde às minhas perguntas.

– Viu? Está se esquivando.

– Você sabe tudo sobre mim – argumenta ele.

– Com certeza não sei tudo.

Quero fazer com que ele fique corado o tempo todo.

– Sua comida preferida – continue. – Comece me contando isso.

– Sério?

– Sua comida preferida – repito.

Ele morde o lábio. O superior.

– Gosto de salada.

– Salada?

– É – confirma, como se estivesse confessando que de vez em quando usa lingerie feminina. – Gosto de salada. De folhas bem verdes e frescas, tá? – Ele está sorrindo daquele jeito que eu adoro.

– Mas isso não tem sustância nenhuma!

– Eu sei. Acho que essa é a questão. Minha mãe sempre faz uma tonelada de comida, né? Montes de carne e de batatas. Macarrão, carne assada, frango e... sei lá. É muita consistência e carnificina.

Eu me inclino para a frente, tiro os dedos dos pés de baixo de mim.

– Digby Jones, você é um vegetariano enrustido?

Ele se vira um pouco para o lado, de modo que ficamos um de frente para o outro, tira os sapatos, coloca os pés em cima do sofá. Estão a poucos milímetros dos meus.

– Gosto de saber que dá para fazer muita coisa com alimentos que saem da terra. Mas você sabe que eu também gosto de um filé. Desde que seja na Filadélfia.

– Bom, tudo bem, faz sentido, de um jeito meio esquisito.

– De que jeito?

– Sei lá. Você parece... – Escolho as palavras com cuidado. – Você parece sensível demais quando o assunto é carne.

A mão dele salta na minha direção por um segundo, então recua.

– Quer saber qual é a minha comida preferida? – pergunto.

– Não. Eu sei qual é.

– Sabe?

– Sei. Bom, quer dizer, eu sei qual *era*.

– E então?

– Pimentão.

Meu corpo estremece. Quando éramos mais novos, enquanto todo mundo comia batata frita e bebia suco, eu sempre queria pimentão. Não sei por quê. Algo na textura crocante, na simplicidade. Mas faz muito tempo que não como um pimentão. Eu simplesmente não tenho sentado para comer um prato cheio de pimentão sentindo seu sabor refrescante.

– Você presta atenção, Digby Jones – comento.

Ele para de me encarar.

– O que foi? – pergunto.

– Nada. – Ele tira o boné, coloca-o no colo, sem largá-lo. – Eu gosto quando você diz o meu nome. – As menores rugas se agitam nos cantos dos olhos dele. – Então, pimentão continua sendo a sua comida preferida?

– Não sei – respondo. – Eu não sei nem isso.

Ele revira os olhos.

– O que foi?

– Tudo anda tão dramático com você ultimamente... “Minha mãe me largou com a minha irmã menor. Algum anjo da guarda me traz coisas. Trabalho em um restaurante e tenho que falar com as pessoas.” – Ele dá um tapinha nos meus pés. – “Buá, eu nem sei mais qual é a minha comida preferida.”

Se isso viesse de alguma outra pessoa, seria um comentário maldoso. Vindo dele, de algum modo não é.

– Terminou? – pergunto.

Ele faz que não com a cabeça e olha diretamente para mim mais uma vez. Malícia.

– “Buá” – continua. – “Sou tão linda. Buá.” – Ele fala mais devagar. – “Sou inteligente, sou competente, estou tornando possível o impossível.” – Mal dá para escutar. – “Sou incrível.”

– Incrível – digo, mas estou falando dele.

– É, incrível. Você fez uma loucura naquela noite, com o seu pai.

Começo a reclamar.

– Eu sei que você não gosta de falar disso, mas você pulou em cima... do quê? De um homem de mais de 100 quilos, e fez com que ele largasse a sua mãe. Quer dizer, aquilo foi... incrível, de verdade.

– Não foi bem assim – comento.

– Então, como é que foi?

– Não sei. Ele não brigou comigo. Ele soltou a minha mãe assim que eu toquei nele. Foi como se ele não soubesse o que estava fazendo por um minuto, como se estivesse sendo controlado por outra coisa.

– Insanidade temporária.

– Acho que não tão temporária assim.

– E você nunca mais viu o seu pai?

– Não. Ele não quis ver nenhuma de nós. Minha mãe tentou várias vezes, até que finalmente... – E então falo em voz alta. – Ele desapareceu. Não está mais na clínica. Minha mãe descobriu logo antes de ir embora. Não sei onde nenhum dos dois está. Parece que evaporaram.

Ele esfrega o meu pé um pouco, balança a cabeça.

– Não sei como alguém pode abandonar você, ou melhor, vocês duas. Mas principalmente você. Não entendo.

A mão dele ainda está no meu pé. Sou um pé gigante, a mão dele é uma mão mágica de gigante, e está em mim inteira. Sem. Fôlego. O corpo todo quente e pulsando.

– O que você está fazendo? – pergunto.

Quem é este garoto que conheço desde quase sempre e por que ele é tudo?

Ele sorri, e eu juro, juro que os olhos dele estão marejando.

– Não sei. – Ele não tira a mão do meu pé.

Eu me arrasto. Eu me dobro no meio e me arrasto para cima dele, aniquilo todo o pensamento racional, tudo o que me diz que preciso parar, que o que estou fazendo é errado. Paro quando chego perto.

Então a mão dele está na base das minhas costas e me puxa para o colo dele. Eu me roço na jaqueta escorregadia de atleta, tiro o seu boné das mãos e o deixo cair no chão. Passo os dedos pelas listras brancas no peito dele. Respirações superficiais e chiadas saem dos meus pulmões.

O ar que sai dele é doce, e eu o absorvo. As pontas dos dedos dele fazem pressão. Espero que o ar esteja tão doce para ele quanto está para mim. Nossos lábios se tocam, e um choque atrás do outro me eletriza. Meus olhos estão abertos, olhando para as pálpebras fechadas dele, e então elas se abrem e ele está tão perto que parece um ciclope borrado. Sou sugada para dentro do único olho dele.

– Lucille – sussurra ele, como se estivesse suplicando.

Então nós nos beijamos e eu não sofro uma implosão nem me dissolvo nem me despedaço, como achei que aconteceria. Em vez disso, eu me expando em uma coisa deliciosa. Nós nos afundamos um no outro. Os lábios dele são macios e o corpo dele é rígido e me agarra, e depois de testarmos a boca um do outro por um minuto, parece que somos as pessoas mais famintas do mundo e alguém acabou de servir um ao outro para o jantar, para a sobremesa. Somos filé e purê de batata, e bolo de chocolate com chantili e calda de framboesa. Somos decadentes. Não, ele é um pedaço de pimentão crocante, fresco e frio. Perfeito, como eu disse.

E é aí que o celular vibra na minha perna e eu me sobressalto. Toca e toca e toca. O rosto dele diz que ele sabe que é Elaine ligando. Ele não atende. Nem se mexe. Vibra uma eternidade antes de finalmente parar. Mais alguns segundos se passam, então volta a tocar. Ela deixou um recado. O que será que ela disse?

Talvez tenha sido: *Oi, sou eu. Eu te amo, Digby. Estou com saudade. Onde você está? Liga pra mim quando receber esta mensagem.* Quase consigo escutar a voz dela. O que Elaine faria se soubesse que o namorado fiel está em cima de outra menina, e se soubesse que era eu? Como ela se sentiria?

Eu me afasto quanto posso e me encosto no braço do sofá. Ele está com cara de quem perdeu algo. Agora vai sair correndo. Vai embora para nunca mais voltar.

Ele puxa um dos meus dedos dos pés suados.

– Lucille, eu...

– “Buá” – digo. – “Sou lindo. Buá, tenho habilidade físicas estupendas. Buá, tenho uma namorada linda.” – Faço uma pausa, tentando me recompor.

A voz dele está salgada, como se eu tivesse roubado tudo de doce dele.

– Estou confuso, Lucille. O que é esta menina ridícula que eu conheço desde sempre?

– Ele apoia a cabeça nas mãos, olha para o chão. – Será que está interessada em mim? Será que está só curiosa? Esta menina é inacreditável. Os olhos dela, Lucille, você devia ver os olhos dela.

Eu preciso me segurar, literalmente agarro o sofá embaixo de mim para que eu não escorregue de novo para o colo dele. Nem conheço esta pessoa que sou quando estou com ele.

O celular dele vibra de novo. Agora é uma mensagem de texto.

– Você não precisa atender?

– Não. Vai ficar tudo bem. – Ele sai de onde quer que estivéssemos. Estou abalada. Depois de um minuto, ele diz: – Então, o que está acontecendo entre você e a minha irmã?

– Não sei.

Por que ele está me perguntando isso agora?

– Vocês não estão se falando, né?

– Na verdade, não.

– Você a expulsou. Ela só estava tentando ajudar.

– Eu expulsei você também. Você está aqui.

– Mas...

– Mas o quê?

– Não consegui evitar, eu tive que voltar.

– Mas ela conseguiu – digo, tentando não pensar muito sobre o que ele acabou de falar.

– Bom, você devia falar com ela. Acho que ela ficou magoada de verdade.

– Sinto muito – comento. – Não tenho tempo pra toda essa mágoa. Só estou tentando me virar. – Quando digo isso percebo como estou frágil, irritada com Eden, como não acho que seja justo ela ficar magoada quando tenho que dar conta de tanta coisa.

– Eu tenho algo. – Ele tira o celular do bolso. – Só um segundo. – Ele digita bem rápido, algo que fico achando que é uma mensagem para Elaine, enquanto tento não sentir a pontada que isso me causa, então coloca os fones nos meus ouvidos. Fico calma quando ele faz isso, apesar de Elaine estar à espreita entre as notas. – Você vai gostar.

A música é diferente de tudo que já escutei, nada a que eu esteja acostumada, com toda a certeza, mas é boa o suficiente para me fazer fechar os olhos. Quando termina, ele está com o boné na cabeça e a mochila nas costas.

– É boa, né?

– É boa, sim. – Entrego o celular. – Obrigada.

Tudo dói quando ele se dirige à porta.

Ele me abraça com muita força antes de sair. Tento me apertar contra ele e, por um louco segundo, fico achando que, se o abraçar com força suficiente, talvez eu de fato me transforme nele, me derreta nele, e nada mais vai fazer diferença. Mas, no fim, eu continuo sendo eu e ele continua sendo ele, e os nossos corpos se separam e a mão dele está na maçaneta, a mochila pendurada em um ombro, a noite no meu rosto.

E então nada.

APFL (Antes de o Papai Ficar Louco)

Foi com Parker Delaney que cheguei mais longe nos domínios do sexo. Agora parece que foi há uma eternidade, quando eu tinha a mamãe e o papai e não sabia como tudo pode se quebrar. Eu ainda achava que a gente tinha uma família, tinha algumas roupas, uma melhor amiga, uma irmã mais nova que de vez em quando irrita, e ia vivendo até ter idade bastante para ver como o mundo é de verdade.

Eu costumava passar tardes no parque com Eden, quando ainda éramos vizinhas, antes de a Sra. Albertson se mudar para a casa dela. A gente ficava vendo os meninos jogarem basquete e se deitava no gira-gira, olhando para o céu e falando besteira.

Parker não era meu namorado, mas foi o mais perto que já estive disso, no sentido de que ele sempre queria me beijar. Foi assim durante um bom tempo. Um dia fui parar atrás do *dojo* de caratê, em frente ao parque, com a mão do Parker dentro da minha blusa, da minha calça. Muita coisa aconteceu ao mesmo tempo. Pensamentos sobre eu gostar ou não dele, sobre esse questionamento fazer ou não diferença, sobre se a língua dele era molhada demais, grande demais, sem me dar a chance de entrar no ritmo. As mãos dele também. Ele devia ter umas oito, brotando de tudo que é lugar ao mesmo tempo.

O cabelo dele era realmente bem macio. Eu queria passar a mão nele, dar uma olhada para ver se havia algo ali, conversar um pouco, mas ele avançava como se fosse pegar fogo caso não ficasse o mais perto possível de mim. Parecia que ele tinha uma bomba na calça que ia ser detonada e explodir o mundo se ele não conseguisse o que queria, se eu não permitisse que ele me tocasse. Tive que me arrancar dele naquele último dia, senão teria perdido a virgindade ali encostada em uma parede suja, e não deixei que ele me levasse para a casa dele quando disse que os pais tinham saído e a gente devia ir para lá. Ele prometeu que não ia me forçar a nada, só que eu não era boba. O freio parece não funcionar depois que você passa de certo ponto.

É meio que inebriante e repugnante ao mesmo tempo.

Eu ainda estava toda vestida, mas no fim Parker tinha me tocado em todo lugar e eu nem sabia dizer se tinha gostado ou não. Depois que o papai foi embora e antes do lance com Digby, eu não quis tocar ninguém, em lugar nenhum, e, que saco, com toda certeza parecia que ninguém ia querer tocar em mim também.

Eu achava que Digby era uma dessas pessoas.

Dia 61 – continuação

Então, depois que Digby vai embora, tomo o banho mais quente do universo enquanto Wrenny dorme no quarto da mamãe, e isso significa que posso levar o tempo que quiser, demorar, sentir as gotas de água caindo, pensar naquele beijo, naqueles beijos, registrar cada segundo na minha consciência. Lembra o que eu disse sobre esquecer as coisas? Isso é real. Você precisa se concentrar para manter as coisas próximas.

Visto uma das camisetas velhas do papai. Nela está escrito: POR QUE VOCÊ ESTÁ USANDO ESTA ROUPA RIDÍCULA DE HOMEM? É uma frase de *Donnie Darko*, o filme preferido dele.

As mãos de Digby são muito macias, mas algo na pressão dos dedos dele nas minhas costas me fez voar. Estou pensando em como lábios tão próximos, mas mal tocando os meus, fizeram com que eu sentisse coisas típicas de romances eróticos. Minhas coxas tremeram, minha respiração se acelerou, um gemido escapou. Bem assim. Eu me arrastei, pelo amor de Deus, eu me arrastei para o colo dele feito uma criatura carente.

Além disso, eu não sofri. Por alguns minutos eu estava exatamente onde eu estava, e quer saber a verdade? Eu não sairia daquele colo naquele momento nem por um zilhão de dólares. Mas agora o sofrimento é pior do que era antes. Muito pior.

Eu quero, eu quero, eu quero.

Digby em mim inteira.

Eu queria poder conversar com Eden.

Não posso ficar parada, preciso me mexer. Eu me levanto e corro para a caixa amarela, para a tela amassada, mas limpa, que eu achei. Abro e pego os pincéis, as tintas. Esta cor, aquela cor, estou frenética. Dissolvo a tinta com o solvente e começo os trabalhos na tela. A tinta é uma coisa viva. Laranja, vermelho, amarelo e depois azul, roxo e verde, uma cor em cima da outra. Não tenho uma imagem na cabeça. Só tenho um sentimento sobre o que poderia ser.

Quando termino, vejo um redemoinho de cor. Tenho absolutamente cem por cento de certeza de que está uma porcaria de acordo com qualquer padrão artístico real.

Mas sobre o vermelho, o laranja, o amarelo? Sou eu, queimando. O azul, o verde, o roxo? Digby.

Estamos juntos naquela pintura, suspensos.

Dia 62

Vou falar com Eden amanhã. Não consigo tirar da cabeça o que Digby disse. Será que Eden e eu estamos brigadas de verdade? Não tenho muita certeza, e de repente acho que tudo bem se estivermos. Chego cedo à aula de inglês para poder me sentar do lado dela. Dou chutinhos no pé dela, mas ela não reage. Mando uma mensagem carinhosa durante a aula de matemática, e ela não responde. Até me sento com ela no almoço e tenho uma conversa unilateral. Tudo corre tão bem que ela calmamente pega o prato dela e sai andando enquanto estou no meio de uma frase.

Ela está mesmo furiosa comigo.

Dia 67

Digby vai à minha casa, como sempre. Não tem beijo nenhum. Não tem toque nenhum. Depois que ele vai embora, encontro um pimentão vermelho cortado em tiras arrumadas de forma simétrica em um prato na cozinha.

Dia 69

– Vou ser um arco-íris no meu aniversário!

É a primeira coisa que Wren diz quando chego em casa do trabalho, carregando algumas sacolas repletas de coisas de aniversário.

Ela está usando um collant desbotado com listras grossas em vermelho, verde, azul e amarelo na frente, e está sorrindo tanto que não dou risada. Ela está totalmente ligada. Não acredito que são onze da noite. Coloco as sacolas na cozinha. Confesso que estou me arrastando e bufando um pouco.

– Espero que não tenha problema ela ter entrado no sótão – diz Digby. – Acho que ela viu uns trechos que você trouxe de lá. – Ele aparece atrás dela. – Tem muita coisa legal lá em cima. Caixas e mais caixas. E um monte de guitarras... – Ele para. Fica me avaliando por um segundo. – Desculpe por ela estar acordada. Eu sei que tem aula amanhã.

Ganhei quase 200 dólares no trabalho, bem a tempo do aniversário de Wren. Eu devia estar de bom humor, mas estou brava ou irritada, e não sei por quê. Talvez tenha algo a ver com o fato de Digby e eu não termos conversado sobre o nosso beijo e de ele sempre voltar aqui e eu ter que não tocar nele, e isso é uma tortura dos infernos. E agora ele simplesmente entra onde bem entende na minha casa, em lugares que eu mesma estou começando a descobrir.

– A sua mãe é tão gorda que fiquei sem gasolina depois que ela entrou no carro – implica Wren, saltitando em círculos.

– Desculpe se você não quer que ela suba lá – diz Digby. – Ela meio que insistiu.

Tiro a jaqueta e a penduro no gancho, tento me recompor e me afasto deles para conseguir me acalmar. Wren parece estar tendo um ataque psicótico ou algo assim. Ela agora fez uma pausa e está bebendo um pouco de achocolatado.

– Você não devia estar tomando isso a esta hora da noite – intervenho ao retornar à sala. – Não é para menos que esteja tão agitada.

Digby tira o copo de leite da mão de Wren e diz:

– Tem um monte de quadros lá em cima. São da sua tia, né? Você ainda tem os seus de antes?

– Ei! – diz Wren, e pega o copo de volta.

Digby se aproxima de mim.

– Você devia falar com a pessoa antes de começar a fuçar as coisas dela – alfineto.

Digby fica com aquela expressão de novo, como se eu tivesse dado um tapa nele, e de repente é a vontade que eu tenho. Com muita força.

– De qualquer forma — Wren se enfia entre nós dois e continua tomando o leite —, eu achei uma caixa cheia de coisas. Você disse que eu devia ser criativa para o Dia das Bruxas, porque também é o meu aniversário, então achei que podia ser um arco-íris. — Ela faz uma pausa. — Você pode comprar purpurina pra mim amanhã, tipo, de manhã, antes da escola? Eu vi um potinho que vem com várias cores juntas. Eu podia colocar em todo lugar, e se você comprar uma meia-calça roxa para mim, vou estar com quase todas as cores.

– Wren, você pode se acalmar, por favor?! — dou um berro.

Eu me arrependo no mesmo instante, apesar de Wren estar parecendo uma louca, e Digby também, um tipo diferente de louco, como se não tivesse traído a namorada comigo, como se não houvesse nada entre nós e ele fosse só a babá da Wren. Digby e eu ficamos nos encarando. Chegamos a um impasse, e estou pronta para atirar.

Wren olha para nós, passando os olhos de um para outro, e diz:

– Quero saber o que você acha da minha ideia de arco-íris.

– Arco-íris são mágicos. — Paro de encarar Digby, passo os dedos no cabelo de Wren e deparo com um nó enorme. Ela se desvencilha. — E você vai ser o melhor de todos.

Ela dá um giro.

– Aniversário no Dia das Bruxas é a melhor coisa que existe. Lembra quando a mamãe e o papai se fantasiaram de Shrek e Fiona?

– Você chorou — digo. — O papai assustou você quando apareceu com aquela máscara.

– Não me lembro disso — retruca, e parece murchar. — Eu só me lembro de achar legal.

– Eu estava nesse dia — intervém Digby. — Isso aconteceu mesmo. Às vezes a gente se lembra das coisas de um jeito diferente do que aconteceu na verdade.

– Revisionismo — informo.

– Ou perspectiva — retruca Digby. Faz-se um silêncio. Então: — Preciso ir.

– Tudo bem.

– Olha — diz ele enquanto tira as chaves do bolso —, não quero estressar você, mas o grande debate da Elaine foi hoje à noite. Acho que não vou poder tomar conta de Wren no Dia das Bruxas. Eu queria sair com ela, para pedir doces e tudo o mais, mas agora Elaine quer ficar comigo.

– Eu disse a Fred que ia trabalhar, apesar de ser sexta. Você falou...

– Desculpe, Lucille, mas...

– Não, tudo bem, você deve fazer isso.

– Talvez nós dois possamos tomar conta dela pra você.

Os efeitos dessa frase não são exagerados. Vômito. Bile. Cuspe. Não sei como ele é capaz de sugerir uma coisa dessas.

– Não, obrigada.

Ele estreita os olhos um pouco.

– Certo, tudo bem. Bom, desculpe mesmo. – Ele sorri e acho que parece muito fraco.

– Diga dez vezes e depois nunca mais volte a repetir.

– Lucille...

– Está me devendo dez – continuo. Então: – Wren, está na hora de ir pra cama. – Tiro o copo com achocolatado da mão dela, vou para a cozinha e jogo o resto na pia.

– Por que você ficou tão mal-humorada hoje à noite? – grita Wren. – Mau humor é um saco.

– Tá vendo – digo a Digby da porta da cozinha –, agora ela vai ficar acordada a noite toda. Não se dá açúcar pra uma criança logo antes de ela ir pra cama.

– Eu não dei. Ela foi lá e pegou.

– Bom, você supostamente devia estar cuidando dela. Mantendo o controle.

– Como você? – questiona. Agora ele parece irritado.

– Suba – ordeno a Wren, e ela não discute. – Boa noite, Digby. Aproveite seu tempo de qualidade.

– Eu vi o quadro – diz ele para as minhas costas.

Sou tomada por um pânico repentino.

– E gostei. Muito.

– Eu também! – diz Wren. – Quero pintar. A gente pode pintar juntas?

– Hoje, não – respondo.

– Mas...

– Hoje, não!

Digby continua parado à porta. Que confusão. E agora eu o magoei e ele está tentando se retratar. Consigo perceber isso. Não posso deixar as coisas assim, não quero palavras raivosas entre nós.

– Suba, Wren. Escove os dentes.

É chocante, mas ela obedece.

Assim que ela se afasta, Digby me abraça pela cintura e me puxa para perto dele com força. Retribuo com toda a vontade.

– Você está tentando me enlouquecer – digo, aninhada no peito dele.

– Eu não.

Preciso esticar o pescoço para ver o rosto dele.

– Estou tentando fazer o que é certo. – Ele passa o dedo na minha orelha. Parece que quer chorar. – Você consegue entender?

– É, acho que sim.

Eu me mexo para pegar na mão dele. Ele recua, então não consigo.

– A pintura é realmente bonita – diz, e vai embora.

Wren e eu assistimos à série *A guerra dos cupcakes* e tento me acalmar. As equipes que disputam o prêmio fazem uma festa para George Lucas, então o tema é *Star Wars*. Discordamos a respeito de quem deve vencer. Para mim, o critério tem que ser a personalidade; para Wren, o sabor. Ela torce para uma pessoa completamente idiota se ela estiver fazendo cupcakes de pistache com cobertura de chocolate branco. Ingrediente secreto? Água de rosas. Wren está tão animada com o collant de arco-íris dela que a deixo dormir com ele, e eu também não tenho tempo de tomar banho e trocar de roupa. Caímos no sono no quarto da mamãe com a TV ligada.

Dia 71

Hoje é o aniversário da Wren. Também é o Dia das Bruxas. Algo nessa informação está me incomodando. Tipo, todos nós usamos uma máscara o tempo todo, certo? E o fato de eu querer muito poder tirar a minha e encarar o mundo de frente, hoje mais do que nunca, parece irônico em um nível que mal consigo apreender.

Quero berrar que *Sim, meu pai realmente é louco, minha mãe me abandonou, minha melhor amiga parou de falar comigo, e estou apaixonada, desesperadamente, loucamente, para nunca mais me recuperar, superenvolvida em uma paixão distorcida e doente por um garoto que não posso ter. Siga em frente, mundo. Dê o pior de si. Quero ser livre.*

Fiz uma faixa ontem à noite e pendurei na porta do quarto da mamãe, para que fosse a primeira coisa que Wren visse ao acordar. Desenhei um monte de passarinhos, um sol e até uma borboleta. É uma mentira, claro, e Wren provavelmente teria feito algo melhor com isso do que eu, mas me esforcei.

Mamãe tinha uma grelha para fazer waffles pequenos em forma de coração, e às vezes, nas manhãs de fim de semana, a usava e cantava alguma música enquanto cozinhava. O dia sempre era bom quando começava assim. Encontro a grelha atrás da jarra plástica de suco, atrás das travessas de metal que só saíam do armário nas festas de fim de ano, e fico olhando para o objeto por um tempinho.

São só seis da manhã, mas não consigo voltar a dormir. Fiquei com o celular do meu lado a noite toda, só para garantir. Se tinha um dia em que a mamãe ia ligar, seria hoje, e quero estar preparada. Meu plano é entregar o celular a Wren com muita calma. Não vou gritar. Não vou dizer verdades amargas a ela e com toda certeza não vou chorar.

Quero que Wrenny tenha um bom aniversário. Ela tem 10 anos agora. Dois dígitos.

Esta porcaria de grelha de waffle é minha nêmesis. Só de olhar para ela, já fico cansada. Entre as muitas coisas que o nosso Santo Padroeiro dos Suprimentos nos deixou há mistura para fazer panqueca, então eu abro o pacote, a farinha cai por cima de mim toda e misturo com leite e ovos enquanto a grelha esquenta.

O vento bate contra a vidraça da janela. Tinha algo que o papai sempre fazia no porão para evitar que os canos congelassem. Ele também limpava o tanque de óleo e preparava as janelas para a época mais fria. Se está tão frio assim no fim de outubro, o inverno vai ser pesado, e eu não tenho ideia de como se faz nada disso.

Mas esta quase parece uma manhã normal. O café coa, os waffles douram, ponho a mesa e tiro meu presente para Wren do armário, da prateleira onde o escondi. Essa menina fuça por todo canto, por isso o deixei bem, bem no fundo.

– O que é isso? – pergunta ela quando se joga na cadeira à mesa com um cobertor em cima dos ombros.

– Feliz aniversário! – digo alto demais e com animação demais, enfiando a caixinha no bolso. – Você tem 10 anos!

– Você fez os waffles da mamãe?

– Não, eu fiz os *meus* waffles. – Vou até o armário para pegar a Nutella que comprei, e busco morangos e chantili na geladeira. – A mamãe alguma vez fez *isto*? – Espalho chantili por todos os lados, por todo o prato de Wren.

Ela definitivamente não está nada animada, mesmo com a perspectiva do chantili, como se tivesse superado toda a alegria da outra noite. Apesar de ser muito forte, ela está parecendo infinitamente frágil. Está com olheiras escuras.

– Qual é o problema, Wrenny?

Ela dá de ombros, passa o garfo pelo chantili, suja um pouco o cobertor, deixa o garfo cair de volta na mesa.

– Tenho uma coisa pra você.

Tiro a caixinha do bolso.

O rosto dela continua impassível. Isso é tão fora do comum para ela que fico assustada. Ela abre o pacote do presente como se estivesse se movendo na lama, coloca o papel de seda de lado junto com a fita brilhante que eu achei que ia deixá-la muito feliz.

– Você viu a faixa que eu fiz?

– Vi – responde. – Obrigada. É bonita. – Quando ela abre a tampa da caixinha, vê os pequenos brincos de diamante sobre o veludo preto, fica olhando para mim com os olhos arregalados. – São de verdade?

– Claro que sim. – Não digo a ela que estavam em uma supermegaliquidação na joalheria do shopping. Quero que ela pense que gastei um milhão de dólares nisso. Se eu tivesse, eu gastaria. Por ela.

– Mas não temos dinheiro nenhum.

– Você fez 10 anos, Wrenny. É uma data muito importante. E são perfeitos pra você.

– Mas você vive dizendo que a gente precisa de comida e tal.

Fiz tudo errado mais uma vez. Ela não devia estar pensando nessas coisas, mas se divertindo em algum lugar. Ela dá uma olhada no telefone que está ao lado do fogão, de volta para mim, de volta para o telefone. Então entendo. Wren também está esperando.

– A sua mãe é tão gorda que meu pescoço quebrou só de eu pensar nela – diz Wren, antes que eu mencione qualquer coisa sobre qualquer coisa.

– Por que você faz isso? – Devolvo os morangos à geladeira e fecho a porta com um pouco de força de mais.

– Faço o quê?
– Essas piadas.
– Porque são engraçadas.
– Não são engraçadas. Sério, não são.
– Como assim? Você não entendeu? Ela é tão gorda que meu pescoço quebrou só de eu pensar nela.

– Eu entendi, só acho que não é legal. E não é... – Busco a palavra. – Não é gentil. – *Não é gentil com você mesma*, é o que quero dizer.

E então ela está chorando, enormes, redondas e grossas lágrimas. Chora em cima dos waffles, agarrada ao próprio cabelo oleoso como se estivesse tentando manter o cérebro no lugar.

– Ainda é cedo, meu amor – explico, sem nenhuma vontade de brigar. – Ela ainda pode ligar. Tem o dia inteiro.

– Eu tenho aula – diz ela, o rosto enterrado nas mãos.

Dou um abraço nela, mas ela se fecha numa fortaleza própria, cruzando os braços.

Wren não chorou durante essa situação toda, nenhuma vez. Quantos sorrisos ela estampou no rosto? E por que ficamos tão ocupadas tentando fingir que estava tudo bem se não estava? Eu me ajoelho, forço meu rosto entre os braços dela. Ela me empurra, mas com pouca força, e estou a um dedo dela. Coloco a língua para fora e fico vesga.

Ela dá risada e eu rio junto. Wren me deixa abrir os braços dela e os apoia nos meus ombros.

– Vai ficar tudo bem com a gente – afirmo. – Vai ficar tudo bem.

– Vão me levar embora? – Ela nunca tinha me perguntado isso.

– Eu nunca deixaria que isso acontecesse.

– E se você não puder fazer nada? Eu ouvi.

– Ouviu o quê?

– Você, Digby e Eden preocupados com isso. Na noite em que você ficou brava com eles.

O que mais ela escutou? Quanto sabe a respeito de tudo?

– Eu tenho 10 anos – diz ela, e vejo como ela mudou, cresceu. As camadas de alegria e descuido se soltam.

– Tem mesmo. – Eu me sento no chão, de modo que ela fica acima de mim. – Você tem 10 anos. – Aperto um pouco o cobertor em volta das pernas dela. – Então, quer conversar sobre o que está acontecendo?

Ela nega com a cabeça, mas então olha por baixo das pálpebras cheias de esperança, dos cílios negros longos e grossos.

– Não quero que você fique triste se eu falar – diz ela. – Eu sei que você fica muito triste. – Os lábios dela tremem, e percebo como ela está se esforçando para fazer isso parar. – Eu deixo você triste.

– Não! Você não me deixa triste, de jeito nenhum, nunca. – Pego os dedos dela. Ela tem as unhas mais lindas do mundo. Perfeitas. Redondas. Rosadas e lisas. – Às vezes acho que não estou fazendo um bom trabalho. Eu é que me deixo triste. A situação me deixa triste. E eu gosto de ver que você *parece* feliz. Mas, Wren, se você não está feliz de verdade, não precisa fingir. As coisas estão difíceis agora, mas não vai ser assim pra sempre. E eu prometo, prometo, que sempre vou tomar conta de você. – Algo me sobe com força. – Não importa o que aconteça, eu nunca, jamais vou deixar alguém tirar você de mim. Nós vamos ficar juntas enquanto você precisar de mim.

– Tem uma senhora na escola que anda fazendo perguntas. Ela é muito legal, mas pergunta sobre o papai, a mamãe e essas coisas. Nunca sei o que dizer. – Ela volta a cobrir o rosto, e preciso afastar as mãos dela. – Não falei nada pra ela – garante.

– Mas quer falar.

– Não posso. Ela quer que eu fale sobre os meus sentimentos, sobre como são as coisas em casa.

– Ah. Não sei muito bem o que fazer.

– Se eu não falar vai ser pior, mas acho que ela é esperta e vai saber se eu mentir.

– Bom, então não minta. Só não conte tudo.

– Ela também disse que tudo bem ficar triste. Mas vou tentar ficar feliz de qualquer jeito. – Ela usa a mão livre para me fazer um carinho na cabeça, como se eu fosse um bicho de estimação. – Os brincos são muito bonitos. – Ela me entrega a caixinha. – Você coloca em mim?

Eu canto “Parabéns pra você” enquanto coloco os brincos nos furos das orelhas dela e não acredito em como ficam lindos, como se fossem pequenos reflexos de tudo o que ela tem dentro de si. Não quero que essa luz se apague.

Ela se levanta e se olha no espelho em cima da pia. Nossos olhos se encontram.

– A sua mãe é tão gorda que ela está nos dois lados da família.

Ela dá risada como se tivesse um bilhão de anos de idade.

Shane, Rachel e Val estão dando toda atenção a Wren neste momento, admirando a fantasia de Dia das Bruxas dela enquanto trabalham, todas derretidas, dando parabéns sempre que podem. Fred, que está vestido com farda, com duas bandoleiras se cruzando sobre o peito, bandana na cabeça e tudo o mais, coloca uma vela em um pudim e todos cantam para ela.

Escondo o meu celular no avental, apesar de telefones não serem permitidos no salão. Só para garantir. As garotas levam Wren para o escritório. Quando vou dar uma olhada, estão penteando o cabelo dela, elogiando muito os brincos, perguntando sobre meninos. O restaurante está quase pronto. Wren está com os olhos vidrados, absorvendo cada palavra enquanto vou distribuindo os talheres pelas mesas cobertas de plástico.

Adoro quando tenho que fazer isso. Pegar os talheres limpos e enrolar em guardanapos, fazendo pequenos embrulhos apertados, ajeitando um ao lado do outro. Consigo descansar antes da loucura. Além disso, eles ficam bonitinhos antes de serem desembalados e cobertos de sujeira. Quando estou com uma bandeja quase cheia, Wren sai do escritório parecendo uma prostituta. Uma prostituta muito feliz. Parece que as garotas refizeram a maquiagem dela.

– Uau! – comenta Fred, dando uma risada quando vê o rosto dela. – Ai, cara. Vocês, garotas, são malucas. – Ele balança a cabeça e volta para a cozinha.

– O sujo falando do mal lavado – esbraveja Val às costas dele.

– Olha! – Wren me chama. – Rachel me maquiou!

– Ela não está linda? – Rachel pousa a mão na cintura. – Acentuei os traços dela, as maçãs do rosto, esses lábios carnudos. – Ela segura o queixo de Wren, olha nos olhos dela. – Que rostinho lindo! Que miniarco-íris lindo!

Wren está mesmo linda, de um jeito que me faz sentir um aperto no peito. Ela parece ter mais do que apenas 10 anos, e o delineador preto que Rachel colocou nela só faz toda a dor brilhar em seus grandes e doces olhos castanhos. Fico feliz por ela deixar aparentar um pouco. O vermelho nos lábios de Wren também está radiante, e dá para ver que ela vai ser uma mulher linda. Espero que tenha muito amor-próprio, que saiba que é linda mesmo sem toda aquela cor no rosto. Minha vontade é tirar tudo, mas seria um insulto a Rach, por isso eu só concordo.

– Isso mesmo. Você está estonteante, Wrenny – elogio. Eu a abraço e me abaixo. – Mas não precisa de tudo isso.

– Eu gosto – diz ela, e volta rebolando para o escritório.

Shane coloca a cabeça para fora do escritório, está passando brilho nos lábios.

– Eu falei para Rachel não usar o vermelho – comenta.

Dou de ombros.

– É Dia das Bruxas.

– Você, por outro lado – continua –, está parecendo um fantasma. É essa a sua intenção? Porque, se não for, que tal um pouco de blush?

– O que você quer jantar? – grito para Wren, ignorando Shane.

– Filé – responde. Anoto o pedido e o coloco no balcão da janelinha da cozinha.

Eu me sinto estranha pedindo a coisa mais cara do cardápio.

– Está fazendo alguma dieta da proteína? – Fred coloca a cabeça para fora e pergunta, com o papelzinho na mão. – Parou de comer glúten, é isso?

– É pra minha irmã.

Ele sorri, ajeita os óculos no nariz.

– Bom, acho que tudo bem, já que é aniversário dela. A pequena rainha precisa de um filé.

Minha vontade é pular pela janelinha e dar um abraço nele. Muitos restaurantes nunca dariam filé para os funcionários. A gente pode pedir qualquer coisa do cardápio. Eu adoro Fred por isso.

– Vamos arrasar! – Ele olha para mim. – Você está gata pra cacete.

Todo mundo sai do escritório amarrando o avental por cima da fantasia. O pessoal mandou ver nas penas, nas máscaras e na maquiagem. Eu optei por um pretinho básico e um pouco da purpurina de Wren. Estou me sentindo literalmente extrabrilhante.

Wren está olhando as fotos na parede. Todos nós abraçados, dando risada, fazendo bobearas. O pessoal sempre tira fotos por aqui.

– Você vai ficar bem? – pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça.

– Trago sua comida quando ficar pronta. – Ela assente de novo. – Sinto muito por você ter que ficar aqui no dia do seu aniversário.

– Por quê? Este lugar é irado!

Nada de sair para pedir doces. Sem amigos para fazer uma festa. Ela vai passar a noite do aniversário dela sentada em um escritório.

Puxo o vestido um pouco para baixo, então vou acender a luzinha da placa de ABERTO e tenho um pequeno ataque. Já tem fila até a esquina. Val vai cuidar da porta hoje à noite.

– Que loucura! – digo.

– Tem gente que vem de longe. – Val sorri. – Quase esqueci que você nunca trabalhou num Dia das Bruxas. – Val, que está vestida de Bettie Page demoníaca, pega uma pilha de cardápios. – Deixe o pessoal entrar – pede ela. – E a gente se vê depois.

A noite é uma loucura. Parece que só nós estamos dando uma festa na cidade e todo mundo ficou sabendo. De vez em quando, consigo alguns minutos para dar uma olhada em Wren. Numa das vezes em que entro no escritório, ela está comendo, tirando pedacinhos de gordura da carne e colocando na borda do prato, parecendo um viking muito festivo atacando um banquete. Em outra, ela está tomando um refrigerante. Não sei onde ela arrumou isso. Quando a noite está no auge, eu a flagro dançando ao som da música que toca no salão. Finalmente, entro no escritório e a vejo largada na cadeira, com a cabeça apoiada na mesa, contorcida, parecendo desconfortável. Que aniversário. Preciso levar uma porção de guacamole à mesa 9 e a conta à mesa 12. Geralmente, não posso parar no meio do serviço, mas não gosto nada da aparência dela.

– Está cansada, Wrenny?

Ela ergue a cabeça. Em algum momento da noite, retocou a maquiagem, não deu muito certo. Agora parece que devia estar na comédia de terror *The Rocky Horror Picture Show*, no papel de travesti arco-íris.

– Muito cansada – responde. – Podemos ir pra casa?

– Coloque a menina no carro – sugere Shane. – Quando a sua seção esvaziar, você pode ir. Eu cuido do resto. O movimento está diminuindo, de qualquer jeito.

Dou uma olhada no salão. É verdade. São quase dez horas e estamos prestes a fechar. Ainda está uma loucura, mas pelo menos as mesas não voltarão a ser ocupadas. Todo mundo vai para a festa seguinte, a festa de verdade. Todo mundo menos eu.

– Ligue o aquecedor do carro e deixe que ela durma no banco de trás – continua Shane. – A cara dela é de quem está tentando pegar no sono na poltrona do avião. Coitadinha. Pode deixar que eu termino o seu trabalho adicional.

– Tem certeza? – pergunto. Esse trabalho adicional no fim da noite exige demais. Tem que passar esfregão e usar muito alvejante.

– Claro – diz. – Sai daqui. Na segunda-feira eu entrego as suas gorjetas, na escola. – Ela faz uma pausa, esfrega os dedos. – Bom, a maior parte, pelo menos. Preciso tirar um pouquinho pra mim.

Na verdade, ela nunca faria isso.

Levo Wren para fora e a deito no banco traseiro. Uso a jaqueta dela e a minha para cobri-la e ligo o carro. É muito gostoso estar ao ar livre no frio, no silêncio, depois de horas correndo de um lado para outro.

– Tranque as portas e fique deitada – ordeno. – Durma. Termino em 15 minutos.

Volto correndo para dentro, entrego a conta e o guacamole para meus clientes agora meio irritados, peço desculpa a Rachel e então começo a rezar para todo mundo comer e ir embora logo. Digo a mim mesma que esta é uma cidadezinha bacana, que ninguém é assassinado aqui, que Wren está segura e quentinha no carro, que não tem lugar melhor para ela ficar e que, de qualquer modo, ninguém vai ver que ela está ali, nem sequestrá-la, desmembrá-la nem nada. Pego o cartão de crédito da mesa 12, efetuo o pagamento o mais rápido possível e examino o salão em busca de Rachel, para que eu possa lhe entregar o cartão e então ela levar à família que está esperando na mesa. As crianças ali também estão caindo no sono.

E é então que dou um encontrão em Digby, como se ele fosse uma porcaria de uma parede, e quase caio dos meus saltos altos bobos.

Ele está ficando todo vermelho enquanto olha para mim.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto. – Achei que tinha saído.

– Eu saí... estou na rua. Só passei aqui para conferir como você estava.

– Bom, não precisava. Estou bem.

– Mas é aniversário da Wren – diz ele, como se isso explicasse a presença dele, como se isso tivesse algo a ver com ele. – Estacionei atrás de você nos fundos. O carro estava ligado. Achei que você podia estar lá. Wren está lá.

– Eu sei – digo no tom mais irritado que consigo. – Estou acabando aqui. Vou sair em alguns minutos.

– Ei – diz Shane, olhando feio para Digby. – Preciso passar.

– Ele está de saída – respondo.

– Não, não estou.

– Sua namorada não está esperando você? – solto.

Estamos berrando um pouco, mas a música está muito alta.

– Ela foi para a casa do Parker com a Katrina – explica. – Eden está lá fora com a Wren.

Minha vontade é de chorar. Eden não está falando comigo: então também não pode falar com a Wren. Além do mais, se não fosse toda esta loucura, eu também iria à casa do Parker. Eu estava lá no último Dia das Bruxas. Na época, minha maior preocupação era se ele ia ou não encontrar um jeito de me deflorar dentro da minha fantasia de abelha.

– Sai da frente – ordena Val. Ela não é tão diplomática quanto Shane. – Vocês dois estão no meio do caminho. – Ela pega duas cervejas do freezer. – Estas aqui são para a mesa 6, Lucille. Não se esqueça de dizer a Rach. Agora, ande logo.

Marcho para o corredor ao lado dos banheiros, para que possamos conversar com mais privacidade, já que parece que ele não vai a lugar nenhum.

– Eu devia ter tomado conta dela pra você – diz Digby quando estamos sozinhos, a batida da música agora atrás de nós em vez de em cima de nós. – E é aniversário dela e tudo o mais.

– Ela não é problema seu.

Não tive a intenção de falar desse jeito. Wren não é um problema.

Ele faz uma pausa.

– A sua mãe ligou?

Faço que não com a cabeça porque não consigo responder de outro jeito.

– Escreveu? Mandou um presente? Fez alguma coisa?

– É melhor você ir embora – falo. – Quero sair daqui e levar Wren pra casa.

Ele está agitado, e o fato de ele estar ali, tão inseguro e vulnerável, faz com que eu entre em um tipo de transe. Mesmo assim, tento manter meus pés no chão.

– Por que você está aqui, Digby Jones?

Ele fica com uma expressão distante e magoada no rosto. Como não responde rápido o suficiente, continuo:

– Preciso voltar ao trabalho. Terminar minhas coisas.

– Você está linda – diz ele. – De verdade.

– Vá embora – peço, mas com a voz fraca.

E daí ele está me abraçando, com a cabeça curvada sobre o meu pescoço. Retribuo o abraço, e então as minhas pernas se enroscam na cintura dele como eu sempre quis fazer, com minhas costas contra a parede, e ele me beija de novo. Muito macio. Muito, muito macio... Desta vez é diferente, não como se eu estivesse descobrindo uma coisa nova, mas como se estivesse voltando para algo perfeito e conhecido, para um lar que eu gostaria de ter.

– Merda – sussurra ele contra os meus lábios.

Eu nunca teria escutado, de tão baixo que ele falou. Em vez de ouvir, eu senti.

– Que porra é essa? – É Fred, que está com cara de quem está prestes a sacar os revólveres de mentira e sair atirando num ímpeto de glória.

Digby dá um passo para trás. Coloco os pés no chão. Meu corpo todo está pulsando.

– Freddie – digo.

– A gente ainda tem mesas a servir – diz ele, e não suporto a expressão em seu rosto, como se eu o tivesse decepcionado. – O seu trabalho ainda não acabou. Volte pro salão.

– Tudo bem – falo.

– Eu cuido da Wren – diz Digby, e passa por Fred sem olhar nos olhos dele.

Quando eu saio, 20 minutos mais tarde, Eden e Wren estão brincando, paradas ao lado do carro da mamãe, uma tentando bater na palma da mão da outra, mexendo os quadris, com sorrisos enormes.

Eden e eu adorávamos essa brincadeira. A mais rápida ganhava o direito de dar um tapa na outra. Agora elas tentam acertar a testa uma da outra, e Eden deixa Wrenny ganhar. Leva o tapa feito uma campeã, sorrindo.

Eden me vê ali, e não consigo adivinhar o que ela está pensando. Geralmente eu a decifro muito bem, com essa coisa de a gente compartilhar as mesmas ideias e tal, mas ultimamente é como se ela tivesse erguido uma Grande Muralha entre nós. É engraçado como, quando você fez algo de errado, ou está brigada com alguém, a outra pessoa fica assustadora, irreconhecível. Apesar de eu conhecer Eden a vida toda, de ela ser minha melhor amiga, de eu ter certeza que ela será minha melhor amiga para sempre, neste momento ela me apavora. Isso porque tenho medo de que ela não me ame mais.

– Desculpe – peço a ela.

Eden dá de ombros.

Digby se apoia no carro.

– Obrigada – digo aos dois. – Por cuidarem de Wren. De novo.

Digby não olha para mim.

– Feliz aniversário, pequena Wrenny – fala Eden, e dá um beijão na bochecha da minha irmã. – Mas da próxima vez eu vou ganhar de você.

– Você nunca vai ganhar! – Wren se gaba.

Eden coloca a mão no meu ombro e então entra na caminhonete.

– Vamos, Dig, você não vai querer deixar Elaine lá sozinha muito tempo. Ela vai acabar surtando. – Parece que ela comenta isso para me magoar.

– Certo – concorda ele. – Feliz aniversário, Wren. Desculpe por não ter podido ficar com você hoje. No ano que vem eu levo você pra pedir doces, prometo.

– Sério? Que legal! Eu vou ter 11 anos, sabia? – pergunta, e volta para dentro do carro.

Ele hesita em ir embora.

– Por que você está fazendo isso? – pergunto. – Por que deixa que ela bole planos com você assim? Vai fazer com que ela tenha esperança.

– Não foi minha intenção. Eu de fato vou pedir doces com ela no ano que vem.

– Ah, é? Vai voltar da faculdade pra levar a irmã da amiga da sua irmã pra pedir doce? O rosto dele se desmancha.

– Droga – murmura.

– Ela não precisa perder mais ninguém, entendeu?

– Sim, entendi. Sou um tonto.

– É mesmo. – Um tonto mentiroso.

Fico achando que ele vai cair fora, que eu fiz com que ele se sentisse supermal, mas, em vez disso, ele chega mais perto e me abraça. Meu corpo todo treme. Estou tão presa entre a vontade e a mágoa que fico achando que nunca vou conseguir escapar. Eu me agarro a ele com força, força, pensando só por alto que pode ter gente nos vendo fazer coisas estranhas, que qualquer pessoa pode passar de carro e nos flagrar.

– Mantenha-se agasalhada hoje à noite – sugere ele. – Parece que vai ter uma tempestade de gelo.

– Está bem. Vou fazer o possível.

Quando Digby entra no Animal, Eden fica me observando pela janela enquanto eles se afastam. Ela me olha com atenção.

Estou quase em casa, com Wren cantando, completamente desperta depois de ter estado com Digby e Eden. Meu celular começa a vibrar no meu colo. Esqueci completamente de tirar o avental. Parece que vou vomitar o coração. Tiro o telefone de baixo de um monte de canudos e guardanapos. Não reconheço o número.

– Mãe? – digo quando atendo.

Wren se senta ereta e fica em silêncio. Eu não ficaria brava com a mamãe. Só sei disso agora. Quero muito que seja ela, muito, muito. Há uma pausa, e então uma voz trêmula do outro lado. Minhas entranhas derretem.

– Ah. Oi, pai. – A voz rouca dele rosna para mim. – Não – respondo. – Ela não está aqui agora.

– A sua mãe é tão gorda... – cantarola Wren no banco de trás.

Dia 72

Vou ao centro de reabilitação no dia seguinte, apesar de a tempestade de gelo de que Digby falou ter caído e coberto tudo com um inverno prematuro, como vidro translúcido. Os caminhões grandes passaram jogando sal, e as ruas não estão tão ruins. O sol saiu um pouco e o gelo está derretendo.

O cheiro não é muito diferente do que eu sentia na escola de ensino fundamental quando entro pela porta que diz CASA COLUMBINE – tirando o de suco de maçã, acrescentando o desconforto. Se eu projetasse um lugar desses, haveria pequenas fontes, sofás fofos e macios, várias cores fortes e nada de quadros cafonas na parede. Teria locais onde as pessoas pudessem se jogar ou se apoiar.

Papai está morando aqui, nesta casa. Enquanto eu batalho por aí, ele está aqui acordando, escovando os dentes e conversando com as pessoas, provavelmente frequentando terapia de grupo, lamentando por termos acabado com a vida dele. Como será ter tudo tirado de você assim, ser só um cara com um quarto, uma cama e um colega para dividir o espaço? Talvez seja um alívio não ter que pensar o tempo todo, sentar-se em círculos e falar sobre as coisas ou escutar outras pessoas falarem sobre os próprios problemas. Eu dormiria muito. Leria todos aqueles livros de que Eden sempre fala. Mas o que *ele* faz? Talvez esteja aprendendo religião ou algo assim.

Há muitas coisas sobre as quais eu não tinha pensado até agora. Ando preocupada demais apenas com mamãe, Wren, Eden, Digby. E durante todo esse tempo, papai esteve a 45 minutos de distância. Nunca pensei em procurá-lo. Eu não saberia aonde ir e, de qualquer jeito, da última vez que eu o vi, não parecia haver muito motivo para correr atrás dele.

– Qual é o seu nome, querida? – O sotaque da Filadélfia da supervisora da casa é carregado, e os dedos ásperos dela puxam o meu mindinho. Eu me pergunto se faz muito tempo que ela está falando comigo.

– Lucille – respondo. – Lucille Bennett. – Observo os peitos muito grandes e cobertos de flores dela. Como foi que ela se tornou responsável por este lugar? Flores no vestido, anel de flor, colar de flor combinando, flor falsa no cabelo. É sério. Mais cinco minutos olhando para isso e *eu* é que vou ficar louca. – Estou aqui pra ver meu pai.

– Não acredito – reage ela. – Você é filha de Tony Bennett?

Ela parece simpática, mas é igual à bruxa da floresta com quem eu tinha pesadelos quando era pequena, e agora solta uma gargalhada que combina direitinho. Pela quadragésima vez desde que peguei o carro para vir aqui minha consciência se acalma por ter deixado Wrenny com Shane.

Confirmo com a cabeça.

– Quem diria... – comenta.

– Pois é.

– Tony Bennett... – Ela dá risada. – E ele canta e tudo.

– Uma coincidência dos infernos, né? – digo, e ela logo alcança o telefone.

– O seu pai sabe que você vinha hoje? Ele não comentou comigo.

– Sabe. – Sou um espaço vazio. – Bom, quer dizer, eu disse que ia tentar. Ele falou que este era o horário de visitas.

E se ele não quiser me ver hoje? E se ele só estivesse de bom humor quando ligou? Não pensei bem nesta questão.

– Certo. Me dê um minuto. Vou chamar o Carlos. Ele é o meu braço direito. Vai levar você até uma das nossas salas de reunião. – Devo parecer assustada, porque ela diz, em seguida: – Vai ficar tudo bem. Todo mundo adora o seu pai. É um bom sujeito. Você tem sorte.

– Tenho – afirmo, mas parece uma pergunta.

O piso é bege, com cadeiras combinando. Parece que sabem que aqui não há esperança e decoraram de acordo com esse pressuposto.

Vou ficando mais vazia a cada passo que dou, até estar cheia de nada, uma cabeça feita de 10 mil balões de encher. Não sinto meu coração nem meu estômago nem meus lábios. Esta é a sensação do surreal. O sujeito que me conduz anda rebolando um pouco, e apesar de as pessoas que passam por nós darem risadinhas e sussurrarem comentários enquanto caminho, não fazem muito barulho. Acho que ele é o motivo para isso.

– ... Carlos – conclui ele. – Se precisar de algo, é só me chamar. Estou aqui para isso. Mas vai ficar tudo bem. O seu pai é bacana.

A sala é do tamanho de um armário de vassouras. Cadeiras desconfortáveis e as mesmas cores sem graça. Avalio o cômodo e então escolho uma cadeira com as costas viradas para a porta. Papai nunca se senta com as costas viradas para uma porta, principalmente aqui, aposto. Quero evitar ter que olhar para o rosto dele durante o máximo de tempo possível.

Ele nunca foi um pai normal, sabe? Usava jaquetas de couro. Gostava de bandas como Fishbone e Bad Brains, e quando começava a tocar música pop no rádio, ele agia como se alguém estivesse tentando estragar o dia dele. Bebia cerveja na varanda enquanto todas as outras pessoas tomavam vinho. Falava palavrão. Muito. A porta estala atrás de mim. Não mexo nem um músculo.

Meu pai se senta na minha frente, e a primeira coisa que penso é em como ele é bonito. Eu tinha me esquecido dos olhos grandes e castanhos dele, das maçãs do rosto salientes, de como ele é grande, dos ombros dele. De como se parece com Wrenny e não se parece quase nada comigo. Mas ele parece meio velho. Sua barba por fazer está grisalha. Isso é novo.

– Oi, lírio-tigre.

Ele é a única pessoa que me chama assim. Porque eu sou parte animal, parte flor, segundo ele. Coloca as mãos uma em cima da outra, então batuca na mesa.

Não estou com medo dele, como achei que ficaria.

– Oi.

A eternidade vive nos silêncios.

– Então – começa ele e finalmente se inclina para a frente. – Como vocês estão? Como está sua mãe?

– Você não tem falado com ela? – pergunto.

– Não. – Ele volta a se recostar com as pernas bem abertas, comendo o espaço ao seu redor. Obviamente não sabe nada. – Não tenho falado – continua. – Tenho tentado, mas a caixa postal está sempre cheia.

– Ela tentou. Antes. Muito.

– Eu telefonei.

– Você falou para não nos dizerem onde estava.

– Eu precisava de um pouco de espaço.

Ele volta a batucar na mesa, e parece que faz *BING BONG BONG* dentro da minha cabeça. Tudo é um zilhão de vezes maior aqui. Amplificado.

– Eu liguei – continua ele então. – Quando consegui.

Quando conseguiu o quê? Me encarar? Nos encarar? Encarar que ele colocou as mãos ao redor do pescoço da mamãe e a *arrastou*. Por que diabo eu estou aqui?

– Então, sua mãe...

– O quê?

– Ela está bem?

– Sim, ela está bem.

O que eu posso dizer? E ele realmente se importa? Ele disse que não a amava. E a mim, a nós?

– Vocês estão bem de dinheiro? Quer dizer, ela arrumou emprego?

– Em um restaurante.

Ele assente.

Minha mãe. Enfermeira/garçonete/sabe-se lá mais o quê. Tudo bem. A negação dele está funcionando para mim agora.

– Então, está todo mundo bem?

– Claro. Com certeza. Lá em casa está uma festa só.

Ele abre o sorriso mais sem jeito de todos os tempos, que é maior do que o armário de vassouras.

– Acho que foi uma pergunta idiota, né?

– Mais ou menos – respondo. – Mas é o que você quer escutar, né?

– E a Wren?

– O que tem ela?

– Bom, o que ela anda fazendo?

– Estrelando a peça da escola. Começou a fazer macramê e tocar flauta, e anda de skate nos fins de semana.

– Fala sério, Lucille. Por favor. Está tudo bem com ela?

– Ela está bem – cedo. – Está crescendo.

– Mas ela não quis vir com você? Nem a Laura?

– Parece que não.

– Certo. – Ele se recosta bem na cadeira e se estica, com a cabeça para trás, examinando o teto. – É, acho que faz sentido.

– Com certeza faz sentido – digo, apesar de ter consciência de que Wren morreria se soubesse que eu estou aqui.

Também olho para o alto. Há manchas amareladas por toda parte. Deviam tentar cobri-las com algumas das palavras sábias de Eden. Ou quem sabe, talvez pudessem inventar suas próprias. Pessoas perturbadas têm muitas coisas interessantes a dizer, e é gente assim que vive neste tipo de centro de reabilitação, certo? Pessoas perturbadas.

– Cara – diz ele, sem parar de olhar para o teto –, você está sendo um pouco dura comigo. Sabe que estou dando o melhor de mim aqui, né?

Não consigo tirar os olhos das mãos dele. São muito grandes. Mãos para segurar a gente e balançar bem acima da cabeça dele, para dedilhar rápido as cordas de um baixo, para executar uma música, mãos que guiam e que transmitem segurança. Mãos que ferem. Poderosas.

– Então, por que está morando aqui? – pergunto. – Por que não voltou pra casa ou foi pra algum lugar mais interessante?

Ele batuca no próprio peito.

– Não estou pronto pra voltar lá pra fora. Acho que ainda não estou forte o bastante. Tive um ataque de nervos. Isto aqui foi uma opção que me deram, e pareceu correta. Sei que é difícil entender...

– Não, não é mesmo. Quer dizer, que bom para você.

Ele solta um suspiro em forma de assobio.

– Fala sério, lírio-tigre, vamos recomeçar juntos. – Os olhos dele tentam me mostrar que ele é seguro. – Vamos dar uma caminhada.

A sugestão é tão ridícula que eu aceito.

– Você pode simplesmente sair andando?

Ele dá uma risadinha.

– Claro. Não estou mais trancafiado, sabe? Apenas sob supervisão. Há regras. Mas, sim, nós podemos sair pra dar uma caminhada.

Quando nos dirigimos para o pátio dos fundos, ele dá uma conferida com Carlos, que nos acompanha alguns passos atrás.

– Sabe qual é a pior coisa? – pergunta.

– Qual?

– Não me deixam beber aqui. Não deveria ser tão importante, mas é quase suficiente pra eu querer quebrar as coisas de vez em quando. Tem dias em que eu daria quase tudo por uma cerveja bem gelada.

– Legal, pai.

– Olha, sinto muito decepcionar você, mas aqui a gente percebe quais são as prioridades bem rápido.

Acho que ele está tentando ser engraçado, mas não tenho paciência. Dou uma parada. Meus pés deslizam no piso e me viro logo antes de chegarmos às portas que levam ao lado de fora.

– O que foi? – Ele ajeita os ombros. – O que foi?

– Essa é a sua prioridade? – Preciso me segurar para não voar para cima dele. – Você acha que consegue se safar com algumas perguntas sobre como as coisas estão em casa e daí tudo bem falar sobre cerveja?

Os olhos dele se acendem, então se apagam. Ele está desequilibrado. Vejo que está tentando acalmar as partes em chamas. Não me importo.

– O que foi, lírio-tigre? Está acontecendo alguma coisa? – Ele ousa pousar a mão no meu ombro. Está tentando me encurralar, e isso me irrita. – Pode se abrir comigo.

Ele parece um homem, mas a única coisa que enxergo na minha frente é um menininho. Ele não pode fazer isso.

– Não toque em mim – ordeno. – Não encoste a mão em mim.

Ele me larga.

– Ei, relaxa. Só estou tentando dar uma caminhada com a minha filha que não vejo há cinco meses. É muito tempo. Fiquei com saudade de você.

Não consigo escutar isso. Ele está distorcendo tudo para se adequar à realidade que lhe convém, e de algum jeito isso faz com que a culpa seja minha. Quando penso em todas as vezes que a mamãe voltou chorando da clínica porque ele não quis falar com ela, e também pelo fato de não ter sequer dito a ela para onde ia... Eu me aproximo de Carlos.

– Por que ele está aqui? – exijo saber.

Ele olha ao redor.

– Por causa da calma. É um bom lugar para colocar a cabeça no lugar.

– Sério? – Viro de novo para o papai, que me observa da porta. – Acho que você não está nem um pouco agitado. Acho que você é fraco e que essa coisa toda é uma farsa. Uma

fuga.

– Sei que é difícil estar aqui – diz Carlos. – Talvez você deva voltar quando estiver menos emotiva. Não é bom que as pessoas ouçam gritos. São gatilhos.

– Sim, sim – digo. – Eu sei. Calma. – Respiro fundo. – Tem razão. Eu gostaria de ir embora agora, por favor.

Carlos começa a me conduzir para a frente do prédio, mas eu me viro para o meu pai.

– Vá fazer uma terapia de verdade – sugiro. – Veja se consegue se entender. Aprenda a dizer a verdade, assuma um pouco de responsabilidade. O que você fez com a mamãe, o jeito como nos tratou, as coisas que disse, nada disso foi legal.

Ele dá um sorriso amarelo, mas não fala nada.

– E sabe o que mais? – continuo. – Aproveita pra crescer também.

Dia 73

No dia seguinte, passo a tarde inteira em cima do celular. Ando de um lado para outro. Tiro panelas e frigideiras dos armários e volto a guardar em uma ordem diferente. Começo a escrever mensagens para Digby. Tenho certeza de que ele me ajudaria a ver sentido em tudo que aconteceu. E então penso: e se ele estiver com Elaine, e se estiverem se agarrando ou algo assim?

Mas eu preciso.

Preciso de algo. Repasso todas as pessoas para quem eu poderia ligar. Sempre volto a Eden. Eden. Eden.

Ela encostou no meu ombro. Talvez eu possa ligar para ela. Talvez não esteja mais inacessível.

Wren está de mau humor desde que falou com o papai. Só ouvi metade da conversa deles, mas o suficiente para saber que ele não disse a ela mais do que disse a mim.

O que ele disse. O que ele não disse. O que *nós* não dissemos.

Geralmente fico feliz quando é domingo, já que não trabalho e só preciso me concentrar na casa e nos deveres da escola, mas hoje o dia está sombrio, pesado mais uma vez. Chego a tocar em todas as minhas tintas, mas nada quer sair.

Finalmente, tremendo, digito algumas palavras no celular e clico em enviar.

Pronto, digo a mim mesma. Mesmo que você não receba uma resposta, clicou no enviar, então agora veremos.

Mamãe nunca ligou. Não apareceu milagrosamente na porta. Ela deixou passar o décimo aniversário de Wren. Wren se recusa a falar sobre o assunto, por mais que eu tente deixar tudo às claras, como a Sra. LaRouche disse para fazer. Acho que ao forçar a barra eu a estava deixando mais triste, por isso finalmente desisti e passamos o dia inteiro assistindo à televisão. Agora eu sei como preparar várias refeições para toda a família.

Nós duas caímos no sono ao som do programa *Iron Chef*.

E agora Eden me acordou. Ela respondeu a minha mensagem. Saio de fininho da cama e pego uma calça jeans e uma camiseta de algodão de manga comprida no armário da mamãe.

Talvez, talvez eu tenha sido perdoada. Talvez ela grite comigo, por causa de Digby, por causa de tudo. Não importa. De qualquer jeito, não estou sozinha.

Vou voando para Eden.

Voando.

Rezo em silêncio para que Wren não acorde e fique com medo, então disparo na direção do rio. Estou suando por baixo do casaco, correndo, correndo no frio, passando pelas árvores nuas e por todas as portas conhecidas.

O Animal está estacionado na calçada perto da entrada da trilha de pedras. Será que Digby veio com ela? Meu corpo todo pulsa.

Quando chego à trilha, escorrego um pouco. O gelo negro está escondido na lama, e, apesar da lua cheia, não consigo enxergá-lo. Fico contente por ter calçado minhas botas de neve grandes e gordas.

O vagão de trem está muito perto agora, e antes de vê-la, sinto cheiro de cigarro.

– Você veio de carro? – pergunto. – Vi o Animal.

– Vim – diz ela, e bate a cinza do cigarro. – Ele não está aqui.

– Eu sei – respondo com a voz carregada.

Ela direciona a fumaça para a lua.

– Olha.

Eu me sento ao lado dela. A lua está brilhante como eu nunca tinha visto aqui. As árvores são mãos que desejam agarrá-la, prontas para colhê-la com seus dedos longos e nodosos, quase conseguindo, então a lua fica lá, fora de alcance.

– Está perfeita.

– É – concorda.

– O que você acha que aconteceu com o trem? Como foi que esse único vagão veio parar do lado do rio?

– Preguiça, provavelmente.

Chego um pouco mais perto.

– Como se depois de ter se soltado alguém tivesse dito “Que se dane, vamos simplesmente deixar ali”?

– Algo assim.

– Espero que tenha acontecido algo fantástico com alguém ali dentro e essa pessoa tenha resolvido deixar aí para poder voltar sempre. Talvez alguém apaixonado.

– Caramba, Lucille.

Eu me encolho toda.

Ficamos lá sentadas um tempo, e a lua canta seu brilho para mim até eu voltar a relaxar. Todo o meu barulho interior cessa, e estou aqui: ao lado de Eden, que me conhece, que talvez, por milagre, tenha voltado a falar direito comigo.

– Sabe aquele poema de Dylan Thomas? – O cabelo dela cai pelas costas, escapando por baixo de um gorrinho preto.

Dou de ombros.

– Você lembra, eu sei que sim – diz. – A gente o estudou na aula de inglês ano passado. – A gente sempre faz essa aula juntas.

– Só os dois últimos versos – afirmo. À luz do luar, os olhos dela têm um tom brilhante de verde malicioso. – Não entre com suavidade nessa noite agradável. Tenha fúria, tenha fúria contra a morte da luz.

Ela dá um sorriso amarelo, apaga o cigarro.

– Nossa, agora você me chocou. Sabe de cor.

– Sei, sim. Você também consegue me chocar.

– Você acha um saco quando eu faço citações?

– Senti muita falta delas – respondo.

A verdade é que eu tinha me esquecido das sábias citações dela, da facilidade de Eden de ser passional e graciosa. Da paz que eu sinto, da calma, quando estou com ela. Eu tinha me esquecido de como preciso dela. Ela sabe que a vida é um travesseiro que está sobre o meu rosto, quase me sufocando. Mas a pessoa que está segurando o travesseiro, quem quer que seja, me deixa respirar só o suficiente para eu não morrer. E quase me esqueci de que, quando estou com Eden, ela arranca o travesseiro, e consigo ver uma coisa diferente.

Talvez todo mundo tenha um travesseiro desses.

Tudo é mais do que uma coisa só.

Ela pega uma garrafinha de algo e me entrega, esfrega as mãos enluvadas.

– Tequila.

– Sêrio?

– Minha mãe fez torta de limão com tequila. Esse restinho estava na prateleira. Pareceu um desperdício deixar lá. Além do mais, está frio pra caramba aqui.

Queima quando desce, e detesto o gosto, mas bebo mesmo assim. Eu me esquento, fico toda aquecida. Tudo desacelera, e eu me acomodo na pedra.

– Então, como vai a sua vida? – pergunto.

Os olhos dela ficam enormes, ela segura o peito e olha para mim como se estivesse muito surpresa.

– Ah, por favor – digo.

– Faz um tempo que você não pergunta – retruca.

– Muita coisa aconteceu.

– É. – Ela dá mais um gole na garrafa. – Eu sei. Muita coisa.

– Não. – Minha voz falha. – Não isso.

– Eu sei. Muito de tudo.

Ela enfia a mão no bolso interno e tira o maço de cigarro American Spirit. Amarelo. Demora um tempo para conseguir acender o cigarro, e os dedos dela tremem um pouco.

Ela está fumando um atrás do outro.

– Fui a Nova York outro dia para fazer uma aula com o Bolshoi – conta ela.

– Ai, meu Deus! – Imagino Eden deslizando pelo palco, perfeita. – Que incrível!

– Fui péssima – diz, e então solta algo parecido com uma risada. Parece a risada não risada de Digby.

– Impossível.

– Não, Lu. Não é. Acontece que *por aqui* eu sou muito espetacular.

– Você é espetacular...

– Para este lugar, com certeza.

– Certo, e daí?

– E daí que lá eu não sou fantástica. Lá eu mal sou mediana.

– Mas isso não faz o menor sentido. O que você é capaz de fazer... sua forma de dobrar o corpo...

– Não é bom o suficiente. Ainda falta muito. Eden, de acordo com o professor de lá, se eu não for encaminhada agora, é melhor esquecer. Em anos de balé, estou praticamente na meia-idade.

Olho para ela com mais atenção. Está com meias-luas arroxeadas embaixo dos olhos e parece extraossuda.

– Sinto muito, Eden. – Eu a abraço pelos ombros enquanto ela dá mais tragadas. Que sensação estranha eu ser aquela que está segurando a barra. – A culpa é minha. Eu distraí você.

– Pare de fazer com que tudo tenha a ver com você, Lucille. Isso tem a ver com capacidade.

Faço uma pausa.

– Alguma das suas citações deve falar sobre isso.

– Se tu fores uma bosta no balé, irás para as trevas?

– Não. – Dou um apertão nela. – Alguma outra coisa. Está aí dentro.

Estou começando a ficar tonta.

– Sua vez – diz ela. – Conte o que anda acontecendo com você. Comece pela sua mãe.

Alguma notícia?

– Nada. – Afasto o braço. – Mas estive com o meu pai.

– Sério?

– Ontem.

– E aí?

– Ele também é um imbecil. Está morando em um centro de reabilitação qualquer, evitando a realidade, sonhando com cerveja. Recebi imbecilidade em dobro no departamento da paternidade.

– Ele era o mais bacana.

Pego a tequila da pedra e tomo tudo de um gole só.

– Desculpa – lamenta. – O que eu quero dizer é que, quando éramos pequenas, ele não era todo contido igual aos outros pais.

– Verdade. Ele é bacana, de um jeito não pai.

– Na verdade, sempre achei que ele era meio gato.

– Ah, ecaaaaaaaa!

– Quer dizer, com toda a certeza ele ficou menos gato desde que fez o que fez, mas só quis comentar. Quando a gente era pequena, eu tinha inveja. O seu pai tocava guitarra...

– Baixo – corrijo.

– Certo, baixo. E ele andava de skate. Que outro pai você conhece que sabe fazer manobras de skate?

– É a Califórnia que existe dentro dele. Ou talvez seja o menino.

– Como eu disse, era meio gato.

Eca. Chega disso.

– O seu pai parece maravilhoso – comento. – Ele faz coisas normais de pai. Joga bola, essas coisas.

– Trabalha o tempo todo. Sempre foi assim. Dá as caras só pra deixar claro que não quer ficar de fora. Deixa a minha mãe responsável por todas as tarefas domésticas. Ela diz que não se incomoda, mas eu sei que não é verdade. Acho que é por isso que ela faz tudo pela gente.

– Pelo menos ela não se desmancha ao primeiro sinal de estresse.

– É... Mas você já parou para pensar no que significa criar uma família?

– Tipo a pressão ou algo assim?

– Você já parou pra pensar que na verdade os seres humanos não foram feitos pra isso?

– Talvez.

– “Que homem é covarde a ponto de preferir ficar vacilando pra sempre a cair uma vez?” A maior parte das pessoas vacila a vida toda. Nunca se deixam cair, nunca dão a cara pra bater. Só seguem com a maré, tentando fazer o que acham que deve ser feito. Nunca tentam encontrar o que é verdadeiro pra elas, porque isso significaria ser corajoso de um jeito que as pessoas não são.

– Você acha que é?

– O quê?

– Covarde.

– Às vezes, sim. Tento não ser. E você?

Penso em Digby. No que andamos fazendo. Como estamos fazendo. Em Elaine. Todos aqueles beijos rodopiam dentro de mim, e sinceramente não sei se tudo que fiz com Digby me torna corajosa ou covarde. Qual das duas opções descreve você quando segue o seu coração?

O que eu diria se pudesse: *Luz, ele é a luz. Ele encostou a mão no meu braço e eu ainda a sinto, Eden. Comemos sanduíche de filé com queijo. Ele se lembrou da minha comida preferida. Tocou música para mim. Tem os lábios mais perfeitos de todos, como se fossem de seda. Ele me beija como se eu estivesse em casa. Quando ele me ajuda, é a melhor ajuda. Quando se vai, fico ainda mais sozinha.*

– Estou muito fodida.

– Uau, Fred fez maravilhas com o seu vocabulário, bem como eu previa.

– Estou falando sério. Não faça piada. – Pego um pedacinho de gelo do meu lado, jogo-o no rio. – Não é uma loucura o fato de a minha vida toda estar despedaçada e o seu irmão ser a pessoa que me causa mais problemas?

Ela fica me observando por um longo tempo.

– Não vai ser fácil ele largar dela...

Balanço a cabeça, concordando.

– Eles têm planos, uma vida que vinham planejando. Se os dois forem aceitos, vão para a mesma faculdade no ano que vem. Talvez tenham ficado um pouco... desconectados... mas mudança é difícil pra ele.

– Mudança é difícil pra todo mundo, Eden. E se essa for a verdade pra ele? E se *eu* for a verdade pra ele? Será que ele realmente abriria mão disso por medo, por não querer magoar ninguém?

– Como você vai saber, Lu? Ele precisa saber o que esperar.

– Porque ele é covarde?

– Porque ele é bom. Uma pessoa como Digby precisa de algo sólido.

E eu não sou sólida.

Solto uma gargalhada de desdém, porque, se eu não fizer isso, vou começar a chorar.

– Sério – continua ela. – O mundo é um pouco demais para ele. O jeito como as pessoas são. Ele está todo dilacerado por estar fazendo isso com ela. O mundo dele virou do avesso. Está só rodando em círculos. E ele a ama, sabe? Muito.

– Ele conversa com você sobre isso?

– Por que você acha que ando afastada de você?

– Porque estava brava?

– Ah, Lulu. Não. Na verdade, não. Naquela noite em que o seu nariz sangrou, que você ficou toda maluca, eu vi como ele olhava pra você, como ele estava pronto pra colocar tudo a perder por sua causa. Amo você demais, e não estava pronta pra fazer isso. Não quero ficar no meio de vocês dois. Tudo está muito confuso, e ele é meu irmão gêmeo. A única pessoa que vem antes de você. Quando percebi que ele é louco por você, tive que escolher. – Ela chuta uma pedra com a bota de salto. – Ele está todo confuso. Nunca vi Digby assim antes. Não o magoe, Lu – diz. – Sabe essa coisa que está acontecendo entre vocês? Ele está todo atrapalhado. Está sendo prejudicado pelo bom coração que tem.

Faço que sim de novo, sentindo como se o chão estivesse ficando muito longe. Penso no meu pai, em como ele se machucou. Talvez todos nós sejamos frágeis. É só uma questão de saber o que nos machuca.

– Você ama o Digby? – pergunta. – De verdade?

Não vejo motivo para negar.

– Completamente.

– Então, a melhor coisa que pode fazer é deixar que ele se afaste. Você já está presa em um lugar confuso demais para conseguir se recuperar.

– Ele disse isso?

– Eu é que estou dizendo.

– E eles vão seguir em frente como se nada tivesse acontecido?

Ela dá de ombros.

– Você vai encontrar outra pessoa, sabe? Ouvi dizer que existem no mundo 10 mil pessoas compatíveis com cada um de nós. Ele não é o único.

Tudo em mim quer discordar. Não quero achar outra pessoa. Quero Digby. E ela sabe que só existe um dele.

– Você já lida com coisa demais sem ele – argumenta. – Neste momento, você tem que ter a fúria.

Não tenho nada sem ele. Nada. Nada além de fúria. Mas estou cansada de ser um respirador humano, de Digby ser meu único oxigênio. Isso não pode ser bom. Para ninguém.

Ela pega o celular e olha a hora.

– Droga.

– Eden.

– Sim?

– Sinto muito, de verdade, pela coisa do balé. Você devia continuar.

– Ah, mas com certeza eu vou continuar. Só que agora eu sei que não vai me fazer bem nenhum. – Ela estreita os olhos em minha direção. – E não tente me convencer do contrário. Negação é para fracassados. Encare suas merdas e siga em frente. Se não, você vai ficar velha e deprimida, além de se transformar em uma pessoa assustadora com dilemas inúteis.

Dou risada.

– É verdade – continua. – Olha ao redor. – Ela amassa o cigarro e o deixa na pedra.

Eu o recolho, e, enquanto faço isso, ela se alonga toda, com as mãos acima da cabeça como se estivesse prestes a dar uma pirueta, e derrapa um pouco no gelo do lado da nossa pedra. Pisa em falso, então perde o equilíbrio e cambaleia.

Eden está tropeçando agora.

Ela não consegue se levantar. Continua caindo. As solas dos sapatos estão escorregadias, as pernas estão desgovernadas, *tunc*, e Eden bate a cabeça na parte pontuda

da nossa pedra.

Eu me levanto rápido para segurá-la. Ela já caiu. *Tente me alcançar*, digo com a mão. Ela não tenta. Está desfalecida. Desliza por uma placa de gelo. Estou com mais frio e com mais calor. Tento puxá-la, mas ela já está completamente fora do meu alcance.

Tudo está quieto, à exceção da água, cuja correnteza é mais forte do que o frio.

Eden está na água antes que eu me dê conta do que está acontecendo, os olhos dela estão fechados e o cabelo dela flutua a seu redor.

Ofélia.

Estou correndo. Não escorrego no gelo. Nenhuma vez, nem um pouquinho. Entro na água e parece que uma faca me apunhala em todos os lugares ao mesmo tempo, dez quadrilhões de agulhas abrindo a minha pele. Preciso sair desta água. Preciso continuar, chegar até ela. Tiro minhas botas embaixo d'água. Eden já está longe, flutuando em silêncio. Eu berro, berro de novo, e nada acontece.

Meu grito é sugado pela escuridão da noite.

Quero minha espada e o meu escudo, e quero salvar Eden porque ela é o amor para mim agora, mas não tenho essas coisas, e como iriam me ajudar a lutar contra a água? Antes eu estava enxergando tudo, mas agora não vejo Eden de jeito nenhum. Ela está fazendo a curva. Eu. Vou. Chegar. Até. Ela.

Então o rio corre através de mim, me empurra até ela. Há o risco de eu me afogar e sou tudo que Wren tem e não enxergo mais Eden e então estou com ela. Peguei-a pelo colarinho da jaqueta de couro dela. Berro e me agarro a ela, mas ninguém me escuta e minha garganta dói. Arrasto e arrasto, o rio está lutando contra mim agora, e puxo Eden até chegar às pedras. Escorrego. Gelo. Pedra. Me agarro. Seguro. Apoiei-me numa pedra, e puxo com muita força, e meu corpo está dormente, e Wren está sozinha em casa, e puxo. Tiro Eden dali. Ela não respira.

Meu celular.

Onde está?

Não tenho como chamar a polícia, a ambulância.

Estou fazendo tudo.

Tudo errado.

Estou tremendo, tremendo, abro a jaqueta dela, arranco as chaves de Digby do bolso interno, tento carregá-la, mas não tem como. Subo a margem e corro, agora descalça, escorregando no gelo, até chegar à trilha para a rua, meu corpo queimando de frio. É muito familiar. Conheço cada passo, cada carro estacionado na rua. Corro até o Animal, mas minhas mãos estão tremendo muito, eu nunca conseguiria chegar à delegacia. Longe demais. A que casa devo ir?

Eden sozinha. Wren sozinha. Eu sozinha.

Digby.

Esta porta. Esta porta pertence à senhora que cuida do jardim o dia todo no verão com um chapelão cor-de-rosa. Bato à porta com todo o meu corpo. Bato os punhos embaixo da placa que diz SE A CASA PEGAR FOGO, POR FAVOR, SALVE O GATO. Nela, há um gato lendo um livro, e isso me faz tremer mais. A porta demora um milhão de anos para se abrir.

A senhora abre a porta, e está usando um roupão da mesma cor do chapéu dela, ela diz *Ai, meu Deus* quando abre a porta, e estou tremendo e encosto as mãos molhadas nela, e meu corpo cai na maciez dela, e estremeço, ligue, ligue, ligue para a emergência. Por favor. A minha amiga, a minha melhor amiga está morrendo. A minha melhor amiga bateu com a cabeça em uma pedra e está morrendo.

Por favor, estou berrando com tudo que tenho no rosto cor-de-rosa dela e no ombro do roupão cor-de-rosa dela, para que ela me escute, para que alguém finalmente me escute. Ligue.

Dia 1

Dou um abraço apertado em Wren.

O respirador mecânico que bombeia ar para os pulmões de Eden faz um barulho de *chacaaaauá, chacaaaauá, chacauaaaaá*, e a cabeça dela está coberta com gaze branca. Fizemos buracos no crânio para aliviar a pressão do inchaço, mas ela não acordou. Está em coma, não há danos cerebrais permanentes de acordo com o que viram nas tomografias, e agora a gente tem que esperar.

Janie trouxe roupas e sapatos para mim depois que levou Digby para pegar o Animal, de modo que sou Eden da cabeça aos pés.

Digby me abraça, toda a confusão entre nós ficou para trás. Estamos aqui ao lado da cama, Digby, Wren e eu. Janie e John estão em algum lugar conversando com pessoas sobre coisas importantes. Está difícil apreender pensamentos. Tudo flutua. Meu peito todo é uma dor. Flores estão começando a chegar, adicionando cor e tomando espaço.

– Por que você não vai pra casa comer alguma coisa? – pergunta Janie quando volta.

John a abraça pela cintura. Acho que nunca tinha visto os dois assim, abraçados.

– Não se preocupe, Janie, ela vai acordar – diz Wren enquanto observa Eden, que parece muito, muito pequena embaixo do cobertor cor-de-rosa. Ela detestaria esse cobertor. Acho que eu nunca mais vou gostar de nada cor-de-rosa. – Ela é forte.

– Sim, querida, ela é forte – concorda Janie. – Mas mesmo assim...

– Não – interrompe. – Não forte como gente normal. Ela é superforte.

Janie começa a chorar.

Depois que arranjo uma garota chamada Delaney para cobrir o meu turno de fim de semana no Fred's, vamos jantar na casa de Eden, como Janie tinha sugerido. Ela me leva até o Animal com Digby. O câmbio engata a primeira marcha. Desce para a segunda. Sobe para a terceira. Entramos trovejando na garagem de Digby, John logo atrás de nós com a caminhonete preta brilhante dele. Como é que um dia se passou se o último nem terminou? Como é que ainda estou acordada? Estou muito cansada, mal consigo sentir os pés, e minha vontade é me deitar na cama de Eden e enfiar a cabeça embaixo dos cobertores dela. Quero puxar Digby para um canto e beijá-lo, para saber que ainda estou aqui. Esse desejo é tão errado quanto todo o resto, então, em vez disso, eu me sento à mesa de jantar.

A casa de Eden está cheia de assados e tortas, e só faz algumas horas. *Esquente a 180° durante 45 minutos*, diz o recado amassado no meio da mesa. A letra arredondada foi feita com cuidado, como se alguém tivesse prestado muita atenção para escrever aquelas palavras. Como se tivesse pensado: “Quem sabe a antiga receita de lasanha da minha família possa levar embora um pouco da sua dor.”

Fico esperando alguém me dar bronca, mas ninguém faz isso. Deviam. Ninguém está comendo, exceto Wren, que está na frente da TV, assistindo a *Hora de aventura*. A lasanha cheia de molho e de queijo vai esfriando e endurecendo em volta de cogumelos e carne moída no meio da mesa e no prato de todos nós, e só ficamos lá sentados. Eu, Digby e John. Muitas cadeiras estão vazias. A mesa é grande demais. BC está girando ao redor de si mesmo como se não tivesse onde ficar. Ninguém fala nada. Daria para escutar a mastigação se alguém estivesse comendo. Está tudo silencioso demais a não ser pelo desenho animado de Wren, e até isso é absorvido pela mobília, do mesmo jeito que os meus gritos foram sugados pela água.

E aí a pessoa que segura o travesseiro o está empurrando com força, com suas mãos grandes e maldosas. Sons altíssimos estão prestes a sair de mim. Não pode acontecer agora, não quando estas pessoas estão esperando e esperando. A cadeira sacode quando eu me levanto.

Mal consigo chegar ao banheiro no fim do corredor, estou chiando como se meus pulmões estivessem tentando sair do meu corpo. A coisa toda é ruidosa demais, e aciono o interruptor que liga o exaustor e abro a torneira. Até pressiono a descarga e, durante todo esse tempo, me apoio na beirada da pia, esperando que passe, mas não passa. A coisa simplesmente não para, mas não há lágrimas e tudo fica muito distante e espinhoso. E então estou vomitando todo o nada que tem dentro do meu estômago. Sinto gosto de tequila e da fumaça do cigarro de Eden, como se o tempo estivesse andando para trás, e daí é só bile, só respingos de mais um monte de nada. Limpo a boca e me coloco ereta.

Enxergo tudo. As toalhas do tom de lavanda mais suave, o papel de parede listrado em creme e violeta, a pia especial que parece uma travessa de cristal flutuante, o porta-sabonete líquido de cerâmica branca. O porta-escova de dentes de tom parecido, com duas escovas de dentes dentro. Um barbeador que deve ser de Digby e um gel de barbear com cheiro fresco de inverno e que garante suavidade. A caixinha de joias de madeira em forma de coração que guarda as coisas favoritas de Eden. O lugar em que ficam a faixa de cabelo que Eden usa quando lava o rosto e o sabonete dela. Tudo aqui é macio, acolhedor e limpo.

E os brincos de Eden estão ao lado da pia, na prateleira flutuante de cristal. São os pequenos de prata que ela comprou quando foi passar as férias no Novo México no ano passado. Ela os usa o tempo todo. Estavam agora mesmo nas orelhas dela, enganchados em sua pele. Talvez ela os tenha tirado logo antes de me mandar aquela mensagem, para poder voltar para casa e ir direto para a cama.

Passo os dedos pelo metal. Está quente.

Eu queria não enxergar tão bem.

Enxugo embaixo dos olhos e assoo o nariz, faço minha respiração se normalizar. Estou usando calça de moletom e casaco de capuz, mas continuo com frio, como se o rio tivesse me seguido até aqui e continuasse penetrando na minha pele, como se nunca fosse me largar. Será que algum dia vou voltar a sentir calor?

Eden tem que acordar.

Não quero assustar Wren quando eu voltar para a sala, apesar de a esta altura ela ter visto todos nós perdermos a cabeça. Por isso, jogo água no rosto e seco com uma das toalhas macias, respiro longa e profundamente mais algumas boas vezes, coloco os ombros para trás e então estou pronta.

Abro a porta fazendo o mínimo de barulho possível, e Digby está apoiado contra a parede do outro lado do corredor. O rosto dele está um pouco sombrio, todo pálido, e com minha visão limpa percebo que os olhos dele são da cor do mar dos anúncios de viagens para ilhas longínquas, e ele tem sardas como se alguém as tivesse colocado ali, uma por uma, com muito cuidado. Como se alguém tivesse pegado um pincel e dito *esta vai ficar perfeita bem aqui e aquela outra logo ali*. E ainda tem o ângulo, o formato dele encostado na parede. O torso dele ocupa muito espaço, e ele é magro, mas não é. E as roupas dele, o jeito como se ajustam ao seu corpo, como se tivesse lugar para caber mais alguém ali, como se houvesse espaço demais, e como se fossem confortáveis, como se fosse gostoso estar tanto ao lado delas quanto dentro delas. Os olhos dele estão arregalados neste momento, muito abertos, e não estão me fazendo nenhuma pergunta nem me dizendo nada. Só estão olhando para mim como se enxergassem tudo.

– Desculpa – digo.

– Pelo que você está pedindo desculpa? – pergunta ele com a voz grossa. – Você salvou a vida dela.

– Ela estava lá por minha causa. Eu devia ter tomado mais cuidado, com o gelo e tudo o mais.

Ele dá um chute na minha canela.

– Pare. Você não escorregou. Merdas acontecem.

– É – digo. – Acontecem mesmo, com certeza. Mas sinto muito por ter deixado Eden cair.

Os ombros dele começam a tremer. Ele continua encostado na parede, mas abre os braços e lá está o casaquinho preto com capuz igual ao que Eden sempre usa, igual ao que estou usando. E então sou pressionada contra ele, meu rosto no peito dele, os braços em volta de mim. E então ele é um travesseiro, mas de um tipo diferente, daqueles em que é bom se jogar. Do tipo que pega, segura e não sufoca nem um pouco, apesar de eu saber que, neste momento, ele também está caindo. Eu o empurro contra a parede como se

quisesse que ele a atravessasse, e os braços dele me apertam mais, e quero que me apertem ainda mais.

Eu achava que ia conseguir me segurar, mas algo nele, em estar aninhada nele assim... rodeada de preto pela pressão dos braços dele contra as minhas costas... faz com que tudo venha à tona.

O coração dele bate contra mim como se estivesse se esforçando para respirar, como se tivesse desembestado e quisesse fugir. Minha vontade é entrar no peito dele e segurá-lo com as mãos. Quero ficar aqui para sempre.

Toco na bochecha dele. Passo a mão por toda a extensão de seu braço. O rosto dele está molhado, e pego a manga do meu casaco e puxo por cima da mão, estendo o braço e o enxugo, como faria com Wren. Ele segura o meu pulso, impede que eu continue tocando nele.

– Ela estava lá conversando comigo, e depois estava imóvel – digo, e deslizo parede abaixo. Ele desliza ao meu lado. – Foi muito rápido. Eu achei que podia ser igual a Joana d’Arc.

– Você é a Joana d’Arc. Você a tirou de lá.

– Talvez não tenha sido rápida o bastante.

– O problema foi quando ela bateu a parte de trás da cabeça. Ela estaria morta se você não tivesse mergulhado na água atrás dela.

Dou um cutucão nele e ele retribui. Nós dois sabemos que ela estaria na sala neste momento se eu não tivesse lhe mandado uma mensagem, para começo de conversa, mas a bondade dele faz diferença, mesmo assim.

A campainha toca no fim do corredor, e John atende à porta.

Uma voz doce e entrecortada diz: *Desculpe por não ter chegado antes. Eu estava longe e acabei de receber a notícia.*

Digby se levanta.

Elaine.

Há muitos anos

Quando nos mudamos, eu sabia que havia crianças na casa ao lado. Eu as ouvia subindo e descendo a escada, discutindo com os pais, dando risada o tempo todo. Eu sentia o cheiro de comida sendo preparada, coisas como bacon e talvez bolo. Se eu ficasse parada exatamente no lugar certo, conseguia ouvir a água da banheira e do chuveiro deles correndo, conseguia escutar quando escovavam os dentes. Fiquei espiando a casa naqueles primeiros dias, descobrindo Digby e Eden, apesar de eu ainda não saber que eram eles. Demorou um pouco até que eu tivesse coragem para me aventurar fora de casa. O ar parecia pesado e estranho comparado com a sensação tranquila da Califórnia com que eu estava acostumada. Era hélio.

A primeira coisa que lembro no dia em que finalmente saí de casa é do cabelo dele. Aquela cor, como se um pedacinho de pôr do sol tivesse caído na cabeça dele. E os meninos dando encontrões uns nos outros enquanto brincavam do outro lado da rua. Algo rodopiou dentro de mim.

Digby era gentil, brincava com os meninos que ainda são amigos dele. Ele não empurrava nem xingava como os outros da sua idade. Ele só corria, desviava e driblava como se estivesse fazendo exatamente a coisa certa, como se fosse um tipo de árvore, alta e graciosa.

Foi aí que uma voz veio da varanda adjacente:

– Você mora aqui agora?

Fiz que sim para a menina.

– Antes tinha uma senhora aí – contou. – Ela morreu.

– Minha tia.

A menina pareceu refletir sobre a informação, então a desprezou como se fosse algo irrelevante.

– Só tem menino neste quarteirão. – A menina branquela apontou com a cabeça para o outro lado da rua. – Aquele é o meu irmão. – Ela me mostrou os dentes desnivelados, metade de leite, metade ainda crescendo. Um sorriso muito bom. – E o meu nome é Eden.

Dia 2

Escola.

Não são as flores em si que me afetam, nem mesmo as velas. É a quantidade de tudo. Dá até para pensar que Eden está morta. As pessoas me surpreendem, a forma como precisam se jogar em cada tragédia real ou em potencial como se pertencesse a elas, como se não conseguissem deixar para lá quando têm a chance de se envolver em alguma coisa. O Facebook e tudo o mais pioram tudo. O meu telefone é tosco e não tem internet, mas fico quase feliz por isso agora, apesar de significar que, se a mamãe tentasse...

A quem eu quero enganar? Ela não vai tentar.

Cartões, fotos e coisas escritas no armário de Eden, e na parede ao lado. Quem fez tudo isso? A que horas chegaram aqui? Minha vontade é ler tudo, mas não o faço porque sinto que todo mundo está olhando para mim, e isso me faz perceber como eu passo por tudo sem ser vista, como eu gosto que ninguém me veja, ou que tentem não me ver. É tipo o oposto de quando o papai teve aquele ataque na rua. Ele me deu de presente meu anonimato, meu caráter repelente. Ninguém quer ter nada a ver com a filha do cara maluco.

Agora, dê um coma para eles e tudo se desfaz. É como jogar pedaços de carne para tubarões famintos. Estou meio que esperando que todos ao redor do espetáculo comecem a cantar alguma variação da música “Kumbaya” e pensando que talvez isso me deixe meio louca. Já acho que estou meio louca.

Tocada, como a mamãe costumava dizer.

Intocada. Tocada demais. Às vezes é difícil saber.

Às vezes você simplesmente tem que se afastar, e é o que faço agora.

Quando caminho pelo corredor, tenho que me espremer no meio da multidão que só cresce, como se eu fosse um peixe nadando contra a corrente, tentando não ter pensamentos muito hostis sobre falsos amigos. Elaine está vindo na minha direção, e, quando fazemos contato visual, sou capturada. Dar meia-volta e encarar a maluquice ou falar com ela. Não tenho para onde ir.

– Você acredita nisso? – pergunta Elaine.

– Histeria coletiva.

– As pessoas são o que são, acho. – Procuro sinais para ver se Elaine sabe de algo e, em vez de pistas, eis o que encontro: simpática, falante, distante, talvez preocupada. E

então: – Você vai ao hospital?

– Tenho que resolver algumas coisas hoje à tarde, mas vou tentar ir depois da escola. – Eu hesito. – E você?

– Hoje, não. Mas vou amanhã.

Rosto perfeito. Oval, nenhum poro na pele cor de creme um pouco bronzeada, lábios carnudos, bochechas bem preenchidas, olhos onde mergulhar e óculos de gente inteligente, nariz fofo de boneca, cabelo preto liso. As roupas dela parecem novas, limpas e bem-passadas. Ela é reluzente e clara.

Então, flutuo para longe de tudo, até ela me trazer de volta.

– Lucille?

– Oi? Preciso ir pra aula.

Ela coloca a mão no meu braço. Me detém.

– Foi a maior loucura aquilo que você fez. Pular no rio daquele jeito.

Ela está tocando em mim, e quero contar tudo a ela, confessar e torcer para que me absolva.

– Qualquer um teria feito o mesmo.

– Não sei. – Ela me aperta. – Não sei se concordo. Mas, bom, você tirou Eden de lá. Nem todo mundo teria feito isso.

Digo algo, não sei bem o quê, e me afasto, assentindo e me sacudindo, porque ela não pode fazer isso. Não é permitido.

Não seja simpática comigo, Elaine. Por favor, não faça isso.

Estou no hospital de novo. A enfermeira divina chamada Rita desliza para dentro e para fora do quarto e farfalha ao meu redor, estalando os lábios e cantarolando. Wren dorme na poltrona. Meus cotovelos se afundaram no cor-de-rosa pútrido. Janie foi para casa por uma hora, só para tomar banho e comer algo. Digby não está por aqui.

Eden está esquelética. Eu devia conversar com ela. De todo modo, é isso que se deve fazer.

A máquina faz *chacaaaauá, chacaaaauá, chacauáááá*.

A outra máquina faz *bip, bip, bip*.

Minha cabeça desaba entre meus braços.

Estou incapaz de respirar normalmente, tremendo toda, quando chego ao Fred's com Wren. Entro pela porta dos fundos, passo pelos cozinheiros e não vejo Fred em lugar nenhum. O lavador de pratos acena e dá oi em espanhol.

– *Hola* – respondo, avaliando meu medo e alívio de ver e depois não ver Fred em cada canto.

Então passo pela câmara frigorífica e lá está ele, debruçado por cima de um recipiente de pimenta verde, levando-o para algum lugar, e tudo se acelera.

O salão está praticamente pronto, e as garotas andam de um lado para outro. Há cruzes por todas as paredes. Acho que eu nunca tinha prestado atenção nelas. Estão em todo lugar, em todas as versões, em todas as configurações possíveis de um crucifixo. Minha mente quer apertar o botão que explica por que isso é importante.

Não sei se ainda tenho emprego, não sei quanto Fred está irritado por ter me flagrado agarrada a Digby perto dos banheiros quando eu devia estar trabalhando. Independentemente do que está acontecendo com Eden, eu não posso me dar ao luxo de perder o emprego.

Felizmente, Wren não faz a menor ideia de nada disso, de verdade, e imagino que ela sirva como uma espécie de barreira entre mim e as potenciais quarenta chibatadas que estou prestes a receber. Quando entrei pela porta dos fundos, ninguém prestou atenção. Shane e Rachel estão sentadas à mesa 6, lendo algo. Tento não fazer barulho, mas Wren diz:

– Oi, pessoal!

Elas erguem a cabeça e logo estão em cima de mim, ao meu redor, me agarrando, abraçando Wren também.

– Garota – diz Shane para mim –, por que você não contou pra gente que se meteu em tudo isso?

Ela ergue o *Cherryville Squire*, e bem ali, no jornal porcaria de cidade pequena, tem uma foto de Eden, uma reportagem sobre nós. A manchete diz ESTRELA DO BALÉ LOCAL EM COMA. Não consigo enxergar nada além disso, com Shane sacudindo o periódico, mas tem uma foto de Eden e uma minha também, a que tirei na escola no ano passado. Fico limpa no preto e branco, quase bonita, quase normal.

Rachel faz um carinho no queixo de Wren e diz a ela:

– Sua irmã fez uma coisa muito especial.

– A gente acabou de sair do hospital – conta Wren, e vai para os fundos brincar com a maquiagem, tenho certeza.

– É – falo. – Pergunte a Eden se me saí bem.

– Não importa – diz Rachel. – Não é isso que importa, querida. – Ela vai atrás de Wren.

– Obrigada – balbucio para as costas dela.

– Você está aqui? – Val aparece por trás de nós, com um visual particularmente vampiresco. A roupa inclui látex e há uma camada extragrossa de delineador nos olhos dela. – Você não devia estar em outro lugar?

– Preciso trabalhar – respondo.

– Certo – concorda Jane. – Vida que segue. – O celular dela vibra em cima da mesa, ela atende e resmunga. – Hum. E você não sabe? Trent. Precisam ser dispensados pelo

menos uma vez por mês, para lembrarem.

– Você precisa falar com o Fred – sugere Val.

– É – Shane faz coro. – Tipo agora.

– O que está fazendo aqui? – A voz atrás de mim é impassível, desprovida de qualquer coisa identificável.

Fred.

Estou totalmente demitida.

O salão se esvazia tão rápido que parece que alguém lançou uma bomba de gás lacrimogêneo no lugar, e então ficamos só eu e Fred. Ele se senta, e o jornal com a minha foto está ao lado do pulso dele. Fred diz para eu me sentar, então parece que estou em *O poderoso chefão*. Eu queria enfiar umas bolas de algodão nas bochechas dele para que ele ficasse parecendo com o Marlon Brando e a gente representasse a cena de forma apropriada, mas acho que ele não levaria na boa. Acho que não está no clima para isso.

Minhas pernas estão fracas, minha cabeça está começando a doer e algo queima na minha garganta.

– Então, você voltou. – Ele parece lívido, como se o apocalipse zumbi pelo qual ele sempre está esperando tivesse chegado e o levado.

Começo:

– Arrumei uma pessoa para cobrir o meu turno.

– Sim, mas... – Ele bate no jornal com a unha. – Tem muita coisa acontecendo com você.

Tenho certeza absoluta de que os meus nódulos linfáticos acabam de ficar maiores.

– Então, como vai ser? – pergunta ele.

– Posso trabalhar?

– A sua irmã está aqui de novo?

A toalha de mesa por baixo do plástico tem estampa de bandeiras.

– Eu vi que ela está lá nos fundos – continua ele. – Vai passar a noite inteira aqui?

Eu me recosto na cadeira.

– Então estou demitida, é isso?

Ele se levanta e anda de um lado para outro por um minuto. Minha vontade é sair correndo. Não preciso ficar aqui sentada esperando. E ele parece irritado. Superirritado.

– Você fica se agarrando com um cara pelos corredores, vai embora antes de terminar seu trabalho adicional, traz sua irmã pequena para cá. – Ele ajeita os óculos no nariz, enfia a mão no bolso para pegar um cigarro, deixa-o pendurado entre os dedos. – O que eu devo fazer?

– Já entendi, certo?

– Não, não está nada certo. Você faz parte de uma equipe. Tem que agir de acordo.

Não sei o que ele quer dizer, mas tudo bem, porque não terminou de falar. Fico lá sentada como se tivesse 5 anos e aceito o meu destino.

– Você sai por aí pulando dentro de rios e essas merdas e nem me fala. Sua melhor amiga está em coma? E, aliás, quem é aquele cara que estava te amassando toda? E por que a sua irmã está com você? – Ele apoia as mãos em cima da mesa. – Onde estão os seus pais, Lucille?

Vou cair fora. Já fui. Estou quase passando por ele, mas ele segura o meu braço e diz:

– Nada disso. Acha que não sei sobre o seu pai?

– Tenho certeza de que sabe. – Engulo meu nó na garganta. – Todo mundo sabe.

– Correto. E sei que a sua mãe também não está por aqui. Não sei por quê, mas sei que não está. E você precisa desse trabalho, então por que não confia em mim e age como se precisasse disso tanto quanto precisa?

– Por quê? – pergunto. – Pra quê?

– Pra gente poder ajudar você.

Os olhos dele são muito azuis. Nunca estive tão perto dele assim. O hálito dele é todo de café e cigarro, mas esses olhos são de um tom que se destaca através das lentes sujas.

– Eu nunca tive filhos, Lucille, e provavelmente nunca vou ter, a menos que eu engravide alguma garota da resistência depois que os zumbis atacarem.

Dou um sorriso.

Dei um sorriso!

– Mas se eu tivesse uma filha, ia querer uma igual a você. Alguém que não fica sentada esperando as coisas acontecerem. Eu ia querer que a minha filha fosse uma garota durona, que sai por aí, arruma um trabalho e cuida dos outros como você faz com sua irmã. Eu ia querer uma que pula em rios no meio de uma linda noite, tira a melhor amiga da água e salva a vida dela.

Começo a dizer algo, mas ele ergue a mão e continua:

– Quero você do meu lado quando os zumbis atacarem, tá? – Ele faz um movimento estranho de cavar com as mãos. – Eu não diria isso a qualquer um. Só para você saber.

– Então, não estou demitida?

– Com uma condição. Nós vamos nos sentar e você vai me contar exatamente o que está acontecendo. E não pode mais deixar a menina aqui. Acharemos outro jeito. Vamos pedir às garotas para ajudar. Rachel pode maquiá-la nas noites de folga ou algo assim. E juro por Deus que, se eu pegar aquele garoto com as mãos em você de novo, ele vai conhecer meu amiguinho. – Ele fez um revólver de cigarro apagado com a mão. – Juntos somos fortes, divididos sucumbimos.

Fred solta um gritinho vitorioso, e isso é tão bobo que mata o choro que quer sair.

Ele é muito excêntrico.

E muito magnífico.

– Ei! – grita ele na direção do escritório. – Por que está todo mundo enrolando? Tragam essas bundas pra cá e comecem a trabalhar! Vocês têm vinte minutos para deixar este lugar tinindo!

Todos saem do escritório arrastando os pés e começam a tomar providências.

A mão suada dele está pousada no meu ombro, então vai até o bolso de trás e pega algum dinheiro. Quatrocentos dólares.

– Já cobri o seu turno de hoje. Você vai pegar isto e não vai dizer nem uma única palavra. Tire a semana de folga, e a gente se vê na segunda.

– Freddie...

Ele me interrompe:

– Nem uma palavra. – Ele se dirige para a porta lateral e examina o salão. – Bom, então tudo bem.

Quando chegamos em casa, está tudo limpíssimo. E digo completamente. Tudo de repente ficou no lugar certo. Os armários estão cheios. Não posso ficar brava nem com medo nem nada, apesar de eu saber que tranquei tudo antes de levar Wren à escola hoje de manhã.

Não sobrou nada dentro de mim, não há espaço para pânico. O mesmo vale para Wren. Nós só nos entreolhamos quando pego um lanche para ela, e tem muita coisa para escolher. Vamos para o banheiro para eu poder tomar banho, e lá é a mesma coisa. Frascos novos de xampu e condicionador, sabonete novinho em folha, algumas toalhas novas. Seja quem for, esta pessoa alcançou níveis novos e mais altos. Ou talvez não seja uma pessoa. Talvez seja mesmo mágica ou como Wren diz: um anjo com enormes asas luminosas, com vestes esvoaçantes fazendo compras no supermercado, recortando cupons e tal.

Talvez eu finalmente esteja ficando louca de verdade.

Tanto faz.

Este foi o dia mais longo da minha vida.

Uma vez Eden me contou que queria ser cremada. Disse que não queria vermes nela. Queria ser colocada em uma daquelas urnas biodegradáveis que a gente planta em algum lugar com uma semente dentro para se transformar em uma árvore. Achei romântico, legal. Pensei que só daqui a mil anos eu precisaria dizer ao marido ou aos filhos de Eden o que ela queria, que talvez a gente fosse fazer parte do mesmo jardim.

Na verdade, eu não estava pensando que Eden morreria por agora.

A morte hipotética em potencial é muito menos assustadora do que a morte verdadeira, que talvez aconteça em breve.

O que vou fazer se ela não sobreviver? Eu suporto a vida sem o meu pai e até sem a minha mãe. E sem Digby. Pensar no nome dele já é suficiente para mim. Mas não consigo aguentar mais nenhuma perda. Sei no fundo dos ossos que não consigo.

Chacaaaauá.

– Acorde – peço à minha melhor amiga do mundo. – Está me escutando? Você.
Acorde. Agora.

Chacaaaauá. Bip. Bip. Bip.

– Por favor. Por favor.

Dia de Mudança AD (Antes de Digby)

– Por que está tão quente?

Eden estava deitada na espreguiçadeira dela, com um livro sobre o rosto, enquanto as pessoas observavam e tentavam não ficar muito deprimidas. A mamãe e a Wren estavam fazendo compras, e o papai ainda estava dormindo. Houve muito trânsito de gente naquele dia, e de carros também, com o caminhão de mudança enorme praticamente bloqueando a rua.

– Hum, porque é julho, e faz calor em julho – respondi.

– Parece que Deus tem uma implicância pessoal contra a costa leste e atirou sua ira sobre nós em forma de calor explosivo e umidade. – Ela se animou por um minuto. – A casa nova tem ar-condicionado. Tipo, ar-condicionado de verdade, pra valer.

– Que bom pra você – falei.

John e Digby apareceram à porta, cada um segurando uma ponta de uma escrivadinha, e foram arrastando pés até o caminhão.

– Isso é sério? – soltou Digby ao passar.

– O que foi? – perguntou Eden. – Todas as minhas coisas estão empacotadas.

– Sim, mas a mamãe está lá fazendo faxina. Você podia ajudar.

– Vou fazer isso, tá? Estou descansando um pouco. – Eden voltou a se largar na cadeira, enxugou a testa. – Que saco.

– Vou sentir saudade de você – falei. – Agora nada mais vai dar certo.

– Tudo vai dar certo – retrucou ela, esticou uma perna, puxou o pé para si. – Só vai ser diferente. Não tem nada de errado com o que é diferente.

– Bom, eu gosto das coisas do jeito que estão.

Eden deu de ombros e puxou o pé mais uma vez.

– Acho que se eu fosse para uma casa decorada e com ar-condicionado também estaria bem – admiti. – Mas ficar sem você aqui vai ser chato e idiota.

– A gente vai se ver – disse ela, e estendeu o mindinho. – A gente pode se encontrar no nosso lugar sempre que você quiser, sempre que estivermos a fim.

Eu me sentei na cerquinha, enrolei meu mindinho no dela.

– Promete? – perguntei.

– Ah, prometo. – Ela se inclinou para a frente. – E, Lu, confie em mim quando digo que, não importa o que aconteça, nunca vai ser chato.

– O quê? A vizinhança? Vai ser, sim. Vai ser um saco pra sempre.

– Não. – Eden fez uma careta quando John e Digby começaram a voltar na direção da casa. – Não a vizinhança, boba. Estou falando da vida.

Dia 3 (madrugada)

Retomo a consciência total na escuridão. Estou queimando. Essa é a primeira coisa que sinto. Estou queimando, não tanto minha pele, mas minhas entranhas. É uma dor que começa em algum lugar que não sei nomear, e estou me separando do meu corpo de tanto que dói. Eu faria qualquer coisa para fugir disso.

Pó ao pó ao pó ao pó.

Estou me desfazendo.

Estava sonhando com alguma coisa, e o sonho me expulsou.

Demora muito tempo. Horas para transformar um corpo em cinzas, em compostos químicos básicos para descarte alternativo, para queimar uma pessoa e fazer com que volte a ser pó. A incineração não acontece em segundos ou minutos. Mesmo assim sobram dentes, fragmentos de ossos. Acho que é assim que fazem. À noite. Acendem o fogo e cozinham você, voltam de manhã e o colocam em uma daquelas caixinhas.

As pernas de Eden são muito compridas. Não quero que isso aconteça com ela. Não agora. Pele derretida, músculos carcomidos e finalmente até os ossos dela cedendo e se desfazendo. Não vai ter mais nenhum contorcionismo. Nenhum *plié*. Não. Nenhuma preocupação em ficar na ponta dos pés, se ela vai ou não conseguir, mais nada. Nenhuma preocupação. Nada de mais nada.

Pele quente pressiona a minha. Eden com a pele se soltando e os olhos saltando do rosto. Sinto que ela está em cima de mim no escuro. Não é a Eden. Ela não está morta, e sim no hospital. Minha cabeça não está funcionando direito.

É a Wren que está em cima de mim.

Coloco a mão na testa dela, e minha palma arde. Tento me sentar ereta, mas estou tonta.

– Pequena Wrenny – sussurro, e tato em volta à procura do abajur.

Ela suspira. Está muito quente.

Eu me levanto com dificuldade. É o que preciso fazer.

Não tenho telefone. Não tenho analgésico. Não sei o que fazer, mas nós duas estamos doentes e algo ruim vai acontecer a Wren se eu não tomar uma atitude. Ela não discute nem nada parecido quando jogo um casaco da mamãe em cima dela.

Ela passa a mão por todo o meu rosto e diz:

– Nossa, você está quente.

Pego uma toalha e molho.

– Coloque na testa – peço a ela.

Ela coloca sobre o rosto e eu levo minha irmã para fora, no frio. Tem muita neve no solo, mas não é nada de que eu não possa dar conta. Coloco Wren dentro do carro e dou a partida.

Não vou para o hospital. Não quero ir para lá. Dirijo.

Para o beco sem saída.

Bato muito à porta antes de me lembrar de que existe uma campainha, então aperto o botão. Ela é branca e reluzente sob a luz do poste da rua e eu não estou mais quente. Nunca estive tão fria.

Nunca tinha visto Janie desse jeito, com mechas arrepiadas do cabelo ruivo, como se tivesse sido eletrocutada. Quando ela viu Wren, descruzou os braços e nos fez entrar, toda carinhosa. É a primeira noite que ela passa fora do hospital. John está lá. E a gente tinha que ficar doente logo agora para atrapalhar o sono dela.

Hum-hum, murmura ela. Não estava conseguindo dormir.

Conheço este quarto muito bem. É da Eden. As cobertas acolchoadas e os travesseiros mais fofos, tudo daquele tom certo de creme, o assoalho de madeira, o tapete retangular felpudo combinando. As imagens de bailarinas nas paredes, a maioria delas em preto e branco, emolduradas. Livros, livros e mais livros, muitos, todos com a lombada gasta, ao longo da prateleira. Todos os pares de sapatilhas da Eden, dos pequeninhos até os maiores. O armário, entreaberto, todas as roupas esvoaçando e brilhando lá dentro. Se eu abrir as gavetas, vou encontrar todos os collants, as polainas. A estrutura da Eden. E então, no teto, acima da minha cabeça, a citação mais nova que também é a melhor. E talvez a última: “NÃO ENTRE COM SUAVIDADE NESTA NOITE AGRADÁVEL. TENHA FÚRIA, TENHA FÚRIA CONTRA A MORTE DA LUZ.” De novo.

Janie colocou Wren na sala para ficar de olho nela. Sinto um vazio sem ter ela encostada em mim, mas assim posso simplesmente ficar deitada aqui, cheia de antitérmico, chá ao lado da cama, sem fazer nada.

Os pensamentos ficam vagos. Havia algo sonolento no remédio.

Será que Eden está no próprio corpo? Será que sabe que o pai dela está ao seu lado? Que eu sinto muito? Será que ela vai voltar a dançar ou vai queimar? Onde a mamãe está?

Talvez Eden entre dançando pela porta a qualquer segundo e pule em cima da cama. Ela vai apoiar o queixo nas mãos, com o cabelo todo pendendo em volta do rosto em forma de coração, e vai dizer: “Conta, minha pequena Lulu. Conta tudo.”

Eu realmente não sei dizer como Digby foi parar na mesma cama que eu.

Estou suando. Porque minha febre passou, ou por Digby. Respirar faz o tempo passar mais rápido, e não quero que o tempo se mova. Quero que o tempo tire férias. Quero demiti-lo, dar alta para ele. *Saia daqui, tempo.* É aqui que eu quero ficar. Para sempre. Com Digby.

Além de tudo, não estou respirando por causa da mão de Digby. Ela se esgueirou por baixo das cobertas e agora está na minha cintura. Se movendo. Só um pouquinho, não muito, mas se move. Um dedo sobe um pouco. E desce. De forma muito suave, como se estivesse ousando, mas só um pouquinho. Se ele parar, vou entrar em combustão espontânea. É horrível o jeito como tenho vontade de me aninhar nele, mas me forço a ficar imóvel, só tremo por dentro, talvez um pouco por fora. Não sei.

Digby treme como eu. Dá para escutar, pelo jeito como a respiração sai de dentro dele. Mas sua mão é firme, mergulha embaixo da minha camiseta e avança pela pele exposta. Eu queria que ela estivesse em todo lugar. Fico com vontade de me virar. Não quero fazer nada que acenda as luzes, que faça com que isto pare, e Elaine está em algum lugar da minha cabeça, mas tento expulsá-la porque não é o lugar dela. Isto é entre mim e Digby.

Só nós dois.

E é aí que eu escuto Janie. Soluçando. Não é um som humano, parece de um lobo, de um fantasma, abafado por algo, mas não completamente. Não com a casa tão silenciosa.

A mão de Digby fica paralisada.

– O armário – sussurra no meu pescoço. – Ela está chorando dentro do armário dela.

O choro de uma mãe consegue coalhar leite e faz a pele se esticar, e Digby e eu entrelaçamos nossos corpos, nos apertando ainda mais juntinhos.

Parece que Janie está implorando.

Ainda o dia 3

Acordo como se alguém tivesse me sacudido.

Avisto o cobertor cor-de-rosa de Eden. As pernas de Digby estão por cima das minhas, um braço atravessado nas minhas costas.

As coisas estão um pouco embaçadas. Então passo a enxergar.

Eden está no quarto conosco. Sentada na cama, aos nossos pés, na pontinha, como ela estaria, com o queixo apoiado nos joelhos. A cabeça dela pende para o lado. Ela observa. E sorri.

Volto a fechar os olhos, a boca de Digby no meu pescoço.

– Vou voltar para o hospital – diz Janie.

Ela surge por cima de Digby e eu, já pronta para sair, com o cabelo preso para trás, nenhuma mecha solta. Estende para mim um copo de água e duas pílulas brancas.

Eu me sento rápido demais, fico tonta de novo. Tento me ajeitar, e então puxo a camiseta (de Eden). Minha garganta está doendo horrivelmente.

– Digby, hoje tudo atrasou duas horas de novo por causa da neve, e não quero que ninguém vá a lugar nenhum até eu voltar. Preciso ir ao hospital render o seu pai, mas tem um monte de comida na geladeira. Dei mais uma dose de remédio para Wren. Aqui está a sua. – Ela coloca os comprimidos na minha mão.

– Mãe... – Digby tenta.

– Não – diz ela. – Não quero saber de nada agora. Só mais tarde.

Eden. O meu sonho.

– Está tudo bem com a Eden? – pergunto.

– Ela está em coma, Lucille – responde Janie. – Não, não está tudo bem com ela. – Ela agita os braços. – Nada está bem.

– Ah – suspiro.

– É melhor vocês dois comecem a pensar sobre o que está acontecendo aqui. No meio de uma crise familiar, Digby Riley Jones? Sério? Isto não pode continuar. Parece que tudo isso é um completo desastre. – Depois que engulo os comprimidos, ela estende a mão para pegar o copo de volta. – Como é que a sua mãe larga você e Wren assim? Quer dizer, eu estou com uma filha no hospital, e ela nem tem a decência de cuidar das próprias. É inacreditável, simplesmente inacreditável. E agora vocês dois. Não tenho tempo para

isso! – A voz dela está tão próxima da histeria que eu só paro um instante para me perguntar há quanto tempo ela sabe sobre a mamãe e quanto ela sabe. – Pra mim, chega. – A voz dela falha na última palavra e ela simplesmente se retira, assim sem mais nem menos, e meio que bate a porta ao sair.

– Droga – diz Digby. – Mas que droga.

Ele joga basquete. É sério. Quando as pílulas surtem efeito, volto a me sentir meio normal e minha garganta para de doer tanto. Olho pela janela porque não o encontro em lugar nenhum. Ele tirou a neve de um pedaço da frente da garagem e está lançando a bola na cesta. Usa um gorro preto, um casaco esportivo e calça, e joga a bola repetidas vezes. Quica, quica. Vejo o rosto dele se contrair como se ele estivesse procurando alguma coisa naquela cesta, todo rodeado de branco. Preto e branco.

– Posso tomar um pouco de água? – pergunta Wren. – E você pode colocar a TV no Food Network?

– Claro.

Eu me sinto péssima, e ela parece um pouco pior do que eu, mas estou caminhando e já não tenho tantos delírios. Espero que eu não tenha contagiado Digby. Depois que faço tudo o que ela pediu, saio de casa com o casaco por cima da roupa com que dormi.

– Oi – chamo.

Digby para um segundo, então continua. Quica a bola no chão e corre. Ele passa por mim, ouço o som do tecido da calça dele esfregando. O dia frio é um alívio.

– Você devia voltar para dentro – diz finalmente enquanto faz dribles com a bola.

– Mas não vou – respondo.

Ele joga como se eu não estivesse ali, e então bate a bola com força contra a parede, perto o bastante de mim para me assustar. A bola começa a quicar pelo chão e ficamos observando enquanto, logo depois, rola para baixo do carro da mamãe e bate em um pneu.

– Você sabia que olhos verdes com cabelo ruivo é a combinação mais rara de traços que existe? – pergunto.

– Sim. Você é a rainha em mudar de assunto, sabia?

Ele se aproxima de mim.

– Quero dizer que você é raro – digo.

– Você também.

– Talvez. – Então continuo: – Digby, de uma vez por todas, você quer ficar comigo?

Ele faz um drible com a bola, sem olhar para mim.

– Quer? – reforço. – Porque não pode ficar com as duas. Não pode deixar tudo do jeito que era ao mesmo tempo que faz uma coisa nova. Não pode – eu me esforço para continuar – tocar em mim daquele jeito e então desaparecer. E se não pode ficar ao meu lado, andar de mãos dadas comigo, ter orgulho de estar comigo, não pode ter o resto. Não é justo com ninguém, nem com você. Então, o que você quer?

Ele não responde, só inspira e expira uma fumacinha. A rachadura dentro de mim se transforma em fissura e então em cisão. Não vou pensar nas mãos dele em mim. Pronto.

– Vou pra casa – falo. – Sei que a sua mãe está aborrecida, mas diga a ela que vamos ficar bem. Vou comprar remédio no caminho. – Aperto o casaco em volta de mim.

– A coisa toda...

– A coisa toda é uma confusão. Uma bagunça. Não tem como consertar.

– Não?

– Claro que não. – Respiro nas mãos geladas em concha, pensando no que Eden disse. – Tenho que resolver muita coisa agora e não posso fazer isso aqui. Você também tem suas questões. Obrigada por tudo, tá? Por ajudar com a Wren e por me dar apoio. Você foi insuperável, mas agora precisa se afastar. E se despedir de mim.

– Fala sério, Lucille.

– Diga logo.

– Você está sendo tão...

– Eu sei, dramática. Isso tudo é o maior drama. Mas você tem que dizer, mesmo assim. – A cada segundo tenho mais certeza de que estou fazendo algo bom, algo necessário para todos. – Porque, da próxima vez que você me vir, a gente vai ter que se comportar como antes. Tem que haver um fim. Você percebe isso, né?

Meus dentes começam a bater, e Digby faz menção de me abraçar, mas eu desvio.

– Nada termina – diz ele.

– Não é verdade – discordo. – Tudo termina.

– Mas, e se for você? – Ele baixa a cabeça. – E se eu fizer a escolha errada?

– Pare com isso.

Minha vontade é dizer coisas amargas que eu não poderia consertar depois, para mostrar que tenho atitude, mas me forço a retornar à minha ideia original. Eu o amo demais. É isso que está por baixo de tudo. Ele me enfraquece. Não gosto de fraqueza. Eden disse que ele é bom. Eu quero ser descomplicada. Boa também. Desejo ser normal, com pai e mãe legais e um namorado gentil que não precisa se esconder.

– Não vou ao hospital hoje porque estou doente, mas, se eu melhorar, gostaria de ir amanhã, depois da aula. Se você concordar.

– Então, você não quer que eu esteja lá? – Ele parece pequeno.

– Acho que vai ser melhor se não estiver, mas fico longe se você quiser ir.

– E acaba nisso? – Ele balança a cabeça. – Inacreditável.

– Por um tempo. – Dou tapinhas no braço dele. – Voltaremos a ser amigos algum dia, quando tudo isso passar. Agradeça a sua mãe por ontem à noite. – Aponto para o meu carro com a cabeça. – É melhor você pegar a sua bola antes que eu passe por cima. Vou chamar a Wren.

Olho para trás mais uma vez antes de entrar na casa. Minha esperança é de que, seja lá o que ele esteja fazendo, eu consiga congelar o momento na minha cabeça para lembrar

eternamente. Sei que verei Digby de novo, provavelmente um milhão de vezes, mas não vai ser assim. Ele está apoiado no poste da cesta de basquete, curvado, olhando para os pés.

– Adeus, Lucille Bennett – diz ele quando fecho a porta.

Um som de *toc-toc-toc* me acorda, sobe a escada e irrompe no meu torpor de antigripal. Wren nem se mexe do meu lado. Estou muito desorientada, preciso me segurar na parede para conseguir descer a escada. Não tenho muito tempo para pensar em quem deve ser. Papai? Não. Mamãe? Não. Será que é Digby ou Janie?

Falando sério, em todos os meus pensamentos mais malucos, Elaine é a última pessoa que eu esperaria ver ao abrir a porta. Mas lá está ela. O rostinho moreno dela está arrasado, inchado e...

– Que horas são? – pergunto.

Ela enxuga os olhos.

– Você estava dormindo?

– Estou doente.

Ela dá um passinho para trás, coloca o corpo mais ereto.

– Pelo menos ele falou a verdade sobre alguma coisa – balbucia.

E então eu entendo. Tudo fica nítido.

– Quer entrar? – pergunto.

– Não! – Ela cruza os braços por cima do suéter azul-marinho de caxemira. – Talvez. – Ela olha ao redor. – Está frio.

Ela dá uma geral na casa. Não vou ficar pensando no que os olhos privilegiados dela estão vendo. Simplesmente não vou fazer isso.

– São só nove horas. Desculpe se acordei você.

– Está pedindo desculpa pra mim?

– Certo? Certo.

Ela enfia a mão na bolsa em busca de um lençinho de papel. E então está dentro da minha casa.

– Eu queria berrar com você – diz ela com a voz trêmula.

– À vontade – retruco. – Pode gritar comigo se quiser.

As lágrimas transbordam dos olhos dela e então correm bochecha abaixo.

Minha cabeça lateja e meu coração pulsa.

– Você está transando com ele?

– Não – respondo. *Pior*, penso.

Ela anda de um lado para outro por um momento, coloca a mão na parede, no mofo, então me encara. Tem algo duro ali dentro.

– Acho que isso é bom. – Ela olha para mim como se eu fosse um espelho. – Há alguns minutos, cheguei à conclusão de que você é mesmo uma pessoa infeliz. Quer dizer,

eu já achava isso. Digby me contou, sabe? Sobre sua mãe ter ido embora sem motivo, e eu sabia do seu pai.

Traição. Eu entreguei uma faca a ele, e ele me apunhalou com ela.

– Ele disse que tinha pena de você, que queria ajudá-la. Eu deixei. Confiei nele.

– Ah. – Sinto um gosto metálico. – Eu também.

– É, bom, você não tem um relacionamento com ele, Lucille. Ele não deve nada a você.

Apunhalada. Apunhalada. Apunhalada dupla.

– Não tem mais nada acontecendo, tá? – conto a ela.

Ela não está me escutando.

– Vamos para a faculdade juntos no ano que vem. Para Penn State, se tudo correr de acordo com os planos. E... — a voz falha um pouco, e ela engole em seco — ... faz dois anos que estamos falando sobre nos casar. Quer dizer, quando a gente se formar e tudo o mais. E daí parece que você surgiu do nada. Você é toda desamparada e vulnerável, e faz com que ele... Você está deixando Digby confuso, e isso não é justo. Ele acha que sente todas essas coisas, mas quer saber? Aposto que isso não tem absolutamente nada a ver com você. Acho que Digby teria sido sugado por qualquer pessoa de quem ele gostasse que estivesse metida em tamanha confusão. Ele quer fazer o papel de salvador por um instante, para poder se sentir especial. Digby só quer esta sensação boa que você está proporcionando. Isso faz com que ele se sintam bem. — Ela leva a mão ao coração de ouro pendurado no pescoço. Será que foi um presente do namorado? — E então, pra completar, você ainda tinha que tirar a irmã dele do rio.

Mal consigo ficar em pé. Ela me encurrala contra a porta. Não sei por que não consigo dizer nada.

– Acho você um saco — diz ela. — Fiquei mal por você e feliz em permitir que ele tivesse uma amiga mulher, mesmo que tão próxima. Você se aproveitou disso. Vocês dois se aproveitaram. Você não passa de uma pessoa triste tentando levar outra pessoa pra baixo com você, e ele é um garoto do tipo que se deixou levar. — Ela é uns dois dedos mais baixa do que eu, mas parece uma guerreira amazona altíssima empunhando arcos e flechas a centímetros do meu rosto. — Então, olhe pra mim e diga que o que existe entre vocês é real. Diga que o meu namorado teria todos esses *sentimentos* por você se você fosse uma pessoa normal.

Eu me esforço para encontrar palavras, mas estou paralisada.

– Você não tem nada a dizer? — continua Elaine.

– Você tem razão — consigo articular. — Sinto muito. Acabou, tá?

Algo no meu estômago está se rasgando, e não quero que ela perceba.

Ela se acalma.

– Vocês dois, isso é uma fantasia. Não é real. Nem chega perto da realidade.

Não posso deixar essa passar em branco.

– Parecia real – argumento. – Parecia que era a única coisa real. Mas eu sinto muito, muitíssimo, por ter me apaixonado pelo seu namorado. – Se estou tentando ser sincera, é só isso que tenho para falar.

– Você está me magoando. Talvez não se incomode com isso, talvez não signifique nada pra você, mas, sabe, você também está magoando o Digby. – Ela tira as chaves da bolsa. – Não faça isso de novo.

Dia 4

Eu me recomponho na manhã seguinte e vou para a escola. Wren também parece melhor, então eu a convenço a entrar no carro com promessas de compras mais tarde. Não suporto vê-la com roupas puídas que não cabem mais. Preciso começar em algum lugar.

Quando você está em seu estado mais fraco, quando tudo é uma confusão, a limpeza precisa começar da raiz. O que Eden faria se nós nos encontrássemos na pedra neste momento? Além de me dizer coisas muito inteligentes, ela faria uma lista para que eu comesse com a realidade nua e crua.

Se eu não me estabilizar, minhas notas vão cair e não vou conseguir impedir que o trem do desastre passe por cima de mim mais uma vez. Dou um gole no copo de café para viagem e avalio os danos.

Os fatos são os seguintes:

Fred sabe.

Janie sabe de algo.

Digby sabe.

Elaine sabe, então provavelmente as amigas dela também.

Eden sabe, mas está fora de combate, então não é uma ameaça imediata.

Os fatos também são estes:

Perdi Digby.

Minha melhor amiga está em coma.

Meu pai é um egoísta.

Minha mãe é uma pessoa perdida à deriva.

Mas...

Tenho esta casa.

Alguém está cuidando de mim.

Tenho um emprego.

Tenho uma irmã.

Minhas notas estão quase arruinadas, mas posso consertar isso.

Tirei Eden do rio. Sou capaz de fazer isso. Sou, sim.

A escola é um campo minado. No armário ao lado do meu, o altar surreal a Eden. Antes eu ficava meses sem ver Elaine, mas agora ela está por toda parte, lançando olhares maléficos e gélidos para mim. Eu me enfio no banheiro para tentar entender como passei tanto tempo como se estivéssemos em algum universo paralelo. Agora parece que ela foi clonada e MultiElaine está à espreita para me pegar.

Sento ao ar livre na hora do almoço. Escuto a aula. Realmente presto atenção.

Aguente firme. Apenas aguente este dia. Preocupe-se com os outros depois.

Tenho outras coisas de que cuidar.

Primeiro, o mais importante: minha irmã. Depois que eu comprar roupas para ela, vou levá-la para ver o papai.

Meu pai e minha irmã estão bem longe de mim, dando o passeio que não consegui fazer. Wren toda vestida com roupas novas ao estilo da Melanie, cheias de glitter. Está contando tudo ao papai. Sei que está. Dá para ver pelo jeito como ele se debruça por cima dela, apoiando a mão no ombro da filha.

Uma vez eu li que crianças que foram espancadas ou violentadas das piores maneiras possíveis querem voltar para casa quando são afastadas. Elas desejam o conforto familiar. Querem perdoar. Tudo nelas quer isso. Elas não têm o tipo de defesa que as permite entender que foram abusadas. Parece confuso em certo nível, mas também tem algo de puro nisso. Algo que se perde quando a gente começa a crescer de verdade.

E o papai. Agora a gente sabe que ele pode perder a cabeça, porque ele perdeu, então acho que nunca vou conseguir voltar a sentir a mesma coisa por ele. Mas os dois pelo menos se amam. Vejo isso na maneira como ela permite que ele a toque, como ele se anima e sorri. É disso que ele precisa, acho.

– Quer café? – Carlos me entrega um copo de isopor.

– Obrigada. Seu trabalho deve ser divertido.

– Tem algo de honesto nele – comenta. – O seu pai vai ficar bem, você vai ver. Ele é forte.

– Forte como uma rocha.

– É, você precisa baixar suas expectativas um pouco. Ninguém é de fato forte como uma rocha. Esse cara – Carlos aponta para o papai com o queixo quadrado – passou tempo demais fingindo que era. Ele sabe que não deve mais fazer isso. – O walkie-talkie dele apita duas vezes. – Preciso ir. Espero que goste do café.

O papai ainda parece agitado perto de mim, fica arregaçando as mangas, não está com a postura muito ereta, como se estivesse se apoiando em Wren para ficar em pé.

– Vocês vão ficar bem até eu sair daqui? – pergunta. – Preciso tirar vocês daquela casa?

– Não – respondo. – Vamos ficar bem.

– Eu achava que sua mãe estivesse cuidando de vocês, que seria melhor se eu me mantivesse afastado.

– É – falo.

Mordi quase toda a borda do copo de café e ele me fez parar.

– Vou ver se consigo mandar algum dinheiro pra vocês, certo?

– Pai...

– Me deixe cuidar disso.

E agora ele olha para mim. A blusa de manga comprida por baixo do avental dele tem um espaço para o dedão na manga, igual a todas as blusas que ele tem.

– Dê um abraço no papai – digo para Wren. – Precisamos ir. Temos mais uma parada antes de o dia terminar.

A mão dele no meu braço.

– Sinto muito, lírio-tigre. Pela Eden. Mas estou orgulhoso, você fez uma coisa boa. – Não esperava me sentir do jeito como me sinto, porque ele me deixa sem fôlego com essas palavras. – De verdade – completa. – Você é uma guerreira. Talvez nós todos dependamos um pouco demais de você, porque sabemos que aguenta o tranco. A gente não devia agir assim. Quando eu sair daqui, tudo isso vai mudar.

– Está tudo bem – digo. – Vamos, Wrenny.

O papai nos acompanha até a porta.

– Estou fazendo tudo que você disse, inclusive falando na terapia. Vou até começar a trabalhar na semana que vem.

– Isso é bom, pai – aprovo. – De verdade.

– Sabe no que ando pensando ultimamente?

– No quê?

– No mar. No Pacífico. Em surfar tranquilo por cima das ondas. Eu era muito bom nisso antigamente. Gostaria de voltar a fazer isso. Então, pense no assunto. Talvez, quando eu sair, a gente devesse tentar fazer essa viagem. A vida lá é boa.

– Talvez – falo. – De qualquer forma, é algo em que pensar. Fico contente por você estar pensando nesse tipo de coisa.

– Sim, eu também. Estou quase lá, lírio-tigre.

Antes de a administradora florida da casa abrir a porta para nós sairmos noite adentro, o papai dá um abraço na Wren e a ergue do chão.

– Você está brava por eu ter contado pra ele? – pergunta Wren enquanto esperamos o carro esquentar.

– Que nada. Eu não teria trazido você aqui se quisesse guardar segredo. – Tiro as luvas e coloco a mão na frente da saída de ar quente. Ela faz a mesma coisa, e nossos mindinhos quase se tocam. – Tenho pensado muito ultimamente sobre segredos.

– E aí? – Ela parece uma adolescente.

– Segredos não são nada bons. Acho que todo mundo tem um. Ou tem coisas que não quer revelar sobre si mesmo, por não estar pronto. Algumas coisas continuam especiais por mais tempo quando ficam guardadas com a gente, mas outras apodrecem quando a gente não pode falar. E pedir para você guardar segredos, mesmo que seja por uma boa causa... bom, acho que não seria certo. – Eu me viro e apoio o joelho no painel do carro.

– Então posso contar uma coisa pra você?

– Qualquer coisa – respondo.

– Eu queria que Melanie fosse à nossa casa pra brincar.

Eu surpreendo a mim mesma com uma risada.

– Claro! – respondo. Em vez de convidar amigas para brincar, ela tem feito a lição de casa e passado o tempo livre assistindo à TV. Chega. Isso acabou. – Você pode convidar Melanie pra ir lá em casa qualquer dia. Amanhã se quiser. A gente dá um jeito. Você acredita em mim?

Tudo depende da resposta dela. Se ela acreditar, eu também acreditarei.

– Acredito – responde. – Porque você é você.

Paramos no hospital a caminho de casa. Espio pela janelinha, e lá está Janie, com um Kindle, lendo algo para Eden. Digby não está. Perfeito. Levo Wren até a máquina de bebidas, compro um chocolate quente na máquina e peço para ela ficar quietinha do lado de fora do quarto. A adorável Rita pega na mão dela quando entro no quarto de Eden.

– Oi. – Eu me aproximo de Janie com o máximo cuidado possível, mas mesmo assim o Kindle treme.

– Um pouco de poesia – diz. – Não sei se ajuda.

– Tenho certeza de que ajuda. – Vejo o rosto murcho de Janie. – Você deve estar exausta.

– Quer se sentar? – Ela puxa a cadeira ao lado dela.

Quando me acomodo, digo:

– Não tenho muito tempo. Wren está me esperando, mas quero conversar com você sobre a minha mãe.

Quando chego em casa, tem uma cesta de muffins na varanda.

– Obrigada! – grito para a noite.

Espero que alguém me escute.

Então entramos. Levo o CD player para a sala e o ligo, e Wren e eu começamos a dançar, porque, como Wren diz, às vezes a gente precisa dançar para se liberar.

Dia 5

No dia seguinte, acordamos preguiçosas e ficamos enrolando pela casa. Escolho roupas de frio para Wren e eu, e não nos apressamos em vesti-las. Não adianta correr quando já estamos atrasadas. Caminhamos os quatro quarteirões até a escola de Wren pela trilha de pedras. Eu não vinha aqui desde o acidente, e avançamos lentamente. Wren está crescida demais para andar de mãos dadas, mas ela pega na minha, com firmeza.

– Eu estava pensando que, como você não tem que trabalhar hoje à noite, talvez eu possa fazer *piccata* de frango. O anjo deixou algumas alcaparras para nós da última vez, e Giada tem uma receita ótima.

– Tudo bem.

Quero dizer muitas outras coisas, falar sobre como me orgulho dela e como tenho medo, mas ultimamente tenho falado muito disso.

Nossos pés afundam na neve recente.

– Às vezes é bom se atrasar – digo.

– É.

Ela aperta a minha mão, e sei que não é só porque está feliz por estar comigo, caminhando; também é porque este é o lugar em que eu sairia da trilha para ir até o vagão de trem, para chegar à pedra. Aperto a mão de Wren também, bem forte, e caminhamos o resto do trajeto em silêncio, com alguns passarinhos solitários piando sobre as árvores sem folhas.

Não sei qual é o problema, mas o carro não dá a partida quando tento ir ao hospital depois da aula. Posso dar um jeito, acho, mas o fato de estar sem telefone e não saber para quem ligar é demais para mim. Desabo na varanda e Wren se senta ao meu lado. Apoio a cabeça no ombro dela. Está muito frio, mas não tenho energia para entrar.

Sabe quando as pessoas falam sobre um choro que às vezes parece um monte de ondas quebrando em cima delas? Eu nunca tinha entendido isso até agora, mas, quando a primeira onda me atinge, parece que estou me segurando. Estou me segurando e lutando contra ela. Meus olhos se enchem d'água e não vou... não vou deixar as lágrimas vencerem. Mas aí elas vencem e eu me entrego. Elas passam explodindo por tudo, e engulo em seco como se estivesse me sufocando com elas e então soluço. Enormes

soluções profundos que não consigo controlar. Então Wren se agarra a mim, com os dois braços. Estou na rua e estou perdendo o controle, e as ondas vêm com a mesma rapidez que vão, mal me dão tempo de me recuperar de uma antes de a próxima chegar. Isto é se afogar. Um afogamento deve ser assim. Mas daí algo que estava preso dentro de mim começa a sair, abrir espaço, e então para. Tudo para no momento em que penso que nunca vai parar. Com a mesma rapidez e a mesma força que vieram, as lágrimas vão embora e me deixam em paz. Estou vazia.

A onda levou algo consigo.

– Eu amo você – digo a Wren. – Estou falando sério.

– É melhor a gente achar um jeito de ir para o hospital se a gente quiser voltar a tempo de fazer o jantar – sugere ela.

– Eu levo vocês – diz a Sra. Albertson atrás de nós.

A Sra. Albertson se propõe a esperar para nos levar de volta para casa, mas eu garanto que vamos ficar bem, que Janie e John estão aqui e nós vamos voltar sem problemas. Wren e eu saltamos do carro, chafurdamos pela neve derretendo e caminhamos pelos corredores com os pés molhados.

Quando chegamos ao quarto de Eden, Digby, Janie e John estão lá, Janie e John sentados e Digby sozinho ao pé da cama. Só uma fração de segundo se passa antes de eles registrarem que estamos aqui, mas é tempo suficiente para eu conseguir ver de novo como é uma família quando ninguém está olhando.

Parece sorte.

Janie se levanta imediatamente.

– Lucille! – diz ela, e dá um abraço em Wren, então confere a testa dela. – Eu não sabia se vocês conseguiriam vir hoje.

– Desculpe – falo. – Meu carro não ligou.

– A gente pegou carona com a Sra. Albertson.

Janie fica ríspida por um segundo, mas amolece quase de imediato.

– Sinto muito – comenta ela. – Podia ter me ligado.

Estou me esforçando muito para não olhar para Digby e não pensar onde Elaine deve estar, e Eden está mais pálida do que nunca. Está encolhendo.

– Nada?

– Ainda não – responde John. Ninguém diz mais nada, e ele olha ao redor. Então, como se esta coisa toda fosse demais para suportar, ele se levanta da cadeira. – Minha barriga parece não saber que estamos no meio de uma crise. Vou comer um pouco das porcarias que servem no hospital. Alguém quer alguma coisa?

– Vou com você. – Janie se convida.

– Mesmo? – John parece completamente chocado.

– Sim – retruca. – E a Wren também vem.

Ela vai deixar Digby e eu sozinhos, e não está sendo nada sutil a respeito. Nossa conversa ontem surtiu uma reviravolta estranha. Conteí mais a ela do que pensei em contar.

– Tudo bem – diz Wren, um pouco ressabiada. – Mas tenho planos para o jantar de hoje, então não quero ficar sem apetite.

– Que tal um chocolate quente? – sugere Janie. – Daí você aproveita e me conta os seus planos.

– Bom, então vamos, meninas – diz John, e olha de mim para Digby como se estivesse tentando fazer as coisas se encaixarem. – Talvez você possa me explicar o que está acontecendo – fala ele a Janie quando saem.

Minha vontade é arrancar a pele do corpo e desaparecer dentro de mim mesma para nunca mais voltar. Minha vontade é pular para o outro lado do quarto e me jogar nos braços de Digby que nem as moças fazem no fim de comédias românticas. Quero sol e um ou dois cavalos por perto enquanto ele me gira no ar. A primeira opção parece mais plausível, mas nenhuma delas é possível, por isso agarro com força extra o metal da cama para me manter firme. Estou em um barco, balançando. Não consigo manter o equilíbrio.

Eu o sinto mais do que o vejo quando ele se aproxima.

Eu o sinto mais do que o vejo quando ele coloca a mão na cama, ao lado da minha.

Eu o sinto e então o enxergo colocando a mão em cima da minha, entrelaçando os dedos nos meus. Deixa a mão pousada ali mesmo.

– E a Elaine? – questiono.

Ele faz que não com a cabeça.

É aí que ele me beija. É diferente de todas as vezes anteriores. Não é como se ele fosse morrer se não me beijasse. Não é como se estivesse roubando o beijo. É como se estivesse pegando o que é dele. Como se estivesse entregando o beijo.

Como se estivesse cedendo.

Eden não acorda do coma. Não há banda tocando. Nenhum anúncio da recuperação espetacular dela. Ela não chama o nome de ninguém. Só fica lá deitada. Nada mais acontece além de Digby levar Wren e eu para casa.

Digby não solta a minha mão. Nem quando os pais voltam ao quarto do hospital. Nem quando caminhamos até o carro, nem quando ele troca a marcha. É isso que acontece, acho.

Digby segura a minha mão.

O que encontro quando chego em casa me deixa apavorada. No começo, parece que há criaturas sombrias fazendo alguma espécie de ritual assustador ao redor do meu carro,

mas, quando o Animal ilumina a cena com os faróis, vejo que a Sra. Albertson, Andrew e o Fumante estão parados ao redor do capô aberto.

Digby me solta e pergunta:

– O que está acontecendo?

– Não faço a menor ideia.

– Anjos! Anjos! – Wren saltita, perdeu toda a pose agora. – Eles são os anjos!

– Caramba – fala Digby. – Acho que ela tem razão.

– Precisa de uma bateria nova – determina o Fumante.

Ele é tão magro que fica praticamente invisível quando o vejo de perfil.

Estou tentando entender o que está acontecendo, e não é possível, não é possível que esta seja a explicação. Seria mais fácil acreditar em fadas, duendes, gremlins. Por que será?

– Trago de manhã – continua o Fumante. – Deve demorar uns dez minutos pra trocar. Nada de mais.

– Agradeça – sussurra Digby para mim.

– Obrigada – balbucio.

Andrew parece nem se abalar.

– Minha cara Sra. Albertson, achei que tinha dito que ela só voltaria mais tarde.

– Bom, achei que não seria tão cedo.

– Sua falta de habilidade para fada madrinha é terrível – diz Andrew. – Se não tomar cuidado, vou tirar sua varinha de condão.

A Sra. Albertson dá uma risadinha.

O Fumante ajeita a jaqueta e revira os olhos, então solta a vareta do capô do carro e o deixa cair e fechar.

– Bom, pra mim já deu por hoje – diz ele.

– Karl, volte já aqui – ordena Andrew.

Seu casaco preto de caxemira está escovado e limpo. Enxergo isso até no escuro, apesar de a minha mente estar se esforçando para se colocar a par da realidade.

O Fumante, ou Karl, acho, se balança em cima dos calcanhares, dá meia-volta e solta um assobio de irritação.

– Então, vocês são... o quê? – pergunta Digby, e assopra as mãos para esquentar. – Algum tipo de cooperativa beneficente?

– Nós percebemos uma necessidade – explica a Sra. Albertson.

– Você é boazinha. – Wren pega a mão da Sra. Albertson. – É uma pessoa maravilhosa.

Estou em uma realidade alternativa em que as pessoas são legais e fazem coisas só porque sim, e não consigo me firmar no chão.

– Karl é amigo da sua mãe, sabe? – diz Andrew.

– “Amigo” talvez seja exagero. Ela me ajudou uma vez – explica ele. A voz dele é meio baixa e rouca, como se ele não costumasse falar. – Tento não esquecer.

Tenho medo de perguntar, mas é necessário.

– Sabe onde ela está?

– Sinto muito... – responde.

– Ou se vai voltar? – pressiono.

Quando ele faz que não com a cabeça, desisto da esperança momentânea de que, de algum modo, eles todos só estivessem dando cobertura temporária a ela, por saberem que voltaria.

– Você a aceitaria se ela voltasse? – questiona Karl.

Não sei. Nunca pensei sobre isso antes. Será que aceitaria? Será que vou aceitar o papai? Eu simplesmente não sei.

– Por que fazer uma pergunta destas à menina? – a Sra. Albertson se irrita.

De repente imagino os três na minha casa, no supermercado, brigando para decidir o que comprar. As tortas só podem ser do Andrew. O Fumante aparou a grama. A Sra. Albertson provavelmente limpou a casa e assou os muffins. Então me dou conta.

Eu nunca tive segredos. Não de verdade.

– Por que não disseram nada pra mim? – pergunto. – Por que não contaram para alguém, não nos denunciaram? Por que fizeram tudo isso?

A Sra. Albertson toma a frente.

– A maior parte das pessoas por aqui conheceu a sua mãe e a sua tia Jan. Nossa, eu me lembro de quando elas eram pequenas e eu morava mais pra baixo na rua, na casa grande. Elas costumavam ir lá. A gente tenta cuidar dos nossos. Vocês, meninas, estão entre os nossos.

– Elas tiveram as mesmas dificuldades que vocês estão tendo agora, só que há muito tempo – esclarece o Fumante. – Entende?

Entendo. Tia Jan criou a mamãe. Elas também não tinham pais.

– Não queríamos que vocês se sentissem sozinhas – diz a Sra. Albertson. – Porque não estão.

– E, além do mais, ser um pouco sorrateiro é divertido – confessa Andrew.

– Mas, já que estamos aqui, talvez o melhor seja informar a alguém sobre o que está acontecendo. Achamos que a sua mãe ficaria fora por pouco tempo, mas agora já está demorando muito.

– Espere um pouco – interrompe Karl. – Nós conversamos sobre isso.

– Karl não é fã da lei – comenta Andrew, e batuca com os dedos no capô do carro. – Vamos entrar – diz ele depois de uma pausa. – Tenho uma ideia.

Digby dá um beijo na minha cabeça e diz:

– Vou levar Wren para dentro.

Antes de chegarem à porta, Wren dá um abraço demorado demais em Karl, o Fumante, e ele fica com uma cara de quem quer sair dali, como alguém que estivesse dentro de um barril cheio de cobras.

– Certo, certo – diz ele, e se desvencilha dos braços da menina. – Está bom. Bastante bom. – Ele suspira. – Eu avisei, mulher – fala para a Sra. Albertson –, algumas coisas nunca devem ser reveladas.

É estranho como a casa mudou depois disso. De algum modo, parece mais cheia. Digby volta para o hospital. Parece que a minha própria bateria gasta se recarregou, e não consigo ficar parada. Quero pintar um zilhão de quadros e limpar tudo.

O frango chia na panela, a água com a massa ferve, e Wren e eu jantamos, falando bem pouco. Está gostoso, crocante, macio e amanteigado. Algum dia Wren vai ser tipo uma masterchef, juro. Ela se aconchega no sofá e cai no sono antes de eu ter chance de dizer para ela ir para o quarto, por isso fico andando de um lado para outro como se a casa pudesse me instruir agora. O que fazer até Digby voltar, até nós sabermos o que vai acontecer com a Eden, até o resto de tudo se revelar.

Um quadro, ou mesmo um zilhão deles, não vai bastar. Não esta noite. Preciso de mais. Por isso, pinto o céu no quarto da Wren. Faço isso por ela. Faço isso pela mamãe. Faço isso pelo papai. Faço isso até pela minha tia Jan, que já morreu, cujos seios adoeceram e porque foi embora tão cedo e era muito parecida comigo. Mas, acima de tudo, faço isso por mim mesma.

Fico surpresa com a sensação de ter o pincel na minha mão. Certinho, como se ficasse encaixado, um pedaço de mim que eu não sabia que estava faltando. Como da última vez. O azul que cobre as manchas me acalma.

De manhã vou estar muito cansada, mas, neste momento, estou livre. Faço todos os contornos, traço cada linha com perfeição e danço um pouco ali sozinha. Tiro a calça jeans da mamãe e fico lá, só de camiseta regata e calcinha. E então começo a passar o “azul ideal”. Coloquei azul em tudo, apaguei cada marca e cada mancha e cada feiura que cobria nossas paredes, e estou rebolando, escutando música nos fones de ouvido, até cantarolando um pouquinho.

Quando termino, pego o branco e pinto as janelas, cubro as molduras amareladas. Faço tudo no meu tempo, perdida em cada reentrância do gesso, em cada cantinho. É incrível o que a pintura faz, como deixa tudo melhor.

Dia 7

O sol está surgindo. Vai haver muitas tarefas para executar, várias perguntas a fazer, inúmeras outras para tentar responder; mas agora estou sentada no meio do quarto pensando em como fiz uma coisa adorável a partir de algo tão feio. Assim como Andrew, a Sra. Albertson e Karl, o Fumante fizeram comigo.

Quero entender minha mãe melhor, penso ao guardar as roupas que peguei do armário dela nos últimos meses, colocando tudo de volta nas gavetas, sem fazer barulho para não acordar a Wren. Quero saber o que leva uma pessoa a fazer o que ela fez. Andei pensando que talvez tenha a ver com o fato de que os pais dela morreram quando era muito nova. Nem mamãe nem papai têm pais. Isso parece insano para mim.

Pode ser que a mamãe tenha caído fora porque a irmã dela a criou e ela sabia que era possível, achou que eu conseguiria segurar as pontas até o papai voltar. Ou então que ela tenha achado que os dois juntos agora seriam prejudiciais e que nós ficaríamos melhor só com ele. Ou talvez ela volte e isso seja enterrado como um momento cinzento no passado.

Para algumas pessoas, como a Janie, ter filhos deve ser o que as prende à Terra, e para outras é o trabalho. Talvez para a mamãe esse fator seja o papai, e sem ele da forma como ela o via, ela simplesmente saiu flutuando. A combinação 3110, o dia em que ela conheceu o papai, era a senha dela para tudo, certo? Talvez ela tenha tentado formar uma família com ele apesar dos pesares, tentado criar as coisas que ela sempre desejou, e, quando não deu certo, ela desmoronou.

Ou pode ser que a mamãe não tenha pensado em nada. É possível que simplesmente não estivesse mais aguentando, e só conseguisse lidar com a situação até certo ponto.

Penduro a saia dela de volta no armário, aquela que usei para ir à Filadélfia, então me aventuro no meu próprio quarto. Parece com algum lugar em que eu morava. Cama feita. Fotos de mim e Eden. Fotos de mim e da minha família presas na moldura em volta do espelho da penteadeira. É um lugar legal e tranquilo.

Este quarto parece pertencer a uma pessoa normal, mas sei o que tenho dentro de mim. Sou um monstro que solta fogo pelas ventas e não vou vacilar. De fato pulei dentro de um rio congelante para tirar Eden de lá. E nunca abandonaria Wren, e se o papai tornar a enlouquecer quando voltar, vou queimá-lo com minhas chamas de dragão.

Vou me prender ao chão porque sou capaz de fazer isso. E sei quantas mãos vão me segurar se eu cair. No final das contas, Eden estava errada a respeito de algumas coisas.

Ela estava errada sobre Digby e eu. Prefiro pensar que ela sabia disso, que a alma dela saiu voando um pouco e, quando foi nos visitar naquela noite, na casa dela, quis me dizer com o sorriso que sabia que coisas boas estavam por vir, que eu abriria os olhos e finalmente conseguiria enxergar tudo. E se não der certo, se Digby não quiser mais segurar a minha mão e eu acabar arrasada, vou aguentar firme até ficar inteira mais uma vez. Explique qual é o objetivo de viver se você não estiver disposta a lutar pelas verdades do seu coração, a correr o risco de se machucar.

Você precisa ter fúria.

Fico deitada na minha cama, entre os lençóis, e tento adormecer.

Mas então me vejo com muita saudade da minha mãe. Eu a aceitaria de volta, porque quero perdoá-la. Sinto a mão macia dela no meu rosto, na minha bochecha, à medida que o meu corpo começa a ficar leve.

Estou lembrando dela dizendo: *Você tem um coração de heroína, minha Luluzinha.*

Dia 7 (ainda)

Quase uma semana desde Eden, e é uma vida inteira.

O cheiro de café da manhã me acorda. Wren está usando o fogão. Ela trocou algumas coisas de lugar, colocou as xícaras onde antes ficavam os pratos, as ervas e os temperos ao alcance. Tudo que era desorganizado quando mamãe preparava as coisas tem lógica sob o controle de Wren. Ela é muito eficiente aqui.

Estou acabada, mas mesmo assim me sinto completamente desperta. Talvez seja algum tipo de magia criativa. Ouvi dizer que artistas conseguem passar dias acordados quando estão em uma espécie de estado de fluxo. Não foi pintura em uma tela, mas havia magia naquilo. Mais tarde, tenho certeza de que vou cair de sono, mas não agora. Por enquanto, vou dar conta de aguentar este dia.

Vou à minha gaveta mais baixa, encontro meu macacão e o visto por cima de uma camiseta preta de manga comprida. Escovo os dentes, lavo o rosto. Quando estou me secando, olho para mim mesma e não detesto o que vejo. Olhos azuis. Cabelo louro-escuro. Lábio inferior carnudo. Cílios não tão ruins. Eu. Nada perfeita. Nada ruim. Não sou a mamãe. Só eu. Eu me sinto como eu.

Desço a escada.

– Acho que quero cortar a franja – diz Wren ao virar à perfeição um ovo que está fritando. – Posso fazer isso?

– Claro – respondo. – Vou perguntar a Val onde ela corta o cabelo.

Ela coloca pão na torradeira.

– Você pintou o meu quarto – observa ela com o cotovelo apoiado no balcão. – Do jeito que eu queria.

Sinto que abro um sorriso.

– Ficou maravilhoso.

Logo, dois lindos ovos com torrada aparecem na minha frente.

– Obrigada – agradeço.

Ela pega uma embalagem de ketchup. Escreve AMO VOCÊ em cima dos meus ovos, em vermelho.

Não gosto de ketchup nos meus ovos e ela sabe disso, mas hoje eu como assim mesmo, e o ketchup é tipo um doce lamaçento.

– Não quero mais ir ao Fred's. Fico cansada. Já posso ficar em casa sozinha – declara.

Wren está determinada. Dá para saber pela maneira como está lavando a frigideira.

– Preciso conversar com você sobre uma coisa.

Ela fecha a torneira.

– A Sra. Albertson disse que pode tomar conta de você, talvez dormir aqui até o meu aniversário ou até a mamãe ou o papai voltar. Se isso acontecer.

– Vai acontecer.

– Vai. Você deve ter razão.

Sinto mamãe em algum lugar por aí. As ondas vão trazê-la de volta. Mas não espero que ela me segure. Espero que eu a pegue no lugar em que cair.

– Mas então... – prossigo. – A Sra. Albertson vai continuar a maior parte do tempo na casa dela, mas, se alguém aparecer para saber como a gente está, vai ver que temos alguém para ajudar. Tipo se você falar alguma coisa pra alguém na escola ou algo assim. Porque, como conversamos antes, você não tem mais que guardar segredos. – Wren só para o que está fazendo um instante, então retoma a atividade. – Ela vai ficar no quarto da mamãe de vez em quando, tudo bem?

– Tudo bem.

– Então, vou voltar pro meu quarto, e você vai voltar pro seu, ok?

– Tá. Você acha que ela gosta de fazer bolo?

Uma bolota de manteiga escorrega pela camiseta dela quando vai morder a torrada.

E é aí que alguém bate na porta. A esta altura, pode ser uma de cerca de dez pessoas. Talvez seja o Fumante com a bateria do carro. Mas não é. É quem eu queria que fosse.

– Olá, Digby Jones – digo para o rosto lindo dele, e pego sua mão gentil na minha.

– Olá, Lucille Bennett.

Ele é selvagem, uma coisa selvagem ali parada, como se tudo estivesse se soltando dele ao mesmo tempo.

– O que foi? – Mal são sete e meia. Puxo a roupa dele. – Quer entrar?

Não, ele responde. Ele quer que eu saia. Wren também. Agora mesmo.

Porque ela piscou.

Eden piscou.

Agradecimentos

Escrever um livro (este aqui, pelo menos) é uma estrada longa e cheia de curvas, impossível de vencer se não houver muitas mãos, muita inspiração e a criatividade de uma cidade inteira, e nunca de um vilarejo. Para começar, eu provavelmente seria muito mais bem ajustada, e, portanto, nunca teria escrito este livro, sem o meu irmão Chris – nós não somos gêmeos, mas eu não seria nada sem você, JAMAIS viveria sem você; sem Dhyan Eagleton e Michel Meiffren, os meus pais super-rebeldes; meu irmão Gabriel e minhas irmãs Renée, Celeste e Lili; meus cerca de vinte primos; e os meus vários tios e tias. Então obrigada por serem os loucos corajosos que vocês todos são.

Joy Romero, Jessie Woodall, Laine Overley, Shandra von Dorp e Mindy Laks, minhas amigas até a morte, eu me sinto honrada de caminhar por este mundo com todas vocês. E Niko, Satya, Kaelin, Ryder, Ruby, Oliver, Brytin, Louis, Violet, Janie e Mechi, eu amo vocês.

Cory, obrigada por não se surpreender. Fico feliz por ter tido meus filhos com você e me sinto muito agradecida por todos os nossos anos juntos.

Eliam, meu irmão de armas da escrita, obrigada pelo dia perfeito na Filadélfia, por todos os anos de amizade que vieram antes disso e pelos que estão por vir. Você é demais.

Stu McKee, você tem sido o melhor e mais doce amigo há vinte anos. Talvez seja por mais 20.

Obrigada a Alex Eagleton, Elena Eagleton, Sarah Eagleton, Dani Kraiem, Robin Eagleton, S.J. Drummey, Eric Rosse, Jill Bailey, Stephanie Payne, Tobias Duncan, Elisa Romero, Laura Evelyn, Amanda Jane, Amber Pinnow, Charly Mabry, Prairie Rose, Jesika Brenna, Zena Hodges, Robert Sandoval, Oliver Charity, David Adjmi, Bonnie Pipkin, Tessa Roehl, Rachel Bell, Anais Rumfelt, Andrew Nowick, Cynthia Olguin, todo o clã Von Dorp, Dora McQuaid, os Robinsons, Erin Eagleton, Ted Wiard, Lisa Lastra e Pamela Pereyra, por serem fantásticas de modo geral. Cada um de vocês, de algum modo, fez com que este livro fosse possível, seja por inspiração accidental, com viagens de carro pelo país, palavras bondosas em momentos difíceis ou como exemplo de conduta com sua criatividade e sua resiliência aguçadas. Tenho muita sorte de conhecer vocês, de tê-los na minha vida.

Obrigada à minha mãe por ter me arrastado brava aos chutes e berros, em uma imersão nesta comunidade crua, passional, aberta, de pensamento livre, maluca, desenfreada, superdotada, radical e de tirar o fôlego, aos 14 anos. Taos, você é o meu coração, as batidas do meu coração. Chef Frederick Muller do restaurante El Meze, obrigada por me permitir usar o seu nome e o seu jeito. Você é um gênio. Agradecimentos pelo estilo da cozinha também vão para todos do Taos Pizza Out Back, por aguentarem os meus gritinhos quando chegou a notícia do livro, e por terem pulado sem parar comigo.

Eu não estaria em absolutamente lugar nenhum sem a Faculdade de Belas-Artes de Vermont e seus corredores assombrados ao estilo de Hogwarts. Todos os funcionários da administração até cada um dos docentes sábios e generosos me deram um lar e uma família de escrita de que posso me orgulhar. Agradecimentos especiais a Sharon Darrow, que me acolheu; a April Lurie, que me incentivou a ir mais fundo; a A.M. Jenkins, que me ensinou a identificar uma mentira emocional numa página, e por consequência no meu corpo e na minha vida; a Martine Leavitt, que me ensinou que não se é inútil quando não se tem nada, que basta recomeçar e se construir; e a Susan Fletcher, que pegou as pequenas coisas e que é uma das mulheres mais bondosas que conheço.

Ao meu mentor não oficial Matt de la Peña: nunca vou me esquecer de ter lido *I Will Save You* e de pensar “Eu quero fazer ISSO”. E então você se tornou meu amigo, coisa que comprova totalmente a minha afirmação de que a magia vive. Laura Ruby, a melhor primeira leitora DE TODOS OS TEMPOS: aquele foi um encontro casual, e se eu acreditasse em acaso... bom, eu não acredito. Ao pessoal da The Magic If: vocês são a melhor nova família mais legal de amigos. Amo vocês.

Muito obrigada à minha família da Folio, e a Emily van Beek em particular. Emily, você não é apenas a agente mais maravilhosa de todos os tempos, você é uma chefe estelar e uma amiga querida. Você não teve medo de dar o salto comigo, e por isso sou grata pelo resto da vida. Também tenho uma enorme dívida de gratidão com Molly Jaffa pelo trabalho dela no front do exterior. E agradeço todos os países que lutaram por mim e fizeram deste livro um sonho ainda maior que se tornou realidade. A Elizabeth Bewley, minha editora fantástica, e a todo mundo na HMH, obrigada por terem se arriscado comigo e por terem sido maravilhosos a cada dia desde então. Assim que abri a carta de vocês, soube que eram os escolhidos.

Sou infinitamente, infinitamente grata a cada pessoa que escolher este livro, a cada pessoa que fizer com que a leitura seja importante, que ache que vale a pena usar o tempo para explorar outros mundos e que divida esse tempo comigo.

Meus filhos maravilhosos, Lilu e Bodhi, minha razão para respirar, amores da minha vida, obrigada por sua paciência, seu amor, seus abraços e por simplesmente serem. Isto é para vocês.

Finalmente (suspiro), Chris, que não é meu irmão Chris, eu disse que não saberia compor uma música para você, então, em vez disso, escrevi. Como você e Cormac

McCarthy disseram, a beleza e a perda são uma só.

Mas a beleza triunfa.

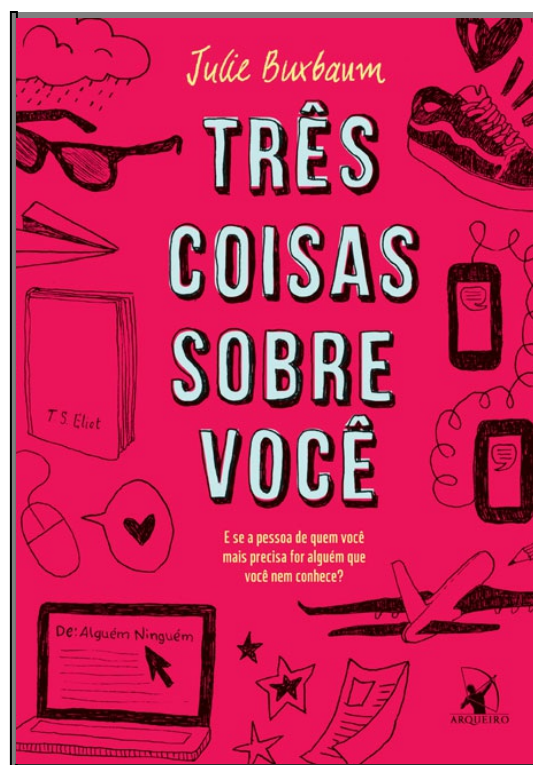
Amor.

Sobre a autora

Estelle Laure é fã do escritor Kurt Vonnegut e acredita no amor, na magia e no poder de encarar verdades difíceis. Possui bacharelado em artes cênicas e mestrado na faculdade Vermont de Belas-Artes, em escrita para crianças e jovens adultos. Mora em Tao, no Novo México, com os dois filhos. *Essa luz tão brilhante* é seu livro de estreia e já foi traduzido para mais de 10 idiomas. Em breve será lançada a sequência, *But Then I Came Back*, uma continuação da história de Lucille.

estellelaure.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



TRÊS COISAS SOBRE VOCÊ *Julie Buxbaum*

A história gira em torno de Jessie Holmes, que, há exatos 733 dias do falecimento de sua mãe, é obrigada a se mudar para Los Angeles depois que o pai se casa com outra mulher. Ela não conhece ninguém na cidade e ainda tem que dividir o teto com a madrastra e o meio-irmão, com quem tem dificuldades de relacionamento. Na nova escola, também enfrenta problemas: acha que não se encaixa e que não vai conseguir fazer novas amizades.

Mas seu processo de adaptação se torna mais fácil quando passa a receber e-mails anônimos de um remetente que se autointitula “Alguém Ninguém”, ou apenas “AN”. Apresentando-se como um conselheiro virtual, ele promete ajudá-la a conhecer melhor a escola, dizendo quem são as pessoas mais legais e de quais deve manter distância, o que fazer para se sair bem nas matérias e como lidar com os eventos escolares.

A troca de mensagens logo se transforma em amizade, e a insegurança de Jessie é substituída por novas sensações enquanto ela se apaixona por alguém que nunca viu, ouviu ou tocou.



MAR DA TRANQUILIDADE
Katja Millay

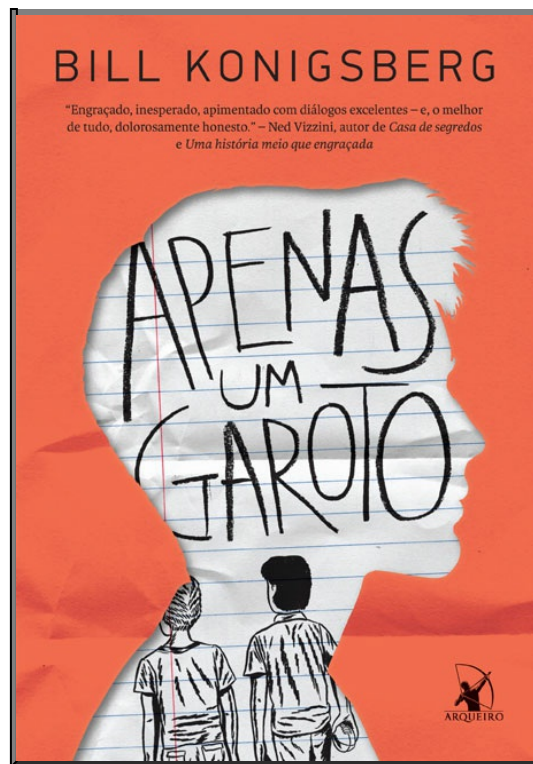
Nastya Kashnikov foi privada daquilo que mais amava e perdeu sua voz e a própria identidade. Agora, dois anos e meio depois, ela se muda para outra cidade, determinada a manter seu passado em segredo e a não deixar ninguém se aproximar.

Mas seus planos vão por água abaixo quando encontra um garoto que parece tão antissocial quanto ela. É como se Josh Bennett tivesse um campo de força ao seu redor. Ninguém se aproxima dele, e isso faz com que Nastya fique intrigada, inexplicavelmente atraída por ele.

A história de Josh não é segredo para ninguém. Todas as pessoas que ele amou foram arrancadas prematuramente de sua vida. Agora, aos 17 anos, não restou ninguém. Quando o seu nome é sinônimo de morte, é natural que todos o deixem em paz. Todos menos seu melhor amigo e Nastya, que aos poucos vai se introduzindo em todos os aspectos de sua vida.

À medida que a inegável atração entre os dois fica mais forte, Josh começa a questionar se algum dia descobrirá os segredos que Nastya esconde – ou se é isso mesmo que ele quer.

Eleito um dos melhores livros de 2013 pelo *School Library Journal*, *Mar da Tranquilidade* é uma história rica e intensa, construída de forma magistral. Seus personagens parecem saltar do papel e, assim como na vida, ninguém é o que aparenta à primeira vista. Um livro bonito e poético sobre companheirismo, amizade e o milagre das segundas chances.

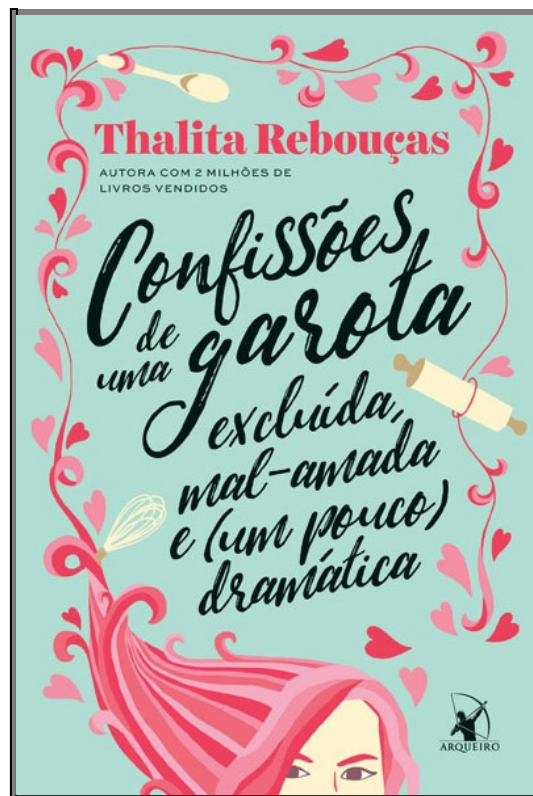


APENAS UM GAROTO
Bill Konigsberg

Rafe saiu do armário aos 13 anos e nunca sofreu bullying. Mas está cansado de ser rotulado como o garoto gay, o porta-voz de uma causa.

Por isso ele decide entrar numa escola só para meninos em outro estado e manter sua orientação sexual em segredo: não com o objetivo de voltar para o armário e sim para nascer de novo, como uma folha em branco.

O plano funciona no início, e ele chega até a fazer parte do grupo dos atletas e do time de futebol. Mas as coisas se complicam quando ele percebe que está se apaixonando por um de seus novos amigos héteros.



CONFISSÕES DE UMA GAROTA EXCLUÍDA,
MAL-AMADA E (UM POUCO) DRAMÁTICA

Thalita Rebouças

Tetê acaba de se mudar com a família toda para Copacabana, no Rio de Janeiro, para a casa dos avós. O lindo e espaçoso apartamento da Barra da Tijuca em que morava teve que ser vendido, pois com a crise o pai foi demitido, e o resultado é que a vida dela virou de cabeça para baixo.

Além de perder a privacidade, tendo que dividir o espaço com cinco parentes malucos que brigam o tempo todo, ela perdeu todas as suas referências. A única coisa que a deixa feliz é cozinhar. E, claro, comer as delícias que faz.

O lado bom foi se livrar do antigo colégio, no qual sofria bullying por causa de seu jeito peculiar. Sem contar sua desilusão amorosa... O problema é que ela está apavorada, porque agora tudo será novo e estranho, com o ensino médio, com a nova escola, e sem conhecer ninguém. E morre de medo de ser excluída ou de sofrer bullying novamente.

Ela está bem mal, para dizer a verdade. Ou talvez seja um pouco de drama, porque já no primeiro dia as coisas parecem ser um pouco diferentes... Pelo jeito, tudo vai mudar, e para melhor.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Dia 14](#)

[Dia 27](#)

[Dia 28](#)

[A noite que foi o fim de tudo](#)

[Dia 28 – continuação](#)

[Dia 49](#)

[Dia 50](#)

[Dia 53](#)

[Dia 54](#)

[Dia 61](#)

[APFL \(Antes de o Papai Ficar Louco\)](#)

[Dia 61 – continuação](#)

[Dia 62](#)

[Dia 67](#)

[Dia 69](#)

[Dia 71](#)

[Dia 72](#)

[Dia 73](#)

[Dia 1](#)

[Há muitos anos](#)

[Dia 2](#)

[Dia de Mudança AD \(Antes de Digby\)](#)

[Dia 3 \(madrugada\)](#)

[Ainda o dia 3](#)

[Dia 4](#)

[Dia 5](#)

[Dia 7](#)

[Dia 7 \(ainda\)](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)